

Revista

N.º 23 — 1969

da

Academia Sergipana de Letras

DIRETOR: JOÃO E. CAJUEIRO

Í N D I C E

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS — Acadêmicos Efetivos	
Acadêmicos Correspondentes. Diretoria	3
Dr. MANUEL CABRAL MACHADO — Discurso de Posse na Academia Sergipana de Letras	5
Des. LUIZ PEREIRA DE MELO — Saudação ao Dr. M. Cabral Machado”	33
Dr. GONÇALO ROLLEMBERG LEITE — O Direito e as Letras (Discurso de Posse)	63
Dr. JOSÉ DA SILVA RIBEIRO FILHO — Saudação ao Dr. Gonçalo Rollemberg Leite	88
Dr. J. PIRES WYNNE — JOÃO RIBEIRO — Paciência e Sabedoria”	100
J. FREIRE RIBEIRO — Dom Mário Vilas-Boas (O Adeus da Academia)”	109
Dr. JOSÉ OLINO — Poesia Modernista	113
Prof. SEBRAO, SOBRINHO — Não se Humilhe a Barroso . .	119
Prof. JOAQUIM MAURÍCIO CARDOSO — Páginas Inesquecíveis	122
Des. ANTERO MONTENEGRO MEDEIROS — Palavras de Saudação”	126
REDAÇÃO — Homenagem e Agradecimento	129

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

CADEIRAS E PATRONOS	ACADEMICOS ANTECESSORES	ACADEMICOS ATUAIS
1. Tobias Barreto	Garcia Rosa	Antônio Garcia Filho
2. Silvio Romero	Magalhães Carneiro	Felte Bezerra
3. Fausto Cardoso	Cleômenes Campos	Santo Souza (Eleito)
4. Bittencourt Sampaio	José Augusto da R. Lima	...
5. Ivo do Prado	Dom Antônio Cabral	J. Silvério L. Fontes
6. Gumersindo Bessa	Gilberto Amado	...
7. Curvelo de Mendonça	Ranulfo Prata	Luiz Pereira de Melo
8. Felisbelo Freire	Manoelito Campos	...
9. Maximino Maciel	...	Rubens de Figueiredo
10. Lapa Pinto	Artur Fortes	Severino Uchoa
11. Lima Júnior	Costa Filho	José da S. Ribeiro F.º
12. Severiano Cardoso	...	Mans. Carlos Costa
13. Frei Santa Cecília	Clodomir Silva	J. Freire Ribeiro
14. Horácio Hora	Santos Melo	João E. Cajueiro
15. Armindo Guaraná	Helvécio de Andrade	Garcia Moreno
16. Pedro de Calasans	Hermes Fontes	Exupero Monteiro
17. Ascendino dos Reis	Oliveira Teles	Mário Cabral
18. Vigário Barroso	Dom Mário Vilas Boas	D. Luciano Duarte (Eleito)
19. Pereira Barreto	...	Pires Wynne
20. Coelho e Campos	Alfeu Rosas	Jorge de Oliveira Neto
21. Caldas Júnior	...	J. Maurício Cardoso
22. Martinho Garcez	João Passos Cabral	José Augusto Garcez (Eleito)
23. Ciro de Azevedo	Prado Sampaio	Gonçalo Rollemberg
24. Pedro Moreira	Francisco Leite Neto	Leite
25. Dias de Barros	C.º Júlio de Albuquerque	Josué Silva
26. Fernandes da Silveira	Carvalho Neto	M. Cabral Machado
27. Manuel Luiz	...	José Sebrão de Carvalho, sobrinho
28. Conselheiro Orlando	Gervásio Prata	Benedito Cardoso
29. Jackson de Figueiredo	...	Osman Hora Fontes (Eleito)
30. José Jorge	Enock Santiago	Mons. Domingos Fonseca de Almeida
31. Gomes de Sousa	João Estêves	José Olinó de Lima Neto
32. Oliveira Ribeiro	Édson Ribeiro	C.º Filadelfo de Oliveira
33. Oliveira Campos	...	Seixas Dórea
34. Aranha Dantas	Olegário Silva	Humberto Dantas
35. José Loureço	...	Clodoaldo de Alencar
36. Brício Cardoso	...	Augusto Leite
37. Joaquim de Oliveira	Pedro Machado	Hunald Cardoso
38. Guilherme Rebêlo	...	Luiz Garcia
39. Joaquim Fontes	...	Marcos Ferreira
40. Baltazar Góis	...	Zózimo Lima
		Epifânio Dória

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES

CADEIRAS E PATRONOS	CORRESPONDENTES ATUAIS	RESIDÊNCIA
1. João Ribeiro	Antenor Nascentes	Rio de Janeiro (GB)
2. Nobre de Lacerda	Gastón Figuera	Montevideu (Uruguai)
3. Graccho Cardoso	Gilberto Freyre	Recife (PE)
4. Fernandes de Barros	Orlando Damasceno	São Paulo (SP)
5. Ranulfo Prata	Alberto Deodato	Belo Horizonte (MG)
6. Helvécio de Andrade	Ari Martins	Pôrto Alegre (RGS)
7. Carvalho Neto	Paulo Carvalho Neto	Quito (Equador)
8. Moitinho Dória	Heitor Fróis	Salvador (BA)
9. Pena Júnior	Aníbal Freire	Rio de Janeiro (GB)
10. Abreu Fialho		
11. Sinfrônio Cardoso	José Américo de Almeida	João Pessoa (PA)
12. Bernardino de Sousa	Luiz da Câmara Cascudo	Natal (RGN)
13. Manuel Bonfim	Barreto Filho	Rio de Janeiro (GB)
14. Heitor de Sousa	Dom Adelmo Machado Cavalcânti	Maceió (AL)
15. Justiniano de Melo e Silva	José Calasans	Salvador (BA)
16. Josino Cotias	Renato de Alencar	Rio de Janeiro (GB)
17. D. Domingos Quirino		
18. Manuel dos Passos	Alves Ribeiro	Salvador (BA)
19. Pe. Leonardo Dantas	Alves Ribeiro	
20. Garcia Rosa	Amazonas Duarte	Santos (SP)
	Jacinto de Figueiredo	Aracaju (SE)

Diretoria da Academia

(1969—1971)

PRESIDENTE :	João E. Cajueiro
VICE-PRESIDENTE :	Marcos Ferreira de Jesus
SECRETÁRIO-GERAL :	Zózimo Lima
1.º SECRETÁRIO :	J. Freire Ribeiro
2.º SECRETÁRIO :	José Olino de Lima Neto
TESOUREIRO :	José Sebrão de Carvalho, sobrinho
BIBLIOTECÁRIO :	Luiz Pereira de Melo

DISCURSO DE POSSE DO DR. MANUEL CABRAL MACHADO NA CADEIRA 25

Senhor Presidente e Senhores Acadêmicos:

Minhas senhoras e meus senhores:

Eleito, faz pouco tempo, para a Academia Francesa, Henry de Montherlant, rindo a boa blague gaulesa, andou a dizer que não havia pedido em casamento a velha dama do Quai Conti, antes, pelo contrário, fôra forçado, insistentemente, a consentir a união matrimonial. E, para que a noiva aliviasse a mágoa, o autor de "Les Célibataires" terminou por enviar à inteligente senhora "un cadeau de noces". A jóia é uma carta de Florian ao tio provinciano, narrando-lhe suas "courses" e "opérations" a fim de suceder o Cardeal Luynes, na vaga deixada na Academia.

Escrevera, então, o fabulista do "setecentos": "Je trouvé la moitié de l'Academie peu disposée à me donner sa voix. M. Vicq d'Azir, mon rival, qui n'est point traducteur d'Homère comme vous le dites, mais qui a peut être tué plus de monde qu'on n'en voit mourir dans Homère, car il est médecin..." E continua, descrevendo a batalha eleitoral: "Un bataillon de femmes à vapeurs, de malades sans maladie, de belles dames que se croyaient guéries par Vicq d'Azir, sonnèrent l'alarme et tous les amis, amants, époux, créatures, etc., sollicitèrent contre moi..."

Com tal presente de núpcias, Montherlant quis repelir o tradicional processo de escolha nas Academias. Oponho-me, também, a semelhantes pedidos de casamento. Preferível seria o costume brasileiro de outros falarem pelo pretendente, ou então o sistema matriarcal — o de a mulher dar os primeiros passos e promessas. Realmente,

seria agradável ser atraído por esta nossa bela balzaqueana que, apesar dos anos vividos, não possui casa própria, deixando-se amar nos salões alheios.

Por minha timidez e desvalia, felizmente, não venci concorrentes à mesma noiva, poupando-me o constrangimento das “visitas”, ou o jôgo dos apelos, com tôdas as negaças e ofensivas. Afinal, como não aspirar à mão cobiçada?! Na pequenina província, as honras disponíveis são miúdas e os homens não são maiores do que os títulos. Não se trata, ainda, de dar à espôsa um nobre nome, nem uma glória possível, se de mim os méritos mínguam.

Cuidei-me feliz no pretender o prêmio da convivência, na Academia Sergipana, por desejo de enriquecer-me da presença dos que amam e fazem as boas letras. E se descreio dos meus engenhos, conforta-me a pretensão, a alegria do convívio entre companheiros insignes.

Vossa indulgência, Senhores Acadêmicos, responde, unicamente por minha eleição. Distinguido com a cadeira ocupada por Carvalho Neto, não sei se a escolha fôra feita pelo contraste ou se... aquela ironizada por Agripino Grieco na sucessão de Rui. Creio visar o critério da eleição, menos homenagear um estudioso do Direito, do que preservar o nome de Carvalho Neto, o maior de todos nós — de morrer no esquecimento das novas gerações.

Penso nas palavras de Ducis ao substituir Voltaire na Academia Francesa: “Il y a des hommes à qui l'on succède, mais que personne remplace”. Em vista de tudo isto, não poderei proferir uma oração de fariseu, mas palavras humildes de publicano. Outros poderiam estar, nesta Casa, recebendo as homenagens, não fôssem as vossas complacências.

De mim, sei o haver sido um intelectual frustrado. Fruto temporão, hoje, talvez, definitivamente péco, mas agora com aspirações renovadas.

Quando comecei por entender-me, no definhar da adolescência, as letras foram minha paixão mal disfarçada. Andei, mesmo, a escrever, em pouca idade, versos duros e poemas românticos que muito me valeram na conquista das namoradas inesquecíveis. Uma delas levou a pior, vindo a tornar-se, anos depois, a mãe dos meus filhos.

Por um soneto construído de paralelepípedos — meu primeiro soneto — já na primeira série ginásial no Colégio Salesiano, cantara a florescência de certa garôta, e isto fêz desabar sôbre mim um tremendo castigo do padre, responsável pela disciplina no colégio. Hoje, a Musa primitiva é matrona, começando a descair em anos e peles, ressurtindo na beleza das filhas môças. “Eros — diz Platão no Banquete — é um poeta tão sábio que de todos nós faz poeta”.

Se o escrever vem do Ginásio, o vício da leitura apanhei-o na escola primária. Meu tio Pe. Juca, no seu Colégio São José, certos dias, às tardes, costumava despertar o gôsto literário dos alunos, lendo contos e romances. Vem daí, da Capela, o meu conhecimento, muito cedo, com Machado de Assis e, até hoje, não esqueço a capitosa Capitu. Guardo, também, a lembrança de Alencar, Herculano e o delicioso Raulfo Prata, especialmente o livro de contos “A longa estrada”, nunca mais visto, nem sentido, perdendo-se na paisagem infantil.

Só no Ginásio, porém, comecei a escrever e publicar poemas e artigos nos jornalecos estudantis. No fundo, o grande desejo de tornar-me escritor. É por isso que, apesar dos pesares, acho não me haver realizado, e a vossa companhia, na república das letras sergipanas, de certo modo, é uma doce compensação a uma simpatia malograda.

E no tempo-lazer, agora valorizado por Gilberto Freire para o consôlo do meu amigo Fernando Nunes, no tempo-lazer que sobra da corrida nas horas, eu também realizo romances, ensaios e poemas, a maioria no vazio das tardes longas ou nas noites de olhos secos, restando, de tudo, poucas páginas rabiscadas e que ficam, enfermças e pobres, amealhadas em velha pasta. Minha mulher insiste para que eu escreva um livro. Digo-lhe sorrindo que escrever um livro é como ter um filho. E êstes dão mais prazer e menores dissabores.

Ora, na “Doce Província”, nossa e do Garcia Moreno, difícil é não ser o diletante fradiqueano, fazendo tudo e não fazendo nada, ou então, impossível é evitar o tranqüilo recolhimento neste “não paga a pena sergipano”. Ademais, para escrever um livro, é preciso publicá-lo. Só se publica, gastando. E gastar não é dos meus bons hábitos.

Em conseqüência, pela vocação falha, embora com expectativas realizadas, pelos pálidos lampejos das gloriólas conquistadas que a província encandesce quando não apaga, sou feliz neste encontro de-

finitivo. Principalmente, pelos horizontes abertos e ainda pela esperança da reconquista do tempo perdido, mesmo sem Proust ou Joyce.

Se, no conceito de Ruskin, "tôda arte verdadeira é adoração", poderei, também, permanecer adorando, apesar de mudo, Pigmaleão diante de Galatéia viva.

Senhores Acadêmicos, contente que estou pela investidura, inquieta-me o espírito a carência dos sopros criadores, até porque temos de insistir na criação literária. Sei dos achaques de que padeceis, mas reconheço, do mesmo modo, as grandezas de cada um. Só os pavões esquecem os pés, e somente os egotistas, absortos nos pés finos e tortos dos pavões, não surpreendem suas plumagens.

Tantos os que negam as Academias! Os intelectuais moços, principalmente, vos combatem. Posso compreender e justificar a reação dos novos, julgando esgotadas as Academias, por repetir velharias no estilo, nos temas e nas atitudes. É que os moços falam outra linguagem. Aos ataques recebidos, nosso cuidado será a tolerância, porque amanhã êles serão, também, os vilipendiados, pela geração que, agora, está nos cueiros.

Certo que as Academias guardam as velhas gerações literárias. Nestas, acham-se os sobreviventes de uma época anterior e que são as testemunhas de um passado perdido. Possuem sensibilidade estética diferente e não aceitam aventuras artísticas. Há, ainda, nas Academias, a geração adulta. A geração que está no poder, construindo a sua mensagem, dentro das linhas dos valores vigentes, num mundo que oferece as contradições, causas da ruína e — por que não da glória? — dos homens do tempo.

Além dos adultos, vivem os moços. Fazem a geração literária de oposição estrepitosa e arrebatada. Possuem — diz Julian Marias — "una eficacia histórica plena, pero que no se ha impuesto todavia, sino que lucha com la anterior y trata de sustituirla en el poder y realizar las inovaciones a que se siente llamada".

Trata-se de uma geração romântica, porém revolucionária. Sua oponibilidade às Academias singulariza vantagens para a literatura. Os velhos e os adultos padecem, quase sempre, de rotina, ronronando temas gastos, formas arcaicas, espírito retrógrado. As vezes, a alta suficiência faz com que as produções acadêmicas, como diz André

Rousseau "même si elles sont riches de justesse et de saveur, demeurent choses de plume et de papier".

Claro, às Academias não cabe sustentar formas obsoletas como verdadeiros exercícios escolares. Não lhes compete, porém, estar na ponta do sucesso inovador, dançando o chá-chá-chá. Os moços podem e devem fazer as últimas aventuras. Suas qualidades têm de ser anti-acadêmicas. Anti no sentido de ser contra o feito, o estabelecido, o fixado. Não há perigo que as novas gerações literárias padeçam de imaturidade. O perigo é os velhos procurarem ser mais velhos, arriando-se na rotina.

As Academias, portanto, precisam aceitar o diálogo com os moços, embora êstes revolucionários tragam uma linguagem dura. De certo modo, a vida literária revela maior clareza, se apreciada sob a forma dialética. Thibaudet, o crítico francês, acentuou "o contraste entre dois mundos que foram outrora o clássico e o romântico e que conseguiram mudar de nome sem mudar o papel e a direção. Ou, mais precisamente, criou partidos".

Inapelavelmente, as sociedades acadêmicas tomam o partido clássico, embora as disciplinas clássicas não mais informem o gosto comum e êste seja uma vitória da sensibilidade romântica, que não é uniforme, mas variada e rica. O defeito do partido clássico, e, em consequência, das academias, é o extremado receio dos caminhos desconhecidos. O pavor às inovações. A exagerada preocupação de equilíbrio, face à nobreza da atitude literária.

Ora, os moços, sempre na extrema do partido romântico, sem compromissos com o passado, precipitam-se nas inovações e experiências, fragmentando-se no pluralismo estético, caindo até no precioso ou no prosaico.

As três gerações literárias, presentes em todos os tempos — os velhos, os adultos e os moços — mostram a variedade do painel das letras. O nosso mundo desafoga uma diversidade de gostos. Há um público para cada autor. Será isto uma crise?

Por que ignorar o truísmo — a crise do nosso tempo?! Quando vejo o mundo partido e o poder diabólico dos engenhos do homem, e penso não ser possível parar a terra que rola aos nossos pés, digo com Huizinga que vivemos num "mundo dementado". As estruturas sociais vacilam. Os valores estabelecidos não são mais amurada ao

mar das paixões ou interêsses. Indago com Jaspers: — O homem moderno é um desraizado? Por que já não é um ser biològicamente condicionado?

Certo que a problemática da nossa época se espraia nas boas letras. Realmente, a literatura não é autônoma. Não se realiza num plano além da vida. "Humanidad — diz Satz — es condicionamento social, es cultura. El arte está condicionado socialmente. La relación es circular. El arte brota del pueblo y en retribución lo nutre y enriquece".

Há, ainda, crise metafísica nesta literatura mergulhada na esbórnia? Claro que não se justifica um angelismo literário, pelo fato de os homens possuírem sexo, como não se compreende a literatura "faisandée", de exaltação, unicamente, das potências genésicas.

Ademais, no século, há a desnaturalização da palavra. Ora, a poesia é pura linguagem, ora, nos poemas concretistas, as coisas querem substituir seus sinais. E até, o anelo de comunicação e de entendimento faz o autor criar palavras novas, ou alterar-lhes o sentido.

De qualquer forma, é o partido romântico que deflagra a crise. E as formas literárias clássicas não agüentam conteúdos novos. Os românticos inovam e avançam. A missão verdadeira do partido clássico é transaccional, pois tem sentido generalizador, uniformizando tendências, apurando diversidades acidentais, a fim de que os valores fixados atinjam eficácia universal.

Da faina dos garimpeiros, os lapidários criam as jóias imperecíveis. É persistir, portanto, que os moços sejam livres e que os adultos não se imobilizem no passado. Isto não significa negar-se a tradição. Ademais, a tradição é espírito comum que haverá de absorver o espírito próprio de cada época, assegurando a homogeneidade da trama histórica. O essencial é que todos trabalhem, cultivando a arte na tentativa de surpreender o belo. Este será o meu mais profundo propósito ao aceitar as vossas homenagens.

A CADEIRA N.º 25

Com esforço e boa vontade, anoto certas coincidências na história da cadeira n.º 25. O patrono é um Antônio — Dr. Antônio Dias de Barros. Instituíra-a, ocupando-a originariamente, outro Antônio

— Dr. Antônio Manuel de Carvalho Neto. Assim, dois insignes Antônio imortalizaram a poltrona n.º 25. Agora, o sucessor é somente um Manuel. Mas o pai do primeiro dos Antônio era outro Manuel — Manuel Dias de Barros Junior. Minha presença poderá parecer uma volta às raízes.

O patrono Dr. Antônio Dias de Barros deveria ter sido um Carvalho, por direito ao gentílico da mãe — D. Maria Prisciliana de Carvalho. Se engelhido antes, no primeiro dos Antônio, o Carvalho rompe, destemeroso e esplêndido, no segundo dos Antônio. De mim, porém, reponta outro signo.

Patrono, criador e sucessor participam, entretanto, de algumas coisas em comum: o magistério superior, a atividade política e, por que esconder? — a exaltação amorosa. O primeiro, perdendo-se por tôdas as mulheres. E os dois últimos, perdidos, unicamente, pela mulher amada.

Dos três, todos parlamentares, os dois primeiros alcançaram o Congresso Nacional. O último, ainda espera a vez, difícil e remota.

O PATRONO

Antônio Dias de Barros nasceu no Aracaju pantanoso de 1871, em dezembro, 19. Aqui suportara o ensino primário e as torturas, prováveis, das Professôras Maria Damásio e Angélica Teles de Menezes. Fruiu, no entanto, as delícias do curso de humanidades, no Partenon Sergipense do Dr. Ascendino Ângelo dos Reis e no Ateneu Sergipense, concluindo o Ginásio e a vadiagem na Bahia, nos colégios Manuel Florêncio, Salvador, Sete de Setembro e Liceu Baiano. No ocaso do Império, em 1889, é acadêmico na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia. Se concluísse o curso em Salvador, meu pai, Dr. Odilon Ferreira Machado, seria seu calouro.

No terceiro ano, o estudante Antônio Dias de Barros transfere-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e, em 9.1.1895, recebe o grau de doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas.

“Inteligência agil — escreve Epifânio Dórea — já no primeiro ano do curso médico, quando na Faculdade de Medicina da Bahia, entrou em concurso para obter o lugar de ajudante de preparador da

Cadeira de Botânica e Zoologia Médicas, logrando ser classificado em 2.º lugar”.

No Rio, serviu como interno no Hospício Nacional de Alienados e na Clínica Psiquiátrica na Faculdade e também, em Minas, no Sanatório de Barbacena. Discípulo amado de Chapot Prévost, após a formatura, consegue ser nomeado Preparador de Histologia, na Faculdade de Medicina.

Em 1897, vai à Europa, acompanhando um cliente rico. Sergipano ativo (perdão pelo eufemismo) Dias de Barros, na Inglaterra, no Hospital São Bartolomeu, acompanha os trabalhos de James Berry. E na Bélgica, em Louvain, faz curso universitário de Citologia com Carnoy e, em Paris, realiza outros estudos.

De volta ao Brasil, em 1899, na Faculdade de Medicina do Rio, submete-se a concurso para Professor Substituto, sendo aprovado em 1.º lugar. Só em 1906, torna-se Professor Catedrático de Bacteriologia, transferindo-se depois para a cátedra de Histologia, aí permanecendo até 1925 quando pôsto em disponibilidade.

“A “Revista Terapêutica”, de junho de 1928, em necrológio, documenta: “Dias de Barros desapareceu sem deixar a bagagem científico-literária que era de esperar da sua capacidade de trabalho e da facilidade extraordinária com que manejava a pena”. Viveu, entretanto, esclarece o “Brasil Médico” “esbanjando o seu peregrino talento e sua cultura variada em artigos, discursos, conferências, preleções, monografias, pareceres e relatórios que não dão idéia completa do valor intrínseco de sua alta mentalidade.”

Dirigiu Dias de Barros o Hospício Nacional de Alienados e a Sociedade de Medicina e Cirurgia. Exercera o mandato de deputado Federal (8.ª Legislatura — 1912/14), durante o govêrno de Siqueira de Menezes.

Dos seus trabalhos escritos, li o opúsculo — “Epilepsia de Napoleão”, rebatendo um artigo de Cabanes: “Napoleon est-il un épileptique?” Gostaria de conhecer as suas publicações: “Os direitos do embrião” e “O médico ante o problema do livre arbítrio”. Não consegui, porém, deglutir a primeira página de sua tese de concurso — “Da Cromotólise”.

Tentou, ainda, a crítica literária, escrevendo sôbre Xavier Marques e Ferreira de Castro. Dos ensaios políticos, restam o “Manifesto

aos sergipanos” e o “Como se deve compreender o radicalismo em política”.

Dias de Barros, porém, ficou célebre no Rio de Janeiro por um estranho fato: em pleno Teatro Municipal, numa noite de grande gala, encantado pela beleza feminina, no intervalo da ópera, plantou, aliviado, a estrêla de um beijo, na bôca de uma môça da alta sociedade carioca. E o escândalo chega até nós, agora divertido e lírico, mal abafado por quase meio século.

Este, em traços rápidos, o patrono — Professor Antônio Dias de Barros. Homem talentoso e culto, exuberante e emotivo, dominando com arte a palavra e a pena, viveu sob as aspirações da inteligência e os impulsos imoderados do coração.

O criador da poltrona, Dr. Antônio Manuel de Carvalho Neto, porém, é homem de outra vida, outro caráter e outras luzes.

O FUNDADOR

Nos fins do século passado, Simão Dias era uma pequena cidade, já em vigília às fronteiras sergipanas. As famílias ricas, vivendo dos currais nas extensas fazendas, orgulhavam-se da branquidade, das poses e dos velhos costumes. Os casamentos, numa endogamia cantonal, uniam as estirpes, alargando o grupo de parentes, enquanto a política, algumas vêzes, dilacerava e dividia os homens.

E das núpcias do Dr. Joviniano Joaquim de Carvalho e D. Josefina Freire de Carvalho, a 14.2.1889, nascia o menino batizado por Antônio, em homenagem ao avô materno. Caem os anos e os pés da infância de Carvalho Neto correm alegres nas ruas de Simão Dias.

Imagino-o o garôto aplicado, desde cedo, cursando a escola primária com vivacidade e interêsse. O pai, médico, cuidava da política, sustentando o prestígio familiar, enquanto D. Josefina, bondosa e maternal, se absorvia nos quefazeres domésticos. Ainda hoje existe em Simão Dias, na Praça da Matriz, o velho solar sob o chão da infância de Carvalho Neto.

Depois são os preparatórios em Aracaju, no Colégio Alfredo Montes. Escreverá mais tarde: “Aracaju de outros tempos... Aracaju de minha mocidade... Foi essa a época das grandes chácaras, dos ricos pomares, dos sítios florestados, como dádivas da natureza no coração

da cidade. A chácara de Moura Matos, a chácara de Cazuza Barros, o sítio de Luisinho, os amplos quintais de fruteiras, imensos espaços verdes fazendo a moldura da Capital dos Coqueiros”.

Em Aracaju, o môço estudante, porém, vivia prêso a Simão Dias. Começava a amar a menina môça Vetúria, filha de abastado negociante e fazendeiro progressista, Cel. Felisberto Prata. Eram amôres a distância. No sobradão da rua do comércio, o velho Felisberto morava em cima e comerciava no andar térreo. Às horas combinadas, a môça aparecia à janela, trocando a ternura dos olhares com o estudante em férias. Os encontros raros, nas festas da família, eram rápidos e furtivos, pois os pais prendiam a môça, dificultando o namôro prematuro.

Durante o curso de humanidades, Carvalho descobrira a vocação. Deseja doutorar-se em leis. Sente-se arrastado à atividade intelectual. Faz versos à bem-amada. Escreve artigos, manifestando cedo a paixão política. Concluído o curso, com saudades e esperanças, vai estudar no Rio, na Faculdade Livre de Direito. A grande cidade não lhe faz esquecer a mocinha de sua terra natal. Vêm as cartas, os postais e novos versos de amor e de saudades.

As férias eram uma renovação de alegrias. Os folguedos entre primos e amigos. As danças e caçadas. Os passeios a cavalo e os amôres mais românticos. E também a atividade política, os discursos inflamados, na ajuda ao pai deputado federal.

A felicidade dura pouco. O acadêmico vibrátil, a 6.1.1911, cola grau de bacharel em Ciências Jurídicas. Teria de começar vida nova e dura. Tenta a advocacia na Capital Federal. Os bons fados políticos sopram para os seus. E o môço doutor é eleito deputado estadual, na legislatura 1912/13, tornando-se o líder do govêrno Siqueira de Menezes.

De logo, o deputado impressiona pela inteligência e erudição. Apresenta projetos de leis. Emite pareceres. Discute a administração pública, tudo com proficiência e capacidade de trabalho. Desta época, destaca-se o projeto de Reforma da Instrução Pública.

Depois... renuncia o mandato e ingressa na Magistratura. Como Juiz em Itabaiana, realiza o sonho de vinte anos. E traz Vetúria, bonita e feliz, como espôsa, após as bênçãos da Igreja e o pagode no sobradão do Cel. Felisberto.

Agora o jovem juiz ama e estuda, em Lagarto ou Itabaiana. Preparava-se, com afinco, para os altos remígios. Com Pereira Lôbo no governo, participa da administração, dirigindo a Instrução Pública, com probidade e eficácia. É um homem vitorioso no meio cultural sergipano. Gozando da confiança e da admiração do Presidente do Estado, elege-se deputado federal, por duas legislaturas sucessivas, 1921/23 e 1924/26.

Assim, deixa Aracaju, onde morava com espôsa e os primeiros filhos, em casa alugada na rua de Itabaianinha, e passa a residir no Rio de Janeiro, numa pensão, na rua do Catete. Posteriormente, aluga uma casa na rua S. Cristóvão, de onde a menina Celina saía, medrosa e arrumadinha, para estudar no colégio. Só na 2.^a legislatura, adquire a casa do Ipanema.

Em 1926, fervia a política sergipana. Graco Cardoso, presidente, manobrava. Carvalho confiara no governo e, no Rio, tudo se arruma com o sacrifício dos amigos do Senador Pereira Lôbo. Inúteis foram os esforços de Bueno Brandão, político mineiro, tentando salvar Carvalho. Não fazendo parte da chapa oficial, candidato de oposição, num tempo de eleições a bico de pena, Carvalho Neto não consegue a recondução, à Câmara Federal.

Volta, assim, à província. E volta para a planície política. Em Aracaju, abre banca de advogado e ganha dinheiro. Após a queda do partido, a fortuna lhe sorri. Permuta a casa do Rio com o palacete da rua Pacatuba e se instala com a espôsa e filhos. Nos anos de ostracismo, consegue progresso econômico. É o maior advogado do Estado.

Só com a Revolução de 1930 e a ascensão do Interventor Maynard Gomes, seu amigo e cliente, é que Carvalho Neto volta ao poder.

Nomeado consultor Jurídico do Estado, com a redemocratização é eleito deputado à Assembléia Constituinte em 1934. Com Eronides de Carvalho no governo, lidera a oposição, mas perde o mandato e o cargo, em 1937, após o golpe que instituiu o Estado Nôvo. Tempos difíceis agora. Os filhos nos estudos. As despesas aumentadas e êle em dura vida de advogado, num regime ditatorial.

Com os amigos, conspira pela volta do Interventor Maynard Gomes. O velho revolucionário goza da confiança do Presidente da República, embora esteja debaixo, em Sergipe. Afinal, Getúlio aco-

moda a política sergipana. Vem Milton Azevedo como Interventor e os amigos de Maynard galgam o poder. Readmitido Consultor Jurídico, Carvalho é um dos homens de mais prestígio no Estado. Depois, com o General Maynard no governo, continua a influenciar na administração. Foi assim que vim conhecê-lo, pessoalmente, quando aqui cheguei recém-formado e aspirando a um lugar ao sol.

Culturalmente, esta é a fase mais produtiva de Carvalho Neto. Escreve pareceres. Publica livros e artigos. Pronuncia os discursos mais brilhantes. Está na plenitude da inteligência. Dirige instituições culturais e científicas, como a Academia Sergipana de Letras, o Conselho Penitenciário, o Conselho Estadual de Educação e de Assistência Social, a seção estadual da Ordem dos Advogados, a do Ibccc. Organiza o Patronato dos Liberados. Participa, com relêvo e brilho, de vários Congressos Jurídicos e de Conferências de Direito Penitenciário, apresentando teses originais e eruditas. Examina concursos para Catedrático na Faculdade de Direito da Bahia.

No governo José Rollemberg Leite, organizada a Faculdade de Direito de Sergipe, foi eleito seu primeiro Diretor. Cercado dos moços, seus admiradores, Carvalho envelhecia feliz, produzindo sempre, inclusive escrevendo romances. O filho Paulo enveredara pela literatura e o pai parece escrever especialmente para o seu último rebento.

Participando dos pleitos políticos, recordo o memorável discurso pronunciado na praça pública, em Aracaju, na eleição de Dutra, quando respondera, fulminante e iluminado, a um aparte magro com raízes nos canaviais. Acrísio Cruz, uma inteligência privilegiada, ainda guarda, de memória, trechos dêste discurso célebre.

Vale repetir a resposta de Carvalho ao aparte insólito: "Ou Sergipe no Parlamento brasileiro com o seu civismo, com a sua inteligência, com as forças vivas da sua intelectualidade, ou viva o engenho, vivam as capineiras, viva o buquê, e lá no recinto das casas parlamentares eles escoceiem sob a inspiração do verde dos seus capinzais. Dêem os seus urros desconexos ao estímulo do relincho dos seus muares. Eis, sergipanos, a luta em que se debate a nossa mocidade idealista. Luta desproporcional e desigual. De um lado, o pobre animal que pensa. do outro lado, o rico animal que come."

Extraordinária fôra, também, a sua saudação ao Cardeal Mota, em visita a Sergipe, na Interventoria Freitas Brandão.

Nos últimos anos, Carvalho guardava amargo ressentimento, por não se eleger deputado federal. Deus lhe deu a glória, porém, de realizar as suas últimas ambições. E, nas legislaturas de 1951 a 1955, ei-lo, de nôvo, atuando no Parlamento da República.

Sergipe voltava a ocupar, como nos dias de Fausto, uma posição de eminência. As sêcas não haviam esgotado as fontes da inteligência sergipana. Os discursos do mestre são ouvidos e discutidos pelas figuras mais destacadas do Congresso: José Augusto, Coelho de Sousa, Tristão da Cunha, Arinos, Baleeiro, Pila, Alkimim e tantos outros. As orações sôbre Direito Penitenciário, em 1950, e sôbre o impeachment, em 1953, são magistrais. Em 1953 está com a saúde combalida. O velho Carvalho, antes altaneiro e forte, passa agora a definhar esmaecido e triste. E ei-lo que tomba sob a moléstia insidiosa, após um longo sofrimento — “le dévin remède à notre impureté” — como dizia Beudelaire. O pranto da espôsa, dos filhos e netos, as saudades dos amigos e companheiros, cercaram-lhe o derradeiro suspiro.

Vi encolhida, no último gesto, a sua mão direita. A mão em que a pena era quase um prolongamento anatômico com o poder mágico de transformar-se em buril, pincel ou florete a serviço da inteligência, da beleza e do Direito.

Sergipe acostumara-se a admirá-lo, pelas suas virtudes públicas e privadas. Pelos seus talentos. Nos últimos 30 anos, em nosso meio, ninguém fôra tão emérito. Ninguém produzira tanto. Professor e jurista, advogado e parlamentar, jornalista e orador fluente, ensaísta e polemista. Romancista.

Impossível será estudá-lo ao desalinho desta oração. Após êsses traços biográficos que o tempo endurece, sinto que o mestre Carvalho começa a extinguir-se com o desaparecimento de seus contemporâneos e as gerações mais môças pouco sabem do seu nome e da sua glória. Nós, os seus discípulos, discípulos porque privamos de sua sabedoria, a nós cabe cultuar-lhe a memória. “Se a vida, no dizer do crítico Robertt Konters, é um conjunto de fôrças que resistem à morte, a sobrevivência literária é um conjunto de fôrças que resistem ao esquecimento.”

Assinalo-me entre os que desejam perpetuar-lhe o nome e tentarei discernir os traços fundamentais do mais nobre e ilustre varão.

O HOMEM CARVALHO NETO

Em "Dimensions de la conscience historique", Raymond Aron afirma que a descoberta incessante do passado define a essência da história. A verdade histórica — esclarece — implica num sistema de referências, de valores segundo os quais o presente considera o passado. Assim, cada época ou cada historiador pode possuir diferentes imagens do passado. Isto, conclui o filósofo da história, não significa um relativismo, porque a história é uma expressão de vida e jamais o conhecimento histórico fixa uma definição única e completa do passado, pois esta definição é inatingível.

Ao estudar o homem, Carvalho Neto, definitivamente realizado, porque dobrara a cimeira da morte, sinto limitações por alcançá-lo. As referências colhidas são cigalhos pobres. E isto mesmo, muitas estão a perder-se na memória dos vivos. De certo modo, o existir é um gastar-se insensível na variedade de atitudes, sentimentos, impulsos e até convicções que o "eu social" ou a personalidade concreta assumem?! O homem muda com as estações e até os ventos lhe dão os rumos. Como, então, compor uma imagem perfeita e acabada do que é profundo e permanente, a base metafísica da personalidade e que está presente no homem por todo o tempo e através de tôdas as transformações?!

Ademais, se fixamos um esquema básico, consumimos o ser vivo e, com a distância do tempo, o homem se torna imperceptível. A distância apaga os contornos, harmoniza os contrastes, mas esvasia a riqueza interior e extingue a condição humana, deixando-nos uma figura e uma legenda. E, no entanto, basta fechar os olhos e posso tocar a presença física do mestre Carvalho Neto.

Não basta a abertura de espírito para compreender um homem. É de mister discerni-lo no clarão dos grandes gestos e na pequenez dos passos comuns e comezinhos. Nas imperfeições e nas qualidades, e, ainda, descobrir o demônio socrático — êste tormento metafísico que todo homem amarga, mesmo os que saboreiam a doce fruição.

Ademais, o sol triste dos mortos costuma cegar o julgamento dos vivos. Se há graves pecados, vencem as justificações, como alguém já esclareceu o imoralismo de Gide ou as extravagâncias biológicas de Wilde. De qualquer forma, para a tranquilidade dos cemi-

térios, a perversidade humana só é uma atitude mental ativa, distinguindo os que vivem.

Assim, mesmo com as evidências recebidas, descreio dos meus talentos ao tentar compreender o mestre Carvalho Neto.

O HOMEM

No entanto, cada depoimento é valioso. Em pijamas, longe das vistas da história, o homem é mais autêntico. No mundo dos negócios, da política, das relações sociais, todos somos inexplicáveis porque contraditórios, porquanto assumimos vários papéis a fim de permanecer na ribalta. E nem a morte, que a tudo petrifica, imobiliza a fisionomia dos defuntos, nas lembranças dos contemporâneos.

Aos meus olhos, olhos de amigo, Carvalho Neto permanece nos mistérios da vida, profundo e vário, se o vejo na sociedade ou na família. Como espôso e pai, ou como publicista. No meio profissional, ou no grupo de amigos. Junto aos moços ou perto de adversários. Na tribuna do júri, no palanque da praça pública, nos salões do palácio, ou baloiçando na rêde, em casa, entre filhos e amigos. Nos gestos mansos do lar ou nas atitudes rudes do fôro. Iluminado no fogo da eloquência, ou sentimental e simples nas conversas íntimas. Soberbo entre os pontentados da fôrça e do dinheiro, e humilde diante dos mais humildes. Mau político nas transações e bom político nas sugestões administrativas. Sempre o mesmo homem, embora, eremita e espadachim. Cavalheiresco e despreendido ou intransigente e irreductível. Como fixá-lo, numa imagem única, se o homem é tenaz, feroz e mordaz nas batalhas que peleja e, ao mesmo tempo, simples e doce no romanceiro do lar, amando a sua Vetúria que lhe ventura a vida, na floração de filhos e de ternuras?!

E ainda, o Carvalho altivo e bem pôsto, no talhe e no espírito, afigurando-se aos estranhos, como o irremediavelmente vaidoso, à espera da vassalagem de todos e o Carvalho cuidadoso e diligente, sensível à causa dos desajustados — os delinqüentes, os anormais, a criança abandonada. Carvalho preconizando reformas sociais, êle um fidalgo, como Nabuco. Contraditório, também, como Sílvio Romero que só julgava friamente a quem seu enorme coração não alcançasse.

Incapaz de astúcias ou velhacarias, a excessiva dedicação aos amigos permitia Carvalho Neto divisar talentos até em quem só pedra possuía abaixo dos cabelos.

Estranho e grande homem, Dr. Antônio Manuel de Carvalho Neto.

Num dos "Fragmentos", publicado no "Diário de Sergipe", de maneira lapidar, êle se apresenta: "Antônio era meu avô, na linha materna; por Antônio me chamo; um dos meus filhos é Antônio; e já um neto vem à luz como Antônio".

Dos quatro, o Antônio Manuel é o maior dêles, no dizer do terceiro dos Antônios. Embora não se possa falar do último que, em verdes anos, é só esperanças, nem do primeiro dos Antônios que, em idade extinta, os vivos nada revelam. Nem do terceiro dos Antônios que ainda está em caminho, só o Antônio Manuel de Carvalho Neto, realizado no tempo, pode ser visto e julgado.

Sei, entretanto, o ter sido a maior expressão intelectual entre os homens da província, sempre pequeninos, nas apreciações de contemporâneos por força dos ressentimentos, das invejas mesquinhas, se outros sentimentos, mais graves, não anulam os julgamentos.

Lembro os idos de 1935, do meu tempo de ginasiano no Ateneu. Às tardes, quando as aulas eram sonolentas, fugíamos para a Assembléia Legislativa. Aí, das torrinhas, conheci Carvalho Neto e desejava ser como aquêle homem inexpugnável no domínio das forças do espírito. Guardo-lhe a imagem transfigurada desde aquela época. Depois, em Aracaju, vindo formado, passei a privar de seu convívio e amizade, aproximados nos embates políticos, Conservava, porém, a antiga distância. A distância respeitosa que a admiração costuma estabelecer definitivamente entre as pessoas.

Pois bem, em 1935, não só aos olhos do ginasiano, Carvalho era o parlamentar emérito. Palavra fácil e ágil, raciocínio preciso e lógico, discurso encadeado e harmonioso, o meu tribuno era a expressão mais pura da eloquência. Os outros deputados, muitos, homens ilustres, permaneciam apoucados, pois somente Carvalho Neto a todos liderava pela cultura e inteligência. Trazia já um nome aureolado, porque tendo brilhado no Congresso Nacional, onde pelejara bravas lutas.

Quando recém-formado cheguei a Aracaju, querendo abrir as portas do templo, comecei a descobrir os pés de barro dos ídolos da

contra a incompreensão, a ignorância e a invidia. Se para combatê-lo, muitas vèzes o desespero e a brutalidade buscaram armas no arsenal da infâmia e da mentira, êle sempre forjou seus instrumentos de pe-
leja na vigília dos estudos e na eloquência da palavra incomparável”.

Homem temperado das lutas terríveis da terra pobre, onde os bens e as posições não bastam à cobiça de todos, homem incapaz de ceder ao mal, acomodar situações, cegar-se às injustiças e, por isto mesmo, incansável no bom combate, Carvalho Neto fôra, contraditò-riamente, um clássico e um romântico. Clássico, no mundo da cultura, pois aceitava e defendia as mesmas linhas estruturais, na política e no direito, na moral e na literatura. No mundo interior, porém, é um romântico. Fiel a Vetúria sempre noiva, aos filhos crescendo pequeninos e aos amigos sob o calor de suas complacências.

Se romântico, Carvalho, contudo, não é poeta. Os versos da adolescência estancaram na maturidade, quando perdera a voz, escondendo, porém, o coração de poeta. “Certains des hommes ont de poète le coeur non la voix” — disse George Eliot. E isto, êle mesmo confessa, num artigo, sôbre o Prof. Juncundino.

Ê que, intelectualmente, o mestre sergipano é um aristotélico. Homem para os longos estudos e as sumas análises. A língua literária clássica que dominava com maestria, serviu-lhe de instrumento adequado à obra de publicista e à atividade profissional.

Gilberto Amado, um platônico autêntico, não entendeu Carvalho Neto. Não sei se velhos espinhos políticos ainda lhe magoando a pele envelhecida, ou se a inaptidão do platônico em aceitar o aristotélico, o certo é que Gilberto, em “Presença na Política”, nos deixa de Carvalho um perfil incompleto, quando escreve: “Quando a Carvalho Neto, velhinho de nascença, incapaz de uma meninada, de um grito, de um salto, de uma besteira, queimou as pestanas até morrer. Tornouse o maior advogado do Estado. Se eu tivesse negócios ou propriedade em Sergipe, não chamaria outro para defender os meus direitos”.

Ora, Gilberto sempre teve outros deuses e outro culto. Ê homem de fruição, encantado com o mundo e consigo mesmo, vivendo a vida que a sorte lhe dá, em plena fascinação fáustica. Mais do que ninguém preliba as coordenadas do futuro, mas nada lhe arrepiã a pele fria, a não ser o perfume doce. Seu talento é uma flor tranqüila e esplêndida, arrastada no caudal.

Carvalho Neto é diferente. Direi, é um homem responsável. Responsável pelo lar que construiu. Pela causa que patrocina. Pela ordem social e ética em que vive. Pelo disciplinamento jurídico que defende ou perfecciona. Por isto não pode fazer besteiras, nem dar saltos ou meninadas. Daí ter estudado sempre, pois na cidade dos homens, há, permanentemente, alguma coisa que não funciona e que é preciso bem corrigir.

Assim, por vocação invencível, Carvalho é um publicista. Vinculado ao quotidiano, não para o fruir, mas para o agir. Publicista sempre e nunca publicano. A vida no fôro, na tribuna parlamentar ou popular, dá acesso ao mais belo de todos os ofícios. E Carvalho Neto foi autêntico, realizando a vocação em plenitude; e ter uma vocação vivida é um privilégio a que nem todos são agraciados.

Sendo o publicista, e participando necessariamente dos movimentos de sua época, êle teria de ser negado, e combatido às claras ou nas sombras, e teria de ser, também, o espadachim terrível, com o mais ágil florete da palavra.

Ao publicista, a lingua literária é o melhor instrumento de trabalho, se é preciso debater, sugerir, convencer, demolir ou construir, conquistando um itinerário espiritual.

Formado sob o signo de Rui, Carvalho permanecera insensível à renovação da lingua literária, deflagrada com as diabruras de "Macunaíma", do sempre vivo Mário de Andrade. Na quadra, Rui Barbosa era um modelo, porque é um estilo. Não só na linguagem arquitetural, como no disciplinamento social que vindicava. Ora, a linguagem inspirada em Rui ajustava-se à dissertação e à eloquência, nos temas de Direito ou de Política, embora, fôsse rígida para a narrativa, gênero literário que exige mobilidade e surpresa.

Rui, na verdade, criou uma geração intelectual no Brasil — a geração dos publicistas. Carvalho é um filho legítimo do grande baiano. Basta conferir as citações. Só na velhice é que esta influência murcha. Realmente, Carvalho Neto, como Rui, vê a nação através da juridicidade. Todos os problemas estariam resolvidos em termos de disciplinamento ético-jurídico. Era o primado da lei. A lei, expressão dos valores eternos, nas quais as realidades vivas se ajustariam harmônicas.

Rui desejava que as instituições republicanas fôsem amadas do povo para que houvesse o culto à Justiça e a norma jurídica seria, então, um instrumento de perfeccionismo social. Carvalho possui as mesmas convicções. Daí, tornar-se, como parlamentar, um artífice da lei, e como advogado, um paladino da justiça. Explica-se assim a sua vocação de homem público, favorecida pelos talentos que Deus lhe deu.

Não foi um intelectual em tórre de marfim. Convive na república das letras, porque é o melhor meio de ser o cidadão na república dos homens.

Sei que, modernamente, a literatura se esvazia de velhos gêneros literários. Assim, a história torna-se menos artística e mais científica. Mesmo a eloquência está a morrer como gênero literário, pois que é, acima de tudo, a arte da palavra e do gesto, esgotando-se no ato da prolação, porquanto sem a voz e a mímica a palavra empalidece. Só os poetas fazem arte com as palavras. A prosa tem de escondê-las na frase, como serva e não como rainha da expressão.

“Se a beleza poética, no dizer de Tristão, é essencialmente plástica e musical” o prosador que exhibe as palavras, acrescento, cai na retórica e o poeta que as apaga, desce à vulgaridade. Assim, a poesia nunca deve necessitar da declamação. Por isto Verlaine aconselhava ao poeta a “torcer o pescoço” da eloquência.

No seu tempo, Carvalho Neto foi o mais autêntico intelectual sergipano. Faz arte literária, mesmo nos arrazoados forenses. Muitos são páginas antológicas. Sentia, porém, o destino trágico dos trabalhos do advogado, fadados à morte e ao esquecimento. Daí o seguinte trecho, lapidado com maestria: “São fôlhas fanadas as que, corrente calamo, se escrevem para a justiça, no lidar dos processos. Destinadas a uma publicidade limitadíssima, pouco além dos passos perdidos nas salas das pretorias, correm céleres como rios secos nas monções das enchentes. Estremecem rapidamente e logo se escoam, águas a jusante... Não param, não refluem, não ficam. Solucionados os pleitos, vai-se com a vitória a lembrança dos trabalhos que a conquistaram. O serviço do advogado apaga-se com a decisão que traça a norma vencedora para a jurisprudência”.

CARVALHO, ADVOGADO E JURISTA

De certo modo, o tempo e a vida dificultaram os passos do jurista Carvalho Neto. As obras que sua inteligência e erudição permitiriam, não foram escritas. Trabalhou, quase, ao sabor das exigências quotidianas da profissão. Ainda como parlamentar, as preocupações por um direito a constituir impediram as longas e largas sistematizações doutrinárias.

Como Gumercindo, Carvalho não deu de si o que poderia fazer. Possuísse Sergipe ambiente universitário, na época do seu apogeu intelectual, e o mestre sergipano trabalharia alguns tratados de direito, especialmente de Direito Constitucional ou Penitenciário.

Entretanto, pelo que escreveu e publicou, fôra inegavelmente o nosso maior jurista. E o fôra, como advogado, esgotando a jurisprudência nos pleitos memoráveis. Arrazoados e pareceres, memoriais e plaquetes, sôbre assuntos os mais variados, de Direito Público ou de Direito Privado, estão em letra de fôrma ou permanecem ignoradas nos processos, em cartórios ou repartições do Estado. Basta citar alguns: "Afirmações do Direito", "Casos criminais", "Um caso de interdição", "A defesa da honra", "A defesa no Crime", "Legítima defesa contra o Banditismo", "Pareceres", "A Empresa Têxtil nos Tribunais" e tantos outros. Dirigiu, ainda, um mensário de doutrina jurídica — "Sergipe-Judiciário".

A obra basilar, porém, é "Advogados — como vivemos, como sofremos, como vencemos". Literariamente, é uma espécie de "Carta de guia de advogados", a modo de Francisco Manuel de Melo, na "Carta de Guia dos Casados". Foi o primeiro livro sergipano, com realce, ainda hoje, na literatura jurídica nacional, a recomendar os intelectuais de Sergipe. Dêle disse Manoel Ribeiro. "O monumento que é "Advogados" cabe na estante de todo homem culto, pois é a humaníssima história dos lidadores do direito na província".

Livro de fé na profissão e de esperanças no futuro. Após o último conflito mundial ao aproximar-se a "primavera luminosa" entrevista por Laski com a vitória das democracias, Carvalho vê o mundo nôvo a construir e elabora o seu tratado com o pensamento nos moços. "Ao escrevermos um livro sôbre "Advogados", anima-nos pre-

cisamente a esperança numa geração mais jovem, no prelúdio de uma primavera mais luminosa”.

E “Advogados” realça as observações e a sensibilidade de um causídico, encanecido nas lides forenses em terra pobre. Não é um manual de deontologia, nem um escôrcço de cenas da vida forense, como as memórias de Nogueira Itagibe ou como, recentemente, em “Le Figaro Litteraire” escrevera com humor e leveza, Pierre Antoine Perrot. Nem ainda, um tratado da profissão, à semelhança das publicações de Levi Carneiro, Mário de Sousa ou Silva Lima.

Em discurso, agradecendo as homenagens dos intelectuais sergipanos, quando veio de aparecer “Advogados”, disse Carvalho Neto: “O torturante desejo de perfeição com que os sonhos, nos passos da vida, tocam os céus longínquos de um ideal de mirificar realizações humanas. Assim foi, para mim, a longa e tormentosa jornada da profissão, no meu sempre devanear com as generosas utopias da justiça, na difícil partilha do direito de cada um”.

De fato, “Advogados” é, acima de tudo, a tragédia da profissão, nos “rincões maninhos” da província. As lutas e pasmaceiras. O árduo contacto com juízes e escrivães. Os juízes de sempre: vazios de ciência e cheios de vaidades, ou os tímidos e covardes. Os juízes inescrupulosos por dinheiro, prestígio ou simples amizade e os juízes honestos, estudiosos e dignos. Serventuários da Justiça velhacos e pérfidos e serventuários sérios e competentes. E mais, o livro expõe as lutas com os colegas da profissão. Muitos jejunos, sórdidos e desleais — os aventureiros da advocacia; e também os contactos com os colegas cavalheirescos e responsáveis. Depois, na apuração da verdade, a história da falibilidade do testemunho humano, por sordidez, ingenuidade ou deficiências de observação. “Advogados” mostra mais outros aspectos dolorosos da profissão: a riqueza, o relêvo social e político, impedindo a justiça das decisões. A advocacia clandestina, por trás dos tribunais, acertando julgados. Depois, o livro debuxa a fisionomia do cliente. Uns pérfidos, escondendo-se do advogado, ou os clientes sisudos, confessando as culpas ou justificando as pretensões. O cliente criminoso, frio, revoltado, cínico, arrependido ou justificado. Salienta, ainda, o despotismo dos governos ou de um simples delegado do interior, atrabiliário e ignorante. O despotismo da opinião pública. Os riscos da vida ou os riscos da dignidade, sofridos pelo advogado

na luta pela justiça, contra os desvios da verdade por erro, por fraude e por coação. E em tudo, a linguagem serena dos exemplos, muitos vividos pelo Autor, na "sua longa e tormentosa jornada".

Por tudo isto, na literatura jurídica brasileira, "Advogados" não é só um livro de direito, mas uma obra clássica, definitivamente consagrada.

CARVALHO E OS SOCIALMENTE INFELIZES

No opúsculo "Bases Constitucionais do Regime Penitenciário", enfeixando projetos e discursos oferecidos ao Congresso Nacional, na legislatura de 1950, Carvalho escreveu: "Neste momento de sombrias perspectivas mundiais, em que tantos povos procuram substituir os direitos do homem, sob uma falsa concepção de utilitarismo social, é ainda a situação do homem desgraçado pelo crime que me prende a atenção".

Na vida de Carvalho Neto, o criminoso, ou melhor, os socialmente infelizes, não é unicamente um tema, mas uma "ratio vitae". Seja como advogado ou parlamentar. Seja como político, jornalista ou administrador, sempre as mesmas preocupações. Daí dedicar-se ao Direito Público: Penal, Constitucional, Penitenciário ou Trabalhista, estes últimos, de formação recente, mas constituídos no Brasil, com a cultura e a experiência do grande sergipano.

Pelo criminoso, iluminava o plenário do júri ou pontificava nas páginas dos autos, dando-se em plenitude às causas que abraçasse. Alguns desses arrazoados forenses estão em letra de fôrma, emitindo ciência penal. Basta lembrar as defesas em casos rumorosos, como a revolta de Sergipe, ou certa falência criminosa. Em tôdas, o advogado, no drama que descreverá mais tarde: "Na vida do advogado se entremeam o inferno, o purgatório e o paraíso, com as suas sombras e claridades, os seus desesperos e esperanças, as suas vitórias e tristezas, a justiça e a injustiça, Deus e o diabo".

Pois bem, Carvalho um homem ardente, arrebatado muitas vezes pelo fogo da paixão, tornando-se intransigente e irascivo, tal o ardor com que acolhia as grandes ou pequenas causas, era um homem profundamente humano, preocupado com a sorte dos infelizes da

sociedade. E dentre êstes, a criança abandonada, os anormais, os criminosos e os operários.

Quando môço, recém-formado, dedica-se à instrução pública. No Congresso Nacional, na primeira fase, participa da Comissão de Instrução Pública. Apresenta projetos sôbre a educação dos anormais, sôbre menores abandonados e delinquentes. No opúsculo "No Parlamento" estão os projetos e discursos, abordando aspectos da educação emendativa, até hoje perfeitamente válidos.

Depois, volta-se para a Legislação Social. Nesse campo é um pioneiro, desbravando matéria nova. Possuindo uma compreensão perfeita das questões sociais, pois ao Estado competia resolvê-las porquanto — dizia — "mais tarde, acaso descuidadas hoje, serão resolvidas imperiosamente sob a pressão irreprimível das reivindicações operárias".

CARVALHO E OS INFELIZES

Critica, duramente, a ação do Congresso "mais afeiçoado que é às efervescentes arengas da política pessoal do que às puras questões dos princípios". E confessa a sua atitude de homem público aberto às realidades novas: "Sem ser extremista com os mais avançados reformadores das instituições vigentes, nem me anquilosando em fórmulas fanadas, incompatíveis com o espírito social do Direito que hoje governa o mundo, debuxei, a longos traços, um programa que se me afigura o mais consentâneo com as condições atuais da Pátria".

Diz, em "Legislação Trabalhista", não ser um liberal, nem um socialista, mas um intervencionista, defendendo "um sistema de freios e contra-pesos que equilibra a ação do Estado com as doutrinas socialistas". É, porém, um moderado e não um radical. "Em certo sentido — escreve — a política social brasileira, nos dias que correm, há de ser a dos possibilistas com um mínimo a obter, dentro no razoável e possível para as condições atuais de cultura e civilização".

Nem da direita, nem da esquerda, Carvalho era, contudo, um reformista, numa linha justa de moderação e equilíbrio. Linha objetiva e realista, sem os idealismos demagógicos que pouco constroem, sem as convicções reacionárias que a tudo atrasam.

O memorável discurso, na Câmara dos Deputados, na sessão do dia 10.11.25, deve-o a Afrânio Peixoto. Na Comissão de Legislação Social, Carvalho relatava, em parecer erudito, as emendas oferecidas ao projeto do Código do Trabalho. O parecer revela conhecimento o mais moderno, não só da legislação dos povos cultos, como da ciência jurídica do tempo. Cita os tratadistas do Direito Novo: Paul Pic, Niceforo Bry, Maxime Leroy e outros, enquanto discute a melhor doutrina sobre as instituições do Direito Operário, como o sindicalismo, a jornada de trabalho, o salário mínimo, a cooperação e a participação nos lucros e na gestão das empresas, a regulamentação do contrato do trabalho, a previdência social, o trabalho de menores e da mulher, o descanso semanal e as férias, a higiene e a segurança no trabalho, os Conselhos de Conciliação e de Julgamento. Tudo matéria muito moderna e alguns desses institutos não vigentes, ainda, no Direito Brasileiro.

Pois bem; Afrânio Peixoto resolve criticar o relator. Carvalho sai à carga. O discurso é magistral, pela eloquência e pela sabedoria. Rebate a crítica, com argumentos inspirados na legislação estrangeira e nas condições sociais do Brasil.

Depois, em outros discursos, continua analisando o projeto de Código do Trabalho à luz da melhor ciência jurídica. No último, ironiza Afrânio, utilizando-se de um trecho do romance "A Esfinge", onde o romancista baiano afirma existirem no Brasil duas correntes opostas de idéias — os narcisos e os jeremias. E conclui Carvalho: "Nós que defendemos o Código do Trabalho, entre os primeiros devemos estar; entre os que o atacam, por certo, estarão os outros", isto é, os jeremias.

Na década de 1920, a questão do Direito do Trabalho era, inicialmente, um problema constitucional. Discutia-se a competência legislativa para elaborar o Direito Operário. Rui, em conferência no Teatro Lírico, justificava a reforma da Constituição "para habilitar o Poder Legislativo a tomar medidas que a questão social lhe reclama". Outros defendiam o primado do legislador estadual, pois o fundamento da intervenção legislativa na questão social tinha por base o "poder de polícia". Alguns propugnavam a competência exclusiva da União. Viveiros de Castro, conciliador, conclui pela competência cumulativa.

O debate, puramente formal, dificultava o andamento do projeto. Face à situação duvidosa, Carvalho justifica a oportunidade e apresenta emenda à Constituição, atribuindo à União o poder de legislar sobre Direito do Trabalho. Notável é a compreensão exata da natureza do Direito Operário. Percebe que o novo Direito não decorria do "poder de polícia" do Estado, mas era um "desdobramento, consoante as exigências da civilização, dos velhos troncos do Direito Civil, como dêste também se formara o Direito Comercial".

Na parte final do discurso, expõe a necessidade de um Código do Trabalho, possuindo os institutos jurídicos vitoriosos na legislação dos povos cultos e adequados à realidade brasileira. Até porque legislar sobre esta matéria constitui um compromisso, assumido pelo Brasil, na Conferência Internacional do Trabalho. E conclui com Gide, o Código do Trabalho viria operar "L'économie d'une révolution".

Recém-formado, julgando trazer para Aracaju novidades, principalmente no campo do Direito Social, fiquei espantado ao ler o livro de Carvalho Neto, "Legislação do Trabalho". É que as idéias novas eram velhas idéias, conhecidas de Carvalho Neto desde muitos anos. E os meus autores preferidos repetiam os autores manuseados pelo mestre sergipano. Só então vim a saber que Carvalho Neto, pelos seus discursos e projetos, pelos seus pareceres e livros, fôra, realmente, um dos criadores do Direito do Trabalho no Brasil. Esta é uma das glórias de Sergipe.

Na verdade, porém, a preocupação máxima de Carvalho Neto é o homem "degradado pelo crime". Antes, como advogado, defendia intemorato os delinqüentes nas duras batalhas judiciárias. Depois, na plenitude da vida, impressiona-se com a execução da pena, isto é, com o Direito Penitenciário. Daí reorganizar, no Estado, o Conselho Penitenciário, o Manicômio Judiciário e fundar o Patronato dos Liberados. Incansável e idealista nas suas atividades, procura, agora, despertar o mesmo entusiasmo nos colegas e nos médicos da Penitenciária. E passou a escrever sobre a ciência carcerária e debater teses nos Congressos de Direito. Daí os trabalhos: "Patronatos de Liberados e Egressos Definitivos da Prisão", "Normas Gerais de Direito Penitenciário". Por fim, como deputado federal, apresentou à Câmara um projeto de lei sobre a execução da pena. Provavelmente, o melhor projeto, até hoje, dispondo sobre Direito Penitenciário e que se acha no

opúsculo "Bases Constitucionais do Regime Penitenciário". A' semelhança de Eduardo Zamacois, escreveu ainda um romance penitenciário, "Vidas Perdidas". Não sei se os dois outros romances inéditos abordam o mesmo tema. Como jornalista, vários artigos, hoje enfeitados em "Cinzas da Província", analisam o crime e o criminoso.

Dêsse modo, Carvalho Neto deu o melhor da sua vida e dos seus talentos à causa dos socialmente infelizes. Ontem, à criança anormal. Depois ao operário, então considerado um pária social, numa época em que suas pretensões eram resolvidas com espaldeiradas da polícia. Mais tarde, ao nosso irmão Caim. Sim, na vida, Carvalho possuiu o que amou: a coragem da verdade e a verdade para o trabalho eficaz.

Este Antônio Manuel de Carvalho Neto, meus senhores, cidadão da república das letras e da república dos homens, glorioso pelos talentos e pelas virtudes, precisa ser conhecido e amado dos moços. Como um padrão de conduta a seguir. Como um valor moral e intelectual a admirar. Em Sergipe, êle está na linha das nossas maiores fulgurações, — Tobias, Sílvio, Fausto, Jackson ou Gumercindo. Olhando-o aureolado, sob o sol dos mortos, podemos dizer como Gorki diante de Tolstoi: "Vejam que homem maravilhoso existiu na terra".

Meus senhores :

Na plenitude da vida, já quarentão, chego à Academia, principalmente, pelas mãos de um purista, um mestre de português e línguas clássicas, Prof. João Cajueiro. A escolha, além do mais, envaidece-me pelo fato de ser êle um semeador do vernáculo, sendo eu um homem de gôsto sensível às letras modernas. E para os que descrêm na reversibilidade da História, sou, outra vez, introduzido, em nôvo ambiente, pelo meu amigo Pereira de Melo, um estudioso da ciência jurídica e da arte literária, com os talentos que Deus lhe deu para compreender o Direito e viver a Beleza. Ontem, quando estudante, cheguei a Salvador, sobraçando cartas de apresentação ao então acadêmico de direito, Luiz Pereira de Melo, cônsul sergipano na Bahia. Agora, a história se repete.

Senhores acadêmicos :

Sei como é relativa a nossa imortalidade e como é pesada a nossa glória. A Academia de Letras deve ser mais uma oficina do espírito, aberta às intuições criadoras, do que um vale sossegado onde

repousam os mortos. A missão das Academias é estar presente no tempo, vivendo as inquietações de cada época e lutando por uma liberdade responsável. Liberdade não significa negar o Homem ou abolir a Deus, nem unicamente, a luta contra o conformismo aos cânones estéticos. Não creio na arte ornamental que não traduz nenhum sentido, nem na arte instrumental, pois que sujeita e limita o artista à ideologia. A arte pela arte ou a arte de serviço são formas de alienação. O artista nem é um ser sôbre as nuvens, acima do mundo e da vida, nem o ser da gleba e para os donos da gleba. Não, êle é um homem encarnado e, por consiguiente, sensível às aspirações mais profundas da sua gente e do seu tempo. Compreendo o mistério da inspiração estética, atribuindo uma função vicarial do artista, pois êle continua a criação divina. Cabe-lhe, assim, conceber as formas originais de beleza, na missão de dignificar o Homem e de emancipar os povos, antecipando as auroras novas, perfiguradas na sua cosmovisão.

Venho à vossa Casa, senhores acadêmicos, pleno da unção com que transponho as portas de um Templo. É que, na criação dos artistas, se prolongam as maravilhas de Deus. — O Deus que alegra a nossa juventude. —

Como os romanos, marcarei na minha existência a data de hoje, com uma pedra branca, fixando um dia feliz que só pôde nascer com as rosas de maio. **Albo lapillo notare diem.**

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO DR. M. CABRAL MACHADO

DES. LUIZ PEREIRA DE MELO

Vivemos no século da inquietação.

A geração de após guerra ainda não encontrou o verdadeiro caminho da paz.

Perdura o descontentamento coletivo, o medo, a incerteza, a apreensão constante que se manifesta muitas vezes num desafio violento e agressivo. Este sentido de angústia domina a nossa geração e está refletido em quase tôdas as manifestações da arte moderna. Sim, porque a arte tem as características de sua época.

ORTEGA Y GASSET afirmou sàbiamente “que cada geração tem sua vocação própria e sua missão histórica.”

Na verdade, o artista tem que ser fiel ao seu tempo.

O poeta abandonou há muito sua tôrre de marfim e veio para a planície sentir, chorar e sofrer com o povo.

Não se poderia compreender um Graciliano Ramos e um José Lins do Rêgo, se não estivessem identificados com o sofrimento e agruras do Nordeste.

Porque o artista que produz uma obra de arte sem a participação do próprio eu, é um fracassado. Pois se deve identificar ao sentido do seu trabalho.

FREUD já dizia: “a arte é um reino intermediário entre a realidade e a fantasia”.

A psicanálise nos ensina que, em tôda manifestação artística, há dois mecanismos: o da repressão e o da sublimação.

O artista está em conflito entre a vida afetiva e a realidade. Ele deseja uma coisa que a vida lhe nega.

Aspira a viver em um mundo encantado onde seja feliz, mas só encontra tristezas e decepções.

E neste conflito com a vida real reprime seus instintos, as exigências do subconsciente.

Mas reprimir é sofrer e é este sofrimento, isto é, o desejo reprimido que ele transforma em algo útil à sociedade, que é sua obra.

Dá-se, assim, a sublimação que é a compensação, isto é, o suprimento para o que lhe falta.

Projeta assim no seu trabalho a impressão que recebeu do mundo que o cerca. Daí, não poder ser indiferente à realidade que o rodeia nem ao sentido vital de sua época.

Porque a literatura que é uma manifestação da arte, é o ponto de contacto entre o homem e os problemas que o rodeiam.

Ela representa o sofrimento, os desejos, os sonhos e as aspirações do escritor. Tornando-se assim um espelho do seu próprio espírito.

Senhores: Celebra o cenáculo das letras de Sergipe, na data de hoje, um grande acontecimento.

Abre suas portas para receber festivamente o Dr. MANUEL CABRAL MACHADO, que irá ocupar a Cadeira n.º 25, vaga com o desaparecimento de ANTÔNIO MANUEL DE CARVALHO NETO, o paladino do Direito, o gigante do pensamento, o Condestável da eloquência.

O patrono desta cadeira é DIAS DE BARROS que foi homem dedicado à ciência, mas que divagou muitas vezes e brilhantemente por terreno diverso, consagrando-se como tribuno notável e por sua atuação no Congresso Nacional.

Recebi satisfeito o grandioso encargo de dar as boas vindas ao novo acadêmico. Não só pelo prazer de salientar em público a minha admiração ao insigne homem de letras que hoje se empossa, mas pelo dever que me pesa como amigo, de recordar a figura majestosa de CARVALHO NETO.

Sei que sua vida riquíssima em lances luminosos e sua obra vastíssima e profunda não podem caber na rigidez limitada de um discurso.

Mas está aí invulnerável, ao perpassar dos anos, desafiando a curiosidade dos estudiosos.

Que apareçam os biógrafos do grande Mestre que foi realmente uma das maiores expressões culturais de Sergipe e do Brasil.

* * *

Há muito que estudar, meditar e aprender em CARVALHO NETO que nos deixou um manancial perene de ensinamentos e o exemplo vivo de sua dedicação e carinho ao Estado natal.

Ele foi realmente uma personalidade marcante.

Possuía muita dignidade. E um equilíbrio perfeito que harmonizava com precisão as qualidades mais diversas. Assim, associava a energia com a bondade, a altivez com a gentileza, a delicadeza com a gravidade.

O que não impedia que fôsse veemente em seus pareceres. E convincente no seu juízo.

Foi nobre em tôdas as suas atitudes.

Não conheceu meias medidas. Dava-se por completo à causa que abraçava. Ninguém melhor do que CARVALHO NETO, soube ser amigo dos seus amigos. E ninguém melhor do que eu, pode atestar a veracidade desta afirmativa.

Recordo-me de que em dias da primeira quinzena do mês de abril de 1946, no recesso de sua biblioteca, leu para os presentes um artigo sobre — AMIZADES — que posteriormente foi publicado no “Diário de Sergipe”.

Vítima de certos amigos sabia, porém, sentir o efeito salutar das amizades verdadeiras.

Daí afirmar: “por mais áspera que se me apresente a luta, nas incertezas da política, ou nas alternativas da profissão, nesse trato de servidão social, brâmico e ardente do nosso Sergipe, quando menos espero, lá me vem com prisma de aurora um pouco de luz benfazeja, doirando-me o caminho da vida”.

Humano como todos os seres humanos, sofrendo desenganos e injustiças e também ingratidões, CARVALHO NETO não sabia viver no ambiente dos ódios e das vinganças.

Conservo recordações imperecíveis do grande Mestre.

Habituei-me a ir constantemente à sua casa.

Daf, saíamos juntos pela cidade, visitando livrarias, trocando idéias sôbre uma obra jurídica ou analisando uma recente legislação.

Êle muitas vêzes me confiou os seus desenganos e decepções sem perder contudo suas esperanças de luta democrata.

Convivi bem perto com CARVALHO NETO.

Os laços fortes e inquebrantáveis da amizade reinou entre nós numa absoluta compreensão e resistiu sem decrescimo ao perpassar dos anos.

Êle costumava afirmar: — “Mais vale um inimigo declarado do que um amigo falso”.

Amigo dos amigos sentia nossas alegrias e emoções.

Confesso que aprendi com meu velho e saudoso pai que o esquecimento é a medida dos ingratos e que a ingratidão estereotipa a alma dos covardes. Li, depois, nas páginas de Alexandre Herculano que a ingratidão não merece perdão, porque é o mais horrendo de todos os pecados.

A existência de CARVALHO NETO foi um hino de amor, de inteligência, beleza e generosidade.

Sofreu na sua formação a influência do liberalismo romântico que dominava na sua época de estudante, e tomou-se de entusiasmo pelas batalhas do pensamento, pela paixão da liberdade e pela religião do Direito.

Personalidade de escol com um expressivo acervo de inestimáveis serviços prestados a Sergipe.

A sua vida na intimidade da família retratava a grandeza de um lar cristão.

Pai extremoso, espôso dedicado sentia verdadeira veneração por DONA VETÚRIA, a companheira de tantos anos.

Lembro-me de que, depois da primeira manifestação da terrível moléstia que lhe ceifou a vida, quando, depois de um longo tratamento nos Hospitais do Rio de Janeiro, voltou a Sergipe, passou uma tarde em nossa casa.

E, em meio à conversa, êle afirmou cheio de gratidão, com os olhos lacrimejantes: “Devo a minha vida em primeiro lugar a DEUS. Depois à dedicação de minha espôsa”.

Assisti em várias oportunidades que tanto sublimaram o seu espírito, lembrar a um jovem êste grande ensinamento: "Não leve para a velhice o ódio contra tudo e contra todos, que o coração acumulou em qualquer quadra da sua existência".

Fiel a si mesmo afastava qualquer circunstância que pudesse oprimir sua dignidade.

E esta fidelidade soube imprimir aos seus princípios. Plasmou o seu caráter e a têmpera de sua alma de sertanejo, através de uma ascensão contínua, onde muitas vêzes se encontravam obstáculos profundos, mas que foram vencidos galhardamente pelo arrôjo entusiástico do caminhante.

Coração pleno de bondade. Sentia o sofrimento do próximo. E acolhia càlidamente todos aquêles que procurassem o seu apoio.

Sua casa foi justamente aquilo que êle afirmou: "um pouso aberto na beira da estrada".

Soube ser amigo dos amigos e não conhecia reserva no seu afeto. Mas esta exuberância afetiva não ultrapassava o nível elevado de sua dignidade.

Possuía um ilimitado amor a Sergipe. E cultivava as nossas tradições com singular devoção.

Em discurso pronunciado certa feita declarou: "Não tenho motivos que não sejam de orgulho pela nossa terra e pela nossa gente. Sergipe, grande que a injustiça da história apequenou territorialmente, é bem a pátria da inteligência que aí está por tôda a parte acolhida, festejada, vencedora".

Temperamento místico, sua formação foi alicerçada na fé dos seus antepassados.

Descendente de família católica, ei-lo afirmando: "Com dois tios Padres na família, reverencio nossa fé, a cristalina pureza da religião dos meus pais. Nunca se me apagou do coração a lâmpada que lhe ascendeu em Cristo a bondade inesgotável de minha Mãe. Estou a vê-la, acariciando com suas mãos doces, a ensinar-me o Padre Nosso".

E com a enfermidade voltou-se com mais fôrça para a fé e para Deus, aliás nunca de todo ausente de sua vida.

Sabemos, de convicção absoluta, que no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, tinha CARVALHO NETO um Amigo Franciscano.

Disse de publico no "Diário de Sergipe", de 28 de março de 1946, num artigo intitulado "PROFISSÃO DE FÉ": "Escolho voluntariamente o meu Padre, o meu Confessor, o meu amigo. E somente este pode saber como sinto, como penso, como devo ser julgado ante a Magnificência Divina. Verdade é que por tradição de família, esclarecida no meu espirito pela compreensão de uma das mais luminosas representações da cristandade, tenho a devoção de Santo Antônio. É uma herança afetiva de meus avós, continuada na crença de meus pais, permanente no culto e nas preces do meu lar e transmitida pelo exemplo às inspirações de minha descendência. Antônio era o meu avô na linha materna, por Antônio me chamo, um dos meus filhos é Antônio, e já um neto vem à luz como Antônio.

Esta continuidade batismal tem sido mais que um desejo tão comum aos pais de ligarem no tronco primitivo os ramos das nossas gerações. Tenho obedecido no desdobramento da estirpe a essa doce vocação mística de formar uma família cristã sob o signo e a proteção de uma das mais sagradas naves da Igreja".

Em sua biblioteca, na parte principal, figurava a imagem de SANTO ANTONIO DE PÁDUA, em grande relêvo num testemunho inequívoco de seu sentimento.

CARVALHO NETO não foi, em absoluto, um descrente.

Exaltava o Pai Divino. Reverenciava os milagres dos Santos. Proclamava enfim sua crença na outra vida.

Inquietações espirituais e dúvidas teve Carvalho Neto em certa fase de sua vida.

Nunca perdeu, porém, a fé em DEUS e na eternidade.

Com a enfermidade voltou-se com mais força para DEUS. Nunca, aliás, de todo ausente de sua vida.

Em sua obra "LEGISLAÇÃO SOCIAL", publicada no Rio em 1926, comentando a RERUM NOVARUM, a notável Encíclica de Leão XIII, já evidenciava a posição da Igreja em face da Questão Social, e declarava: "É o mais alto documento de sabedoria que reúne sob a bandeira da religião os socialistas católicos. E assim a palavra da Igreja foi dominando os horizontes da Questão Social, plantando deveres ao lado dos direitos numa correlação necessária e indesejável".

Fazia dos Evangelhos e da Imitação de Cristo, nos últimos anos de sua vida, leitura habitual.

Vi-o lendo o "Tratado do Amor Divino" de São Francisco de Sales; as "Confissões" de Santo Agostinho, com a penetração de um analista.

Relatou-me o sacrifício heróico da Mãe piedosa de Agostinho com singular enternecimento.

Foi com DOM FERNANDO GOMES, então Bispo de Aracaju, que Carvalho Neto voltou ao Sacramento da Penitência, recebendo a visita consoladora da Eucaristia que lhe deu fôrças para suportar cristãmente o penoso sofrimento de tantos meses.

Resignou-se. E "resignar-se é colocar Deus entre a dor e nós".

Porque só em DEUS poderia encontrar a fortaleza necessária para agüentar as aguras da grave moléstia que o acometera.

Sentiu como é efêmera a passagem da criatura pela terra e como são efêmeros os prazeres da vida. E mesmo o homem que atingiu culminâncias só encontrará repouso quando se encontrar com DEUS.

Cada dia sentimos a sabedoria do conceito do Santo Bispo de Hipona: "O coração viverá inquieto até descansar em vós, Senhor".

A um sacerdote seu amigo mostrou o desejo de reconciliar-se com um colega, com o qual se indispusera por questões forenses.

Não desejava levar desafetos para o túmulo, porque estava certo de que "a morte não é morte, é a luz; não é o fim, é o comêço; não é o nada, é a eternidade".

Sentia a evolução do seu mal e preparava-se para o grande momento.

Na doença tornou-se ainda mais meu amigo. Era compungente contemplar diàriamente o espetáculo cruciante daquela vida luminosa que pouco a pouco se extinguia.

Nos dias em que eu não aparecia, êle reclamava a minha ausência.

Recordo-me do momento em que o vi naquela rêde alva muito larga, no fundo da varanda de sua residência.

Solicitou-me que o acompanhasse até o seu quarto, onde passou os últimos dias de penosos sofrimentos.

Não esqueço que, ao deixar aquêle repouso, já abatido e esgotado, lançou como uma despedida um olhar tristonho para a parte exterior da casa que tanto amou...

E, ao repousar em seu leito, com voz comovida exclamou: "Melo, é o início do fim".

Palavras que foram ouvidas por Dona Vetúria, sua abnegada esposa, o anjo protetor do seu lar, que não pôde ocultar as lágrimas.

Na verdade, não mais deixou aquele leito de dor.

Depois, já nas proximidades do dia de sua morte, pediu uma caneta para assinar um papel, creio que um cheque.

Encheu-o com dificuldades e no momento de apor sua assinatura, vacilou.

E, depois de certa hesitação, assinou. Então com um sorriso de dúvida declarou: "Não é que esqueci meu nome?".

Percebi que sua memória já oscilava momentaneamente.

Era o jequitibá majestoso que ferido cai lentamente, mas com toda a sua imponência.

Assim foi Carvalho Neto, grande na vida e na morte.

Com a mesma dignidade com que soube viver, aceitou o sofrimento.

Sentia, sem desespero a aproximação do dia final, embora muitas vezes uma lágrima silenciosa rolasse pelo rosto emagrecido, talvez como um atestado comovente da saudade que levava dos seus.

Ou seria o caso do "Milagre das Lágrimas" de que nos fala Leon Bloy?

Uma nostalgia dolorosa apoderou-se dele nos seus últimos dias, entrecortada pelas crises agudas do terrível mal.

Até que, no dia 27 de abril de 1954, fechou os olhos para sempre.

Bem podíamos estender a êle as palavras que dedicou Luís Capliglione a um seu companheiro de destino e de ideal.

"A terra, mãe das árvores e das flôres, recebeu seu corpo, mas seu cérebro não será cinza, será luz.

Seu coração não será pó, será árvore que agasalha. Não morre quem nos outros viveu; não morre quem nos vivos vive".

* * *

CARVALHO NETO foi o mais completo advogado que transitou pelo Pretório sergipano.

“Tudo quanto a advocacia proporciona, exige, comporta e ensina, tudo corresponde aos instintos profundos e às tendências dominantes daquela personalidade: temperamento combativo e apaixonado, vontade ciumenta da própria autonomia, caráter feito do mais indúctil dos metais preciosos”,

Mostrando que o clima do advogado é a luta, afirmou: “a advocacia não se faz em segredo. É pretório, tribuna, palavra, pena, publicidade.

Advocacia secreta de acórdos escondidos, de acomodações reservadas é mentira, patota, traição, vil”.

Fugiu sempre dos atalhes e veredas, “mesmo quando a sedução da vitória fácil seria capaz de arrefecer um ânimo menos rijo”.

Galgou desta forma em árida escalada a culminância de sua carreira, alcançando uma posição brilhante, a qual fruiu por direito de conquista.

Quando aceitava uma causa, entregava-se a ela de corpo e alma, alentado pelo desejo ardente de vitória.

Dominando a ciência jurídica num estilo literário acadêmico, os seus arrazoados constituíam verdadeiros monumentos para o Direito e um marco de envergadura intelectual para a literatura e para a língua nacional.

Usou um estilo nôvo nos trabalhos forenses, onde a beleza da forma era paralela à sabedoria dos conceitos.

Ele sabia que “só o rábula poderá satisfazer-se com o manuseio das leis”; mas o advogado não pode prescindir de uma cultura geral e atualizada. Pois, a cada passo se defronta no crime e no cível com os mais complexos problemas.

Vigoroso nos embates forenses, CARVALHO NETO empolgava pela vibração poderosa e pela beleza máscula com que impregnava suas Razões.

Na verdade, foi um estilista forense.

As fadigas não arrefeciam aquela admirável capacidade de trabalho.

O seu temperamento viril e incisivo era a afirmação do seu feitio contundente, sempre propício a polêmicas e controvérsias.

Nunca, porém, cometeu uma indignidade.

Impávido na defesa, intemerato na profissão que exercia, no conflito de interesses em que era naturalmente envolvido pelos misteres funcionais, foi sempre um entusiasta da grandeza do Poder Judiciário.

Quando fazia crítica dos maus julgadores, não hostilizava o juiz. Mostrava o desacerto de sua decisão.

Disse-me certa feita que todos os bacharéis deviam passar pelas experiências do advogado criminal.

Depois de uma continuada freqüência às prisões, vendo a degradação última a que pode chegar um ser humano, assistindo à decomposição lenta de uma personalidade; observando o deboche e o cinismo em que por vêzes se abismam homens que se desumanizaram; pressentindo explosões de revoltas e rugido de ódio, ninguém, depois dessa aprendizagem, deixaria mais de olhar com magnanimidade, compaixão e certa tolerância, seu semelhante.

Depois de transitar por essa experiência, o advogado criminal fica adulto.

Sua visão da vida modifica-se a ponto de lhe permitir descontinuar um território mais dilatado, o horizonte dos legítimos problemas pertinentes ao crime, ao criminoso e à pena.

CARVALHO NETO, como advogado criminalista que foi, soube encarar as mais terrificantes e escabrosas tragédias como produto de uma anomalia engendrada pela própria sociedade. Nunca se omitiu no desempenho da função.

Conheceu por dever de ofício os problemas que arrasam os indivíduos, os motivos que impelem certos homens a cometer ilícitos penais.

Com tamanho conhecimento do valioso material humano e com os preciosos elementos da sua observação, legou-nas na seara criminal, um acervo de experimentações psicológicas, principalmente nos debates do Tribunal do Júri.

Atingiu CARVALHO NETO a culminância na sua especialidade profissional, como advogado *primus inter pares* em Sergipe.

Sua intrepidez não tolerava injustiças nem opressão.

Compreendeu que "ao advogado foi impôsto o dever de acudir em socorro das garantias individuais contra os abusos da força e os

desatinos da prepotência, venham elas do povo tresloucado pelas paixões ou dos governantes desvairados pelo vinho alucinante do poder”.

Sua bravura chegou a tal ponto que, embora ligado à agremiação política dominante, não hesitou em aceitar, sem temor, o patrocínio de um jovem comunista que se dizia seviciado pela polícia estadual.

Aquela intrepidez de homem e de advogado, defendendo antes e acima de tudo, o direito da dignidade humana violada, mereceu os aplausos da opinião pública.

É “que nunca deixou de se erguer na defesa das liberdades, sem indagar se contava amigos no meio dos opressores ou adversários entre as vítimas, ninguém como êle sublimou essas tradições de impavidez e ombridade”.

Teve também o vício do jornal.

Assim fundou e era de sua propriedade o “DIÁRIO DA TARDE”, que circulou por algum tempo, mas que foi fechado em face dos prejuízos.

Temperamento combativo e analista, possuía em alto grau as virtudes e os defeitos do verdadeiro homem de jornal.

Causídico e jornalista se ajustavam no mesmo espírito de luta, no mesmo amor à verdade irmanados em um ideal comum.

Em abril de 1928 circulava, nas artérias jurídicas de Sergipe, o mensário “SERGIPE JUDICIÁRIO” de CARVALHO NETO.

Na crônica forense que abria a primeira página com o título de PRIMEIRAS PALAVRAS, afirmava “sem o propósito, pois, de realizar lucros em seara tão sáfara de rendimentos, o que nos anima francamente a essa publicação, é êsse culto elevado pela nobreza da profissão que abraçamos”.

Seu programa foi de perene elevação moral da Justiça.

Essa revista circulou durante o período de outubro de 1929 a março de 1930.

Era um Mensário de Doutrina, Jurisprudência e Legislação, onde CARVALHO NETO abria cada fascículo com um comentário sempre oportuno e brilhante.

Mas surgiram inúmeras dificuldades desde o descaso da Província até a falta de incentivo, o que contribuiu para existência efêmera de “Sergipe Judiciário”, que foi uma revista aberta às idéias jurídicas e que deixou uma grande lacuna na vida jurídica do Estado.

Tomou parte em várias legislaturas, tanto estadual como federal. Foi na Câmara Federal um vulto proeminente. O seu talento como orador foi sobejamente proclamado por todos os seus companheiros de Congresso.

Inteligência, cultura, tirocínio e sensatez foram os atributos que inspiraram o prestígio de sua projeção.

Desde 1922, que constituía pensamento dominante de CARVALHO NETO na Câmara Federal o magno problema da unificação da magistratura brasileira.

Pugnando denodadamente por essa unificação, o culto parlamentar conclamou os seus pares em famosa oração no parlamento: "Uma só nação e para isso um só Direito. Um só processo, uma só magistratura".

Recordava o grande tribuno que o lema não podia ser outro: "unir para salvar".

É que êle, no desempenho do mandato recebido do povo, nada mais foi do que o advogado brilhante a serviço da Pátria e a pugnar pelo bem estar do povo brasileiro, com a sua cultura, inteligência, capacidade de trabalho e idealismo, autoridade e prestígio.

Pois é sempre oportuna e necessária a presença de homens de letras e juristas no corpo de legisladores.

Achava que a lei não deve desdenhar da vida. E que as fórmulas tacanhas e desatualizadas devem ceder à realidade dos fatos.

"Nesse esforço diário por conformar a lei antiga às imposições do momento não há quem sobreleve aos causídicos e os juristas representam o núcleo central mais numeroso, mais ativo, mais vibrátil".

Estão êles naturalmente indicados para apontar à picareta dos demolidores, as partes ameaçadas de ruínas e à diligência dos operários as reparações e ampliações urgentes.

Atuarão destarte como fôrça de moderação e de equilíbrio impedindo a um tempo que a legislação fique atascada na rotina ou se despenhe no desconhecido".

A ação de CARVALHO NETO, no Congresso Nacional, foi orientada por um vastíssimo sentido humano e social.

Assiste-lhe a glória de ter sido no Brasil o precursor da legislação de Acidentes de Trabalho.

Em 1926, pugnava na Câmara por uma legislação do trabalho compatível com o nosso grau de civilização e com o nosso sentimento de humanidade.

Depois de 1930, quando se tornaram realidade as idéias pelas quais tanto batalhava, voltou-se para o Direito Penitenciário, desejoso de imprimir à lei forma adequada, imbuindo-lhe justiça e tornando-a mais humana.

Ouvi, várias e repetidas vêzes, o seu planejamento em matéria penitenciária. Percebi em diversas oportunidades o seu acendrado entusiasmo pelo advento de uma reforma no nosso sistema penitenciário.

As tendências hodiernas da criminologia haviam estabelecido normas completamente distintas daquelas que estavam em vigor entre os penitenciaristas conservadores.

Profligou a carência de uma padronização no regimento dos Conselhos Penitenciários. Achava que os mesmos não devem variar de Estado para Estado.

Desde o ano de 1944, CARVALHO NETO incrementou suas atividades em prol dos Patronatos de Liberados.

Ei-lo conclamando: "Porque, então, em se tratando da profilaxia do crime, para prevenir a reincidência e tantos outros males oriundos da miséria, da fome, do abandono do liberado, não é dado ao Estado intervir, exigindo a cooperação dos particulares com os Patronatos?"

Era a favor de um Sistema Penitenciário uno, aplicado em todo o país com a unificação de todos os departamentos penitenciários em uma só e comum orientação técnico-científica.

Foi CARVALHO NETO quem suscitou no Congresso a criação, nas Faculdades de Direito, de um curso de Direito Penitenciário.

E assim, como legislador, prestou a Sergipe e ao Brasil um serviço relevante e irrefutável de alto sentido social e humano.

Foi Professor Fundador da Faculdade de Direito de Sergipe e o seu primeiro Diretor em 1951.

Enriqueceu a nossa Faculdade com a luminosidade do seu saber e fêz a mesma adiantar-se a muitas suas congêneres espalhadas pelo país, quando introduziu o Direito Penitenciário como disciplina metodizada em seu curso jurídico.

Compareceu a vários Congressos e Conferências, para os quais foi convidado, brilhando sempre com as magníficas Teses que apresentava.

Em sessão solene na Faculdade de Direito da Bahia, em 18 de novembro de 1948, proferiu uma fecunda conferência intitulada: **ADVOGADOS, COMO APRENDEMOS, COMO SOFREMOS, COMO VENCEMOS.**

Ei-lo afirmando “Venço afinal as hesitações do meu enleio, para vos dar as primissas de um modesto trabalho num dos seus capítulos, algo refletindo como obscuro advogado provinciano das agruras incontáveis das lutas de todo o instante do viver que vivemos na profissão”.

O entusiasmo com que **CARVALHO NETO** foi recebido pela mocidade acadêmica, foi expressivo.

Catedrático de Teoria do Estado, foi o professor notável que todos admiravam.

Tanto que para o conhecimento das gerações futuras era justo que figurasse em lugar de relêvo da nossa Faculdade de Direito a seguinte inscrição: Aqui pontificou o Professor **CARVALHO NETO**.

Nunca fêz da política escada para galgar posições ou para usufruir vantagens especiais.

Todo o Sergipe conhece quanto de amargura sofreu **CARVALHO NETO** no decurso da campanha política de 1945, quando lutou por uma cadeira na Câmara Federal.

Fui vê-lo em sua casa de veraneio na Atalaia, para reconfortar o espírito do velho e querido amigo.

Em meio às atribulações daquela hora de amarguras e desganhos, o veraneio para o seu coração dolorosamente ferido foi como uma trégua de espírito.

Encontrei-o pálido e abatido.

Conversamos sobre velhos episódios sem abordarmos o momento cruciante que estava vivendo.

Em um segundo encontro, dias após, estava mais reanimado.

Ouvi-o então afirmar: “**TUDO NA VIDA TEM SUA RAZÃO OCULTA**”. Edifiquei-me com o elastério daquele coração.

Alma generosa já havia perdoado e esquecido as ingratidões dos homens.

Seu nome foi certa feita lembrado para Governador do Estado como elemento de pacificação capaz de merecer a unanimidade dos sufrágios dos partidos em luta, mas logo a seguir desprezado, porque êle não era o político que pudesse servir de joguete aos partidos. Era o advogado que se utilizava da política para melhor servir o seu povo, com o desassombro, a elevação e a integridade do seu caráter privilegiado.

A obra de CARVALHO NETO está aí grandiosa e imperecível, a exigir a paciência de um biógrafo que lhe reúna as páginas dispersas.

Literato de escol, além dos discursos primorosos e de inúmeros artigos na imprensa, deixou-nos "VIDAS PERDIDAS", lançado pela Editora Progresso em 1948 e que é um libelo tremendo contra uma sociedade provinciana, onde o chefe político é tudo. Pois sua vontade não conhece lei, e a própria Justiça avacalhada dobra-se por temor ou por interesse à vontade soberana do Coronel.

Ê o advogado que fala, verberando a frouxidão da Justiça ante a prepotência dos poderosos.

Um desabafo talvez às situações reais, criadas pela politicagem abjeta e pela acomodação desonesta de alguns juizes.

Êle sofria ante as injustiças que lhe apareciam na profissão e êsse sofrimento, como uma compensação psicológica, êle projetou no seu romance.

Páginas admiráveis de direito criminal nos oferece neste livro. Estudando o estupro, assim se expressa: "O amor é a entrega voluntária, o amplexo da carne e do espírito, no desejo recíproco de se pertencerem. Ê ato material, é ato psicológico; sem êste o outro consiste apenas na posse física, violência ou negócio. No estupro não há amor, há bestialidade".

Revela também em "VIDAS PERDIDAS" o seu acendrado amor ao direito penitenciário.

Ensina normas psicológicas e humanitárias para a educação do detento.

"Os homens são puros animais indomáveis. Dominam-se os instintos pela inteligência, pela razão, pela bondade. Muitas vêzes um conselho vale mais que um castigo e um exemplo de tolerância compreensiva, mais que alguns dias de prisão. O primeiro amansa, o segundo revolta. E o criminoso, por ser um desajustado, muito precisa

de intuição psicológica em quem o guarda, em quem o trata, em quem o julga”.

São páginas admiráveis, onde a beleza da forma se irmana com a grandeza do conteúdo.

O prestígio extraordinário do jurista eminente foi alicerçado nos seus escritos notadamente em “ADVOGADOS”, verdadeiro tratado sôbre o assunto que repercutiu brilhantemente em todos os meios jurídicos do país.

Ele veio exatamente cobrir um claro na nossa literatura jurídica. Teve repercussão internacional.

Na Argentina foi sensível o seu acolhimento.

O jurista portenho N. Enrique Amaya, notável Catedrático da Universidade de Córdoba, em seu estudo “Contenido Ético de la Abogacia”, cita-o renovadamente, tecendo merecidas referências.

É um trabalho de energia viril e amadurecimento que só o seu longo tirocínio permitia fazer.

Suas páginas são ricas de fé no império do direito e na grandeza daqueles que fazem da profissão um verdadeiro sacerdócio.

Muitas vêzes os escritos de CARVALHO NETO estão imbuídos de alto sentido filosófico.

Assim, em “Legislação do Trabalho”, ao comentar o que deve ser a verdade, escreveu: “Tôda obra de arte, corporifique a fôrça ou revista o Direito, seja expressão do Belo ou síntese do Justo, não perdurará, se não a iluminar inteiramente essa centelha que tremeluz no ritmo de tôdas as grandes aspirações — a Verdade”.

Perlustrando-se o estudo sôbre o nível intelectual das assembleias, estampado no “Sergipe-Jornal”, de 28 de março de 1931, encontra-se um primado da intuição científica das leis.

É um trabalho admirável.

É o profundo pensador na observação do trabalho de conjunto em prol das coletividades.

Descobrimo o sentido da verdade, mostra-nos os seus pendores filosóficos, assinalando as divergências doutrinárias das inteligências de uma Assembléia. E corrobora suas assertivas nas lições férteis de GUSTAVO LE-BON, Gabriel Tarde, FERRERO, Eurico Ferri, e outros.

Ainda no “Sergipe Jornal”, de 24 de março de 1931, um brilhante ensaio filosófico sôbre “Ignorância Humana”

No mesmo jornal, em 8 de setembro de 1932, um outro estudo sobre "A Imperfeição Humana".

Nestes trabalhos e em muitos outros, encontramos um conjunto de concepções filosóficas.

Ora define leis, ora traça sistemas, ora evidencia postulados científicos, na beleza de sua inteligência criadora e na grandeza de sua atividade.

Em tôdas as suas produções soube imprimir os traços característicos do seu estilo que são a firmeza, a limpidez da exposição, a argúcia de crítica e a sua prodigiosa autonomia mental.

A sua obra é vastíssima.

Inúmeros arrazoados forenses, os Trabalhos na Câmara Federal, os Discursos, Conferências e artigos de jornais; os Pareceres na Consultoria Jurídica do Estado e inúmeros trabalhos que andam por aí dispersos à espera de um estudioso que os compila e reúna.

Mas numa análise da sua obra chega-se à conclusão de que êsse magnífico cultor do Direito foi sobretudo o Advogado.

Nos seus escritos há sempre um ponto de vista, uma tese que defende, um princípio pelo qual se bate arduamente com todo o desassombro do seu entusiasmo e com o vigor de sua cultura vastíssima.

Êle mesmo confessou que teve "uma vida consagrada ao Direito no apostolado de defender para cada um o que a cada um pertence".

* * *

Desnecessário torna-se afirmar o acêrto da Academia Sergipana de Letras, trazendo para o seu convívio uma figura da estirpe moral e intelectual do acadêmico que hoje se empossa.

Ê a consagração de um nome que de há muito conseguiu impor-se à admiração dos seus contemporâneos.

Sua vida não é sòmente um exemplo de alta probidade moral, nem apenas uma demonstração da fôrça que representam a bondade e a dedicação sem reservas, mas uma lição permanente de sua fé na vitória dos ideais de fraternidade e de paz entre os homens.

CABRAL MACHADO foi dotado pela natureza de traços regulares.

Alto, elegante, possui o olhar vivo e magnético que constitui uma das características dos grandes emotivos.

Dêle pode-se dizer o que de certo escritor afirmou AGRIPINO GRIECO: "Uns ares de espadachim contido pelo terror do inferno, possui muito de romântico em seus excessos nervosos; místico e qui-xotesco, vacila entre Santa Teresa e os Cavaleiros Andantes".

Coração bondoso, sensibilidade profunda, tem uma inteligência viva e uma rutilante cultura.

Seu espírito aventureiro muitas vezes lhe empresta um certo gosto pelo desalinho, ocasionando não raramente atitudes estranhas e originais.

Assim, os que me ouvirem, notarão que o meu discurso não tem o ajustamento natural que devia possuir com o discurso do novel acadêmico.

É que o seu gosto pelo inédito fêz com que não se quisesse submeter a esta praxe, tão comum a tôdas as Academias de Letras, de dar o seu discurso para ser lido com antecedência por quem o vai receber no dia da posse.

Respeitei a sua vontade, daí a falta de unidade que por certo deve haver entre os nossos discursos.

Nasceu Manuel Cabral Machado na cidade do Rosário, aos 30 dias de outubro de 1916.

É filho do Dr. Odilon Ferreira Machado e D. Maria Evangelina Cabral Machado.

Seu pai era médico, e, em 1922, mudou-se com a família para a cidade de Capela.

O MANUEL, que herdara o nome dos avós materno e paterno, continuava até então um menino magro e raquítico.

Tanto que certamente a primeira frase que sua memória gravou foi o estribilho que ouvia a cada passo: "Coitadinho, êle não se cria".

No colo materno, ainda em tenra idade, aprendeu o alfabeto. E da mãe herdou o amor à leitura, incentivado por aquêlê ambiente sadio onde os livros, as revistas e os jornais constituíam deleites de todos os dias.

Iniciado na leitura por sua genitora, que foi sua primeira mestra, entrou no Colégio São José, da Professôra Adelina Vieira.

Em 1929 passou a estudar com seu tio e padrinho Cônego JOSÉ DA MOTA CABRAL, o tão conhecido e estimado Padre Juca.

Foi êste quem o guiou para o convívio de Machado de Assis, José de Alencar, Ranulfo Prata e outros grandes vultos da literatura nacional.

Em julho de 1930, deixou saudoso e com lágrimas a cidade de Capela e ingressou no Colégio Salesiano, então dirigido pelo ilustre sacerdote Padre Selva.

Tornou-se aluno estudioso e aplicado.

Foi representando no teatrinho do colégio que aprendeu a vencer sua timidez, enfrentando o público e dominando com a fôrça da sua vontade as características do seu temperamento introvertido.

Aí, compôs as suas primeiras poesias.

Em 1935, transferiu-se para o Ateneu Pedro II. Juntou-se então ao grupo de estudantes intelectuais daquela época: Joel Silveira, Lauro Fontes, Fernando Maia, Luciano Mesquita, Márcio Rollemberg, José Augusto Garcez, Célio Costa e outros.

Nesta fase leu muito e escreveu nos jornais estudantis.

Aquêle grupo ao qual se filiara, procurou impulsionar ou formar um movimento intelectual.

Ainda no resquício da adolescência êstes jovens achavam que eram os tais, e, por um super-diletantismo natural da idade, viviam para as letras.

Organizaram muitas vêzes, até em mesas de café, verdadeiras tertúlias literárias, onde o arrôjo da mocidade emprestava fulgores especiais às suas exaltações românticas.

Nos fins de 1935, Cabral Machado transferiu-se para Salvador, na esperança de iniciar o curso jurídico.

Mas a Reforma Francisco Campos o pega de cheio, e êle passa mais dois anos no curso complementar pré-jurídico.

Êstes anos assinalaram com um cinzel a sua formação, graças principalmente à ação do grande educador, filósofo, sociólogo e moralista HERBERT PARENTES FORTES.

Êle mesmo declara, referindo-se a Herbert: "Depois de meu pai, é o homem que maior influência marcou na minha vida; provavelmente sem êle meu roteiro seria outro".

É que o tempo era propício a uma reação. Desde os primórdios do século que se agitavam novas idéias na literatura, nas artes plásticas, na política, na educação e na filosofia.

Estas circunstâncias exaltaram a consciência social, levando os intelectuais a uma reação.

“Tal reação toma aqui várias formas: a criação de novos partidos políticos, de associações cívicas e culturais, de interêsse pela sorte de novas gerações”.

A Revolução de 1930 tinha operado uma mudança nos rumos da política nacional.

E com ela surgiu mais profundamente o desejo de uma revisão do sentido cultural, no propósito de estudar e explicar os problemas sociais em tôda a sua conjuntura.

Herbert Parentes Fortes, como sociólogo interessado pelo futuro da nova geração, procurava incutir nos seus alunos um certo sentido de reação.

“Mas reação pelo progresso dentro da ordem, porque sabe que em sociologia o caminho seguro para andar mais ligeiro é aquêle que evita os desatinos das correrias revolucionárias, perigosas e intempestivas”.

E Cabral confessa “Herbert foi acima de tudo o Mestre no sentido pleno. Como Sócrates escrevia na alma dos seus discípulos.

Amando-o ou odiando-o ninguém escapou ao seu sinête”.

Em fevereiro de 1938, ingressou na Faculdade de Direito, onde pontificavam mestres da estrutura de Filinto Bastos, Orlando Gomes, Aluísio de Carvalho, Garcez Froes, Muniz Sodré, Nestor Duarte, Prisco Paraíso, Machadinho e Ponciano Oliveira.

Era agora acadêmico de Direito.

Fazia discurso. Discutia com os colegas. Formou com outros acadêmicos um grupo de estudos que se reunia em casa de um companheiro.

Muitas vêzes, porém, iam espairecer as canseiras dos estudos em serenatas românticas para as môças do Colégio Salete, nos Barris.

As freiras não se conformavam com a música dos trovadores nem com os versos dos poetas, e procuravam impedir a todo custo o lirismo romântico daqueles rapazes.

Reclamavam, porém, inutilmente para a polícia, onde havia um escudo protetor para os seresteiros dos Barris...

Era um colega que trabalhava ali e jogava as reclamações das Religiosas na cesta das queixas perdidas.

O tempo passou célere entre os estudos e as brincadeiras inocentes do estudante.

Em 1942, recebeu o diploma de bacharel em Direito.

Pensou em associar-se a dois colegas de turma e abrir escritório de advocacia em Itabuna.

Mas precisou de voltar a Capela.

Ia rever, depois de formado, os pais e a prima querida que esperava por êle.

Após os festejos da formatura, regressou...

Mas, na estação de Capela, desapareceu sua alegria.

Em meio dos parentes e amigos que o foram receber, notou surpreendido a ausência dos pais.

Sentiu que algo de grave estava acontecendo. E não pôde evitar duas lágrimas silenciosas, pressentidas apenas por aquela que mais tarde seria sua espôsa.

Em casa o pai muito doente abraçou-o ainda.

E a mãe chorosa e tristonha cobriu-o de beijos, como se fizesse um apêlo veemente para que não a deixasse só.

Poucos meses depois falecia seu progenitor.

Sentiu que era chegado o momento de exercer uma função.

E foi então nomeado pelo Interventor Federal Coronel Maynard Gomes para exercer o cargo de Promotor Público da Comarca de Neópolis, cargo que eu acabava de deixar para desempenhar, em comissão, a função de Diretor Geral do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda.

Circunstâncias alheias à sua vontade não lhe permitiram, talvez para sua própria felicidade, que se empossasse naquele cargo.

Pouco depois, foi nomeado Secretário do Prefeito José Garcez Vieira.

Ficou então noivo de sua prima Dona Maria de Lourdes Figueiredo Cabral, com quem já estava comprometido.

Nomeado Diretor de Pessoal do Departamento do Serviço Público, e pouco mais tarde assumiu a Diretoria Geral dêste Departamento.

Em 16 de dezembro de 1944, realiza em Capela seu casamento e inicia com a espôsa uma vida feliz.

Hoje, seu lar foi abençoado com a presença de alguns filhos que constituem a alegria e o enlêvo do seu coração.

No ano de 1945, foi nomeado Promotor Público da Capital.

Em 5 de outubro de 1946, como Promotor excedente foi aproveitado no cargo de Consultor Jurídico do Departamento de Serviço Público, cargo que exerceu até 1960, quando, por efeito do concurso, foi nomeado Procurador do Instituto do Açúcar e do Alcool, renunciando o mandato de deputado e deixando o serviço público estadual.

Secretário da Fazenda em 1947, e em 1948 Secretário do Interior e Justiça.

Em 1951 iniciou o mandato de deputado estadual, para o qual havia sido eleito. Teve renovado os seus mandatos em 1955 e 1959.

Tem sido um homem de luta que não viveu, porém, até hoje como titã de demolições.

Na intimidade do lar, ensinando aos moços como tribuno ou como político, em qualquer manifestação de sua vida pública ou particular, nunca soube armazenar ódios ou rancores.

Aprendeu a grande lição de "que só o bem constrói para a eternidade", e compreendeu que aquêle que só percebe erros e defeitos nos seus semelhantes, sem recordar que também os possui em maior ou menor escala, é incapaz de agir imparcialmente, porque não possui o verdadeiro sentido de justiça.

Segundo o ensinamento de William James, somos nós mesmos que tecemos o fio de nosso destino.

Nascendo em um lar cristão, estudando em um colégio católico era natural que CABRAL MACHADO recebesse desde cedo o influxo da religião.

No regaço materno aprendeu sua primeira oração e desde cedo se habituou a sentir na sua família o clima sadio do temor de DEUS e do respeito aos preceitos divinos.

Sentimentos êstes naturais na família sergipana, principalmente na sua, onde havia o titio Padre a lembrar continuamente o valor da educação cristã.

Depois, foi o Colégio Salesiano que fortaleceu a sua fé.

Porque os padres salesianos são os fiéis seguidores de DOM BOSCO.

E DOM BOSCO foi o apóstolo de tôdas as afirmações.

“Afirmou que de imperecível sòmente existe o gênio do cristianismo, cuja apologia Chateaubriand esculpiu em páginas lapidares. Afirmou, com o testemunho do milagre, que só a fé move montanhas.

Afirmou, pelo exemplo, que no seio da Igreja reside o segrêdo da eterna juventude e da alegria perene.

Afirmou que o homem vale na medida em que se molda às medidas de DEUS”.

O Sr. CABRAL MACHADO tem sido um grande admirador da obra dos Salesianos e da figura impressionante de DOM BOSCO.

Ele descreveu magistralmente em um discurso a época em que viveu o Santo de Turim, na qual o liberalismo, fruto dos doutrinadores de então, imperava na sociedade, onde “a vitória do homem sôbre o próprio homem na Política e na Economia era o lema dominante”.

E sobretudo nos falou sôbre a ação social de DOM BOSCO como “Apóstolo da Mocidade”.

Chegando por fim a confessor “o que somos devemos muito a êste homem. Por certo a nossa vida seria diversa sem a vida dêsse santo varão”.

Proclamou também que muito dos homens ilustres de Sergipe, “exemplos de trabalho, honestidade, valor e caráter saíram do colégio salesiano”.

Na verdade, o Sr. CABRAL MACHADO é um homem de fé.

Desta fé robusta e profunda de quem achou a verdade, e como tal a abraça sem hesitações, mas serenamente e com naturalidade sem exibicionismo inúteis, nem intransigência exagerada.

Assim, “não seria capaz de queimar os poemas pagãos ou de valor as estátuas dos deuses”.

Convenceu-se de que o Evangelho é o primeiro de todos os Códigos Sociais, mas que só pode ser impôsto pela brandura e pelo amor. Confia piamente em que a ação socializadora da Igreja “vence a superstição do Estado ou da Classe”.

Assim, o “valor-riqueza dos nossos dias será substituído pelo valor-trabalho”.

Nada da exploração do homem pelo Estado ou pelo próprio homem.

Nada de parasitismo social, mas o triunfo do esforço produtivo para o bem estar do homem na sociedade.

Sente que na solução dos grandes problemas que atormentam o mundo hodierno, o católico não pode ficar indiferente. Sobretudo, sua responsabilidade aumenta, se êle fôr um intelectual.

Os professôres, os juristas, os escritores, os jornalistas contribuem diretamente para o desenvolvimento do homem como ser social.

Daí, CABRAL MACHADO orientar com a sua palavra a mocidade universitária da nossa terra sem programas preconcebidos, mas sobretudo ajustando as suas aulas à luz do pensamento cristão.

E na sociedade e no lar é um exemplo do verdadeiro Chefe da família que segue a orientação do Evangelho.

Pai estremoso, espôso dedicado, é bem o modelo do católico sereno que sem alardes pratica e cumpre a santa religião que recebeu de seus pais.

Ninguém mais do que CABRAL MACHADO, merece o título de mestre.

Professor tem sido desde o início de sua vida pública e tem dignificado a Cátedra com a profundidade dos seus conhecimentos, com entusiasmo e o carinho que realmente possui por essa profissão.

Grande parte da sua vida consagrou entusiasticamente ao ensino no afã nobilitante de transmitir "uma erudição que não é de rótulos e datas", mas que foi adquirida através dos anos no convívio dos clássicos e pelo esforço consciente do estudo constante e da leitura diária.

Tem sido um professor no melhor sentido do vocábulo.

Sente-se bem no ambiente salutar da escola e nunca perdeu o entusiasmo nem "êsse quê indefinível, mas real e presente, de ideal e do sonho, que sempre inspira os grandes professôres, irmanando-os com os alunos, seus filhos espirituais".

Se pudéssemos fazer recuar o tempo, fazendo reviver em nossos dias a antiguidade clássica, verificaríamos que a figura de CABRAL MACHADO se ajustaria melhor nas roupagens de um grego sonhador e profundo do que na de um romano prático a arrancar da vida vantagens imediatas.

Já se disse que os gregos tiveram o "sentido do incomensurável". Assim, CABRAL MACHADO possui o sentimento do INFINITO. Sente, como outrora o povo helênico, essa atração sublime em busca da verdade. E vê no homem ligações íntimas com o transcendental.

Daí, poder escrever sem causar estranheza o conhecido axioma: "SERÁS O QUE DEVES SER OU NÃO SERÁS".

Integrou-se admiravelmente no seu papel de educador.

E nas aulas de História "interpretando os acontecimentos perdidos no tempo", mostra aos alunos, com o vigor do seu entusiasmo, a lição do passado como um incentivo digno de imitação.

Com a palavra fácil, voz agradável e a vastidão dos seus conhecimentos, conquista seus alunos que ouvem enleados e satisfeitos as suas explanações pelo terreno histórico.

Tornou-se também ardoroso professor de Filosofia Grega, a qual sempre o entusiasmou, na ânsia natural de mostrar a verdade.

E no ensino de Sociologia atingiu à culminância, num atestado insuperável da virtude da sua clareza e do grau da sua limpidez expositiva.

E aulas magistrais ministra com a capacidade incontestável dos seus atributos.

Convenceu-se de que só a educação dá o direito de buscar o verdadeiro caminho da paz.

Com os seus conhecimentos vastíssimos deu uma nova orientação sociológica ao ensino do Direito Civil.

Já é tempo para o culto professor lançar o fruto de sua Cátedra.

Uma obra que não será, certamente, mera exposição acadêmica ou didática do seu desenvolvimento das correntes filosóficas e sociológicas do Direito Civil, mas uma contextura do seu pensar jurídico com as circunstâncias históricas e doutrinárias referentes a êsse importante sacerdócio.

Evidentemente, o espírito das Academias continua a zelar pela tradição da cultura.

Embora, como escreveu o Conselheiro Lafaiete, "bem pobres e mesquinhas as fontes do nosso Direito Civil sabem as pessoas dadas a êsse gênero de estudo quão defectivos, incoerentes e disformes são

os subsídios que as nossas leis escritas oferecem para a organização de trabalhos científicos”.

Mas, percebemos também como se realça nos dias que passam o Direito na sua feição social.

Não somente da Cadeira de Direito Civil expande o Dr. CABRAL MACHADO seus valiosos ensinamentos. Sua presença em outras Faculdades da nossa terra testifica sua brilhante capacidade de trabalho.

A advocacia é uma profissão tão antiga como a magistratura, tão nobre como a virtude, tão necessária como a Justiça, segundo a clássica expressão de Daguesseau; uma profissão, cujas origens se confundem com as da organização dos Estados e cujo caráter eminentemente social há permanecido inalterável através dos tempos e dos diversos regimes políticos que se não sucedido.

Compreendeu o Dr. CABRAL MACHADO que a advocacia é uma profissão nobilitante e que o advogado é um soldado civil que com as armas da lei se bate pelo Direito.

O grande CÍCERO cognominava de “milícia urbana” a classe dos advogados.

E a antiguidade clássica considerava os advogados não menos úteis à sociedade do que os que combatem em defesa da pátria.

CABRAL MACHADO não exerce a advocacia como um verdadeiro militante.

A política e os misteres do professor apagaram as atividades do advogado, embora como professor de Direito Civil estivesse talhado para tornar-se um exímio civilista no Pretório Sergipano.

Agora, como Procurador que é do Instituto do Açúcar e do Alcool, mostrará sem dúvida, através dos seus arazoados, a grandeza dos seus conhecimentos jurídicos.

Pois, “saber o Direito é praticá-lo todos os dias a tôdas as horas, a todos os instantes; saber o Direito é vivê-lo”.

* * *

CABRAL MACHADO foi político, como uma contingência motivada pelos amigos que o rodeavam.

Embora deputado por três legislaturas, faltava-lhe sempre aquêlê impacto emocional que caracteriza o político por vocação.

Nunca fêz da política a sua razão de viver, o objetivo máximo de sua vida.

Tanto que é sem pena e até a respirar com certo alívio que abandonou o cargo eletivo, quando assumiu a Procuradoria do I.A.A., que conquistou galhardamente.

É que, espírito emocional e observador, se certificou de que muitas vezes são "rótulos pomposos" as melhores idéias dos nossos partidos políticos, aos quais, pelas circunstâncias que os rodeiam, de ordinário carecem de unidade de ação e de um programa que empolgue e satisfaça.

Faltou-lhe sempre a prática das conveniências.

É que não desejava ser o político vulgar que se dobra a tudo, indiferente a um lema, ou a um programa de vida que traçou para si próprio.

Não é que lhe faltassem arroubos de oratória...

O seu verbo foi sempre vibrante e valoroso como LIDER do Partido Social Democrático de Sergipe.

Incapaz de mentiras nem de exageros, comedido e sincero em suas atitudes, teve o senso profundo e raro de não fazer inimizades entre os colegas.

Não teve na política o ânimo ferrenho de partidário, mas agia sempre com a galhardia do mais perfeito cavalheirismo.

A sua figura permaneceu a mesma de pé em sua probidade inteiriça, que não transigia com atos e gestos colmados de maldade ou acrimônia, mas todo êle se abria, com franqueza e benignidade, para quantos dêle se aproximassem a solicitar um pouco daqueles tesouros que possuía e sabia distribuir com largueza do nababo: o conselho ponderado, as luzes da inteligência, o amparo de um largo e bom formado coração".

Na Assembléia Legislativa sua palavra foi sempre prestigiada e acolhida.

Cedo, "desencantou-se dos poderes do Legislativo".

Reconheceu que de certo modo o deputado é um escravo do partido e dos seus eleitores.

Hoje podemos dizer que êle é "um político em disponibilidade", todo voltado às lides do ensino e aos afazeres de sua profissão.

O novel Acadêmico é uma das expressões mais perfeitas de mentalidade arejada que se revela nas mais variadas facêtas.

Assim, professor, jornalista, conferencista, jurista e poeta, tem, entretanto, um signo comum a marcar tôdas as manifestações da sua inteligência, da sua cultura e da sua sensibilidade.

É o seu estilo próprio, dando uma nota pessoal e inconfundível a todos os seus escritos.

CABRAL MACHADO fêz versos na adolescência e na mocidade e ainda hoje, de quando em quando, como que por um imperativo emocional, êle volta ao convívio das Musas...

Lendo suas últimas poesias, plenas de beleza e sentimento, verifiquei que êle pode ser colocado entre os simbolistas.

O simbolismo, esta corrente de arte que ainda hoje domina principalmente na poesia e na pintura, embora com outros nomes como super-realismo e abstracionismo, é, sem dúvida, a grande libertação espiritual da nossa geração atormentada e sofredora.

Êste ministíicismo nebuloso que teve aqui no Brasil como pontífices CRUZ E SOUZA e ALPHONSUS DE GUIMARAENS, funciona como verdadeira explosão do EU, livre enfim do convencionalismo artificial do mundo exterior.

A imagem e o sonho passam pelo cérebro, e o homem se converte em um recipiente repleto de formas diversas, que se manifestam com fôrça criadora.

A realidade e o desejo agem harmoniosamente, e dessa luta intrínseca surge, depois, de infinitas associações o símbolo a dar vida e assinalar uma obra de arte.

É a ressurreição do EU que se move além do mundo das proporções formais, e que se encontrava flutuando no subconsciente, que aparece na metáfora que assinala tôda a arte simbolista.

É a fotografia do inconsciente que se revela com tôda a pujança.

As formas poéticas se manifestam então ilógicas e desproporcionadas, embora espontâneas e belas.

É como que a transmissão do subconsciente do poeta, mensagem misteriosa que vem do íntimo, enigmática e desconcertante, mas espontânea e fluente, revelando o artista e identificando o seu EU.

São expressões do mais puro simbolismo êstes versos de CABRAL MACHADO :

“A onda apaga os meus passos
 Quem descobre os meus caminhos?
 Vou sem nome, vou errante
 Tendo um ventre em cada pôrto
 Que a bem amada descobre
 Nos quatro cantos do mundo”. —

Na poesia simbolista de CABRAL MACHADO, encontra-se, de um modo profundamente acentuado, um grande desejo de fuga.

Assim, em BALADA DO MAR:

“Ó mar amigo, me leva
 Nas asas dos teus navios...
 Senhor da roda dos ventos
 Viverei nos sete mares
 Apesar da terra firme
 Que Deus criou a meus pés”.

E este sentido de fuga predomina em sua poesia.
 Em UM LEITO VASIO, êle disse:

“Agora, é minha a nave que largaste
 E partirei, também, por mundos vãos
 Com os restos de calor que tu deixaste”.

Porque êsse desejo continuado de fuga?
 Essa vontade constante de partir?

Segundo WERNER GOLDSCHMIDT, os homens de cultura podem ser classificados em egocêntricos e cosmocêntricos.

É na categoria dos primeiros que se deve colocar o nôvo Acadêmico.

“O egocêntrico guarda muito de suas fixações infantis; fortifica-se dentro de sua individualidade e emprega tôdas as energias para firmá-las a todo o momento, opondo-se ao meio circundante”.

Premido pelo imperativo da profissão que adotou como político, como advogado e como professor, tem que viver no convívio do meio que o cerca, comungando dos mesmos ideais e objetivos.

Daí a necessidade muitas vêzes inconsciente da sua fuga.

E êle a realiza de modo indireto através dos seus versos.

E assim a poesia, esta maravilhosa arte que sensibiliza e encanta, pode tomar um sentido nôvo, criando uma ilusão de vida que nos satisfaça e nos permita realizar, ainda que simbòlicamente, as tendências próprias do nosso temperamento.

É êste fenômeno que ocorre a CABRAL MACHADO que, egocêntrico por temperamento, mas forçado pelas circunstâncias dos seus encargos a tornar-se comunicativo e extrovertido, se refugia de quando em quando na poesia como uma solução, ainda que simbólica, para o seu temperamento introvertido.

SENHORES :

Procurei pintar, à medida das minhas fôrças, o retrato do poeta, do professor, do advogado, do político, do homem de fé. Desejo agora, apresentar ao Sr. CABRAL MACHADO as boas vindas em nome da ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS.

Esta casa sente-se honrada e jubilosa em acolher o seu nôvo membro que, sem dúvida, prosseguirá a sua luminosa caminhada, certo de que contará com os aplausos dêstes seus irmãos de Ideal que alegres o escolheram para fazer parte da sua fileira, numa consagração legítima aos seus altos dotes espirituais.

O DIREITO E AS LETRAS

DISCURSO DE POSSE DO
DR. GONÇALO ROLLEMBERG LEITE
NA CADEIRA 23, a 16-8-967

Em um farrapo de memória, lembro-me ter lido alhures, em qualquer página, talvez de José Ingenieros, que o ideal nada mais é que um plano a executar, visando a realização de algo no futuro, com base nos conhecimentos do presente. No ideário da minha juventude, planificando o roteiro da vida, não me recordo de ter fixado qualquer parada, pousada ou estação, para o cultivo específico das letras. Não que isto importasse em subestimação da vida literária, antes, contrariamente, reconhecida a superioridade dos intelectuais puros, acreditasse que o homem de letras, como o artista em geral, é a exceção, que, dotada de uma faísca de gênio, joga à face da humanidade uma criação sua, dotada de verdadeira beleza, bastante, na frase de Joaquim Nabuco, para iluminar uma existência inteira. Quando, após onze anos de pesquisa e estudo, Miguel Ângelo sente a revelação de como deveria construir a cúpula de S. Pedro, a um aprendiz curioso de saber como surgira a inspiração, responde: — “as idéias são como uma função natural do pensamento, como o hábito é dos pulmões, e talvez venham de Deus” — O anelo de perfeição a todos atinge: o artista projeta a monumentalidade de sua obra, fixa a sua dimensão, idealiza a sua majestade; o escritor observa, lê, compara, induz e deduz, analisa, sintetiza; ambos lançam-se ao trabalho, controlam num só objetivo tôdas as suas fôrças, recordam tôdas as suas experiências, e, afinal, a obra feita; sòmente, porém, poucos são os eleitos da divindade, poucos os que sentem a revelação, poucos os que não param na m

diocridade, poucos os que atingem as formas proeminentes de tãda excelsitude, o bem na moral, a verdade na ciência, ou a beleza na arte, criando em tãrno de si, através de sua obra, perenemente, aquãle ambiente a que se refere Rodó, uma mescla encantadora de animação e serenidade, uma eterna primavera de espãrito, um sorriso da história.

Augusto Comte já observara, porém, que em questões de intelectualidade, de moralidade ou de sentimento, seria insensatez substituir o número pela qualidade, pois da soma de muitos espãritos vulgares não se obterá o equivalente de um cãrebro de gênio, nem da acumulação de muitas virtudes mediocres, o equivalente de um rasgo de abnegação ou de heroísmo. E já que nem todos podem ser atores, sigamos o conselho de Rodó em seu Ariel, fazendo-nos espectadores atentos e entusiastas.

O que se não pode é menosprezar ou mesmo ignorar o mundo das letras e das artes, pois como dizia o autor do "Espãrito moderno", a estética é a expressão de tãda energia moderna: "O espãrito tudo transmuda em função estética, seja a religião pela criação das formas, pelo movimento ascencional do homem à divindade, seja a ciência na análise, na síntese, na transformação da matéria, seja a arte pela naturalidade realizadora dos valãres essenciais, e pela fusão do ser humano no Universo, seja a política no equilãbrio das classes, na geometria da construção nacional, na trajetória do destino do paãis, seja a simples vida que é a busca da harmonia entre os sãeres, e dãestes com o Universo, de que são fragmentos; em tudo a estética, como a sublime luz que é dada aos efãmeros para perceber nas miragens da consciãncia o inexorãvel e infindo mistãrio do inconsciente".

De mim sei que sempre vivi às voltas com livros e autores, em suma, às voltas com as letras. Ainda adolescente, na biblioteca de meu pai, conheci grande parte da literatura pátria, desde a "Iracema" de Alencar até "O cadãver vaiado" de Rui Barbosa. Ainda aí, comecei a tomar contacto com as letras francesas, através, não raro, da "Revue des Deux Monds", ou do suplemento literãrio de "L'Illustration". Sofri o primeiro impacto intelectual face a um constante problema humano, o problema da liberdade, lendo a romãntica, poética, grandiloquente, "História dos Girondinos", de Alphonse de Lamartine. Cidadezinha do interior, Riachuelo, sem cinema e sem futebol, sãmente poderia oferecer ao estudante em fãrias a fuga para a literatura; atacado então

de uma verdadeira bulimia livresca, lia desencadernadamente, tudo que me vinha às mãos, sem seleção de assunto ou de idade, simples luxo intelectual, lendo o que me aprazia, talvez, na experiência de Eduardo Frieiro, a leitura em sua mais nobre forma, dilatando e enriquecendo nossos conhecimentos.

Depois, no Colégio de Pedro II, iria encontrar um corpo docente que equivalia a uma selecionada Academia de Letras. Luiz Mendes de Aguiar, professor de Latim, gordo, mulato, eufórico, algo cabotino, sempre com um botão vermelho à lapela, distintivo da Arcadia Romana, à qual se jactava de pertencer, honraria que, segundo proclamava, somente êle e o Cardeal Arcoverde possuíam, no Brasil. Baiano entusiasta de Sergipe, onde fôra promotor público de Maroim, e dali saiu para disputar, com êxito, a cátedra de Latim, no mais importante colégio do país. Trazendo sempre na retina Sergipe e o seu povo, fazia o aluno parar uma tradução de Cícero, para contar proezas nas eleições da Cotinguiba, e, em plena aula corrigia uma tradução de Plauto, para afirmar gostosamente, que os apetrechos levados às costas pelas alimárias de Roma, não era o cesto fluminense, tão pouco o jacá mineiro, mas, na forma, no material e no destino, o caçua sergipano.

João Ribeiro, professor de História Universal, S. João Ribeiro das Laranjeiras, como o chamava Humberto de Campos, o maior conhecedor dos clássicos no seu tempo, e, ao mesmo tempo, o verdadeiro líder dos modernistas brasileiros. Carlos de Laet, diretor do colégio, um tipo inesquecível, símbolo do equilíbrio entre a moral e o saber. E outros, um Pedro Couto, um Raja Gabaglia, um Euclides Roxo, cientistas ou beletristas, escol da Cultura brasileira. As vezes, de empréstimo, por lá surgia Mário Barreto, do Colégio Militar, filólogo notável, míope e surdo, donde talvez a sua neurastenia permanente, que o fazia péssimo didata. Ao contrário, Jônatas Serrano, do Instituto de Educação, professor de inglês, a gentileza em pessoa, a mais completa figura de professor que até hoje conheci. O reconhecimento pelos alunos do valor de seus mestres, levava todos a uma natural disciplina entre os muros do colégio de Bernardo de Vasconcelos; por-tões a fora, entretanto, gozava a estudantada a fama da turma mais anarquizante e tumultuária da Capital Federal.

Não raro, deixávamos o velho casarão da rua Larga e em farândulas alegres íamos até a rua do Ouvidor, conhecer na Livraria Garnier as notabilidades do dia. Ali vi o Rui Barbosa, de fraque cinza e pince-nez, folheando uma encadernação francesa, das muitas que se enfileiravam sôbre o balcão, e sôbre cujos dorsos, um lindo gato, mascote da casa, deslizava plàcidamente, parando frente a cada freguês que chegava, donde sômente saía após ser acariciado. Ali ouvi o Medeiros e Albuquerque, vibrátil e lógico, descrever as mais belas baías do mundo, a propósito da descrição que, em livro recente, fizera Cláudio de Souza, da baía da Guanabara. Ali escutei a Alberto de Oliveira, alto, cabeleira cheia, trajando escuro, uma figura hierática, descrevendo com arte e graça, os concursos de beleza através da história, enquanto se aguardava a passagem do desfile de Miss Brasil, a alguns passos da casa, pela Avenida Rio Branco; vez por outra, prolongávamos o raid até à Livraria Católica, para ver a turma neotomista, discípulos e companheiros do Jackson de Figueiredo, colaboradores da Revista "A Ordem", para terminarmos na Rua de S. José, em uma livraria qualquer, ouvindo Agripino Grieco entre maliciosos trocadilhos e ironia ferina, zurzir vivos e mortos da literatura nacional.

Depois... a Faculdade. As escolas de Direito sempre foram sementeira fértil no cultivo das letras. Não é à-toa, que, na Faculdade do Largo de S. Francisco, em S. Paulo, nas suas tradicionais arcadas, ao lado dos nomes de três grandes juristas, figuram os nomes de três ex-alunos, dos maiores poetas do Brasil: Castro Alves, Alvares de Azevedo e Fagundes Varela. Na minha escola não rareavam também os cultores da poesia e das letras em geral. Da minha própria turma fazia parte Lúcio Brandão, o vovô da turma, presidente da Academia Mineira de Letras. Lembro-me de Emílio Moura, desbravador místico do modernismo em Minas, na expressão de Tristão de Ataíde, que em um dos seus versos nos falava do abajur dourado de seu apartamento. Sebastião de Souza, hechelista caprichoso, que abria seu livro com a seguinte estrofe: — Venho da geléia primitiva... Abgar Renault, poeta elegante na frase e no sentimento, fazendo lembrar a poesia de Júlio Dantas. E outros, e outros. Alguns não eram da Faculdade, mas viviam mesclados com os estudantes, em suave camaradagem espiritual. Dentre êles o nosso patricio Hermes Fontes, já então um nome nacional, mas que não saia da capital mineira, trabalhando na con-

quista do título de príncipe dos poetas brasileiros, era visto de constante entre os acadêmicos, sempre a sorrir, numa tácita aprovação de tudo que se conversava e discutia, pois nada ouvia, uma vez que estava completamente surdo. Carlos Drummond de Andrade já acontecia nas ruas de Belo Horizonte, já se tornara — o fazendeiro do ar —, e crescia dia a dia na admiração dos moços, pela sua “poética vigorosa, em que o verso adquiriu como um florete, o mais agudo poder de penetração verbal” (A. Amoroso Lima).

E a poesia saía das Escolas para ter sua vivência nas modestas repúblicas estudantis, como justificação de gestos, atitudes, protestos ou renúncias, sonhos de amor ou afirmações ambiciosas, enfaticamente explodindo em versos de poetas de todos os tempos e de tôdas as escolas, ou nos salões dos clubes elegantes da capital, declamados pelos próprios poetas ou por artistas da declamação, uma Ângela Vargas, Margarida Lopes de Almeida ou Zita Coelho Neto.

E aos festejados valôres nacionais — os paulistas Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Raul Bopp (gente dos grupos Pau Brasil, Verde Amarelo, Anta e Antropofagia), — os cariocas Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho e Ribeiro Couto e (os da revista Festa) Murilo Mendes Araujo e Cecília Meireles, — os mineiros (da A Revista de Belo Horizonte ou da Verde, de Cataguazes) Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus e Abgar Renault, e os nortistas, com Jorge de Lima, — juntavam-se os grandes nomes da poesia universal — um Gabriel D’Annunzio, um Hordelin, um Rilke, um Tagore — síntese da inquietação artística do momento. E Mário de Andrade, em “Noturno de Belo Horizonte”, escrevia versos como êste: — “Minas progride | Afinal | Belo Horizonte é uma tolice como as outras. | S. Paulo não é a única cidade arlequinal. | E há vida, há gente, nosso povo tostado. | ”

Saíamos do modernismo, desenvolvido em oposição aos valôres tradicionais, e já estávamos em pleno pós-modernismo, em que a poesia, deixando o fácil pitoresco e o descritivo, encaminhava-se para o transcendente, o essencial e o reflexivo.

Nem todos, porém, se deixavam atrair pela poesia, sentimental, romântica, dionisíaca. Muitos preferiam o remanso da prosa, densa de pensamento e graciosa de forma, aristocrática, apolínea. E, em estudos concentrados, procurando veredas do talento ainda desconhe-

cidas, ou cumes do pensamento ainda não atingidos, saciavam a sua ânsia de crescer, criar, subir. Lia-se, lia-se Berdiaef, Maurras, Ortega y Gasset, Papini, Keyserling, Spengler, Marx, Einstein, e sobretudo Bergson; sociólogos, filósofos e cientistas. Na literatura propriamente dita, preferidos eram Dostoiewsky, Chesterton, Bourget, e sobretudo, Anatole France, de quem tudo se lia, e sobre quem tudo se procurava ler, êsse Anatole, do qual em feliz evocação, escrevia Gilberto Amado "Ó bom gosto, ó graça, ó sutileza, ó prudência, ó volúpia, ó malícia, ó alegria, vós estais na alma dêsse monge sensual da Renascença, dêsse humanista cheio de pecado, dêsse Bergeret sorridente e amargo, dêsse Coignard que amava as raparigas públicas no pórtico dos conventos do quai Voltaire, dêsse doutor clarividente da alma humana, estais na sua alma, e sois os seus ornamentos suaves!". Vindo de outras gerações a que deslumbrara, o autor do "Le Lys Rouge" continuava nas paradas de sucesso das seleções da mocidade, a ocupar o primeiro pósto das preferências dos leitores.

Dos brasileiros, os novos despertavam interêsse quando da publicação, do *vient de paraitre*, na curiosidade de encontrar-se algo de nôvo na expressão ou no pensamento; os que contavam, porém, para atrair o estudo dos jovens, eram Graça Aranha e Machado de Assis, não o Machado sentimental e romântico, mas o Machado depois da República, de após os quarenta, cético, satírico, irônico, o autor de "Bras Cubas", "Quinquas Borba" e "D. Casmurro", o Machado, diabo da razão, mago do estudo, brasileiro e universal.

Graça Aranha gozava da simpatia da mocidade, dada a sua liderança no movimento modernista de 1924, e pelo cunho de autêntica brasilidade que se dava ao seu romance "Chanaan", sendo assim com Gregório de Matos e o Aleijadinho, símbolo do artista integrado no espírito da nacionalidade, contrariando àqueles que, como Joaquim Nabuco, dizia pensar em francês, ou como Medeiros e Albuquerque escrevia que a literatura brasileira é um simples capítulo da literatura francesa.

Simple distorção de idéias e conceitos. O pensamento, o talento, o gênio, a ciência, a arte, as letras, a cultura enfim, não têm pátrias, são universais. A civilização é uma resultante de séculos de lutas e conquistas, da soma de experiências e sacrifícios, através dos tempos, do elo das tradições vividas e das vitórias conquistadas, do constante

cidas, ou cumes do pensamento ainda não atingidos, saciavam a sua ânsia de crescer, criar, subir. Lia-se, lia-se Berdiaef, Maurras, Ortega y Gasset, Papini, Keyserling, Spengler, Marx, Einstein, e sobretudo Bergson; sociólogos, filósofos e cientistas. Na literatura pròpriamente dita, preferidos eram Dostoiewsky, Chesterton, Bourget, e sobretudo, Anatole France, de quem tudo se lia, e sôbre quem tudo se procurava ler, êsse Anatole, do qual em feliz evocação, escrevia Gilberto Amado "Ó bom gôsto, ó graça, ó sutileza, ó prudência, ó volúpia, ó malícia, ó alegria, vós estais na alma dêsse monge sensual da Renascença, dêsse humanista cheio de pecado, dêsse Bergeret sorridente e amargo, dêsse Coignard que amava as raparigas públicas no pórtico dos conventos do quai Voltaire, dêsse doutor clarividente da alma humana, estais na sua alma, e sois os seus ornamentos suaves!". Vindo de outras gerações a que deslumbrara, o autor do "Le Lys Rouge" continuava nas paradas de sucesso das seleções da mocidade, a ocupar o primeiro pôsto das preferências dos leitores.

Dos brasileiros, os novos despertavam interêsse quando da publicação, do *vient de paraitre*, na curiosidade de encontrar-se algo de nôvo na expressão ou no pensamento; os que contavam, porém, para atrair o estudo dos jovens, eram Graça Aranha e Machado de Assis, não o Machado sentimental e romântico, mas o Machado depois da República, de após os quarenta, cético, satírico, irônico, o autor de "Bras Cubas", "Quinquas Borba" e "D. Casmurro", o Machado, diabo da razão, mago do estudo, brasileiro e universal.

Graça Aranha gozava da simpatia da mocidade, dada a sua liderança no movimento modernista de 1924, e pelo cunho de autêntica brasilidade que se dava ao seu romance "Chanaan", sendo assim com Gregório de Matos e o Aleijadinho, símbolo do artista integrado no espírito da nacionalidade, contrariando àqueles que, como Joaquim Nabuco, dizia pensar em francês, ou como Medeiros e Albuquerque escrevia que a literatura brasileira é um simples capítulo da literatura francesa.

Simples distorção de idéias e conceitos. O pensamento, o talento, o gênio, a ciência, a arte, as letras, a cultura enfim, não têm pátrias, são universais. A civilização é uma resultante de séculos de lutas e conquistas, da soma de experiências e sacrifícios, através dos tempos, do elo das tradições vividas e das vitórias conquistadas, do constante

devenir entre derrotas e triunfos, até atingir-se um clímax de estabilidade social e econômica, permitindo o luxo intelectual da arte, garantindo ao homem o gozo dos paraísos artificiais, emanentes do culto da beleza e da sede de perfeição. Dólares, cruzeiros ou pesos, potenciais bélicos ou máquinas as mais aperfeiçoadas — não compram nem suprem milênios de civilização. Não faltam ao brasileiro os dons superiores para o cultivo das letras; o que lhe falta, na frase de Eduardo Frieiro, é ambiência feliz que favoreça a plena floração dos talentos; o que lhe falta é que se apurem as formas de vida e se incrementem os meios de cultura, elevando-se pari-passu a riqueza da vida interior do povo e das novas épocas. Os escritores brasileiros que sofrem as influências européias, observa Gilberto Freyre, “persistem fortemente brasileiros pela sua maneira de caracterizar, exagerar e interpretar a vida; pelo frescor e pela verdade de sua visão e também pela fidelidade essencial, não formalista ou convencional, à atualidade viva do Brasil e ao seu passado que conseguem reviver ou ressuscitar”. Aliás, o conceito de literatura como o espírito de um povo não tem mais razão de ser, eis que no ensino de Benedetto Croce, a história da literatura, não é a história dos povos e dos seus hábitos, da sua obra moral e política, mas, a história das personalidades literárias, individuais e universais, vez a vez.

E sutilmente, através da ironia risonha, do humor delicioso, veiculados ao embalo de um estilo mágico, a obra de Anatole, Machado ou mesmo de Graça Aranha, infiltrava no seio da mocidade profundo ceticismo, que em doses maciças acrescia-se com a arte de Charles Chaplin, da mesma linha de pessimismo e descrença, arte tanto mais atuante, quanto de resto se iniciava dentro do conceito generalizado de que partia de um artista genial, um verdadeiro estreado da glória.

São evidentemente consangüíneos os trechos em que Machado faz um garoto lançar a primeira pedra contra o maluco que lhe salvara a vida, arriscando a sua própria; e Anatole faz um mestre ouvir críticas violentas e sarcásticas ao seu ensino, de dois estudantes, que viajavam no mesmo ônibus, e, no dia seguinte, em sua residência, receber surpreendentemente a visita dos dois mesmos jovens, a lhe solicitarem orientação e auxílio na confecção de uma tese, ou ainda aquêle trecho de Graça Aranha em que Radagazio, abobalhado, divaga pela Avenida Beira-Mar, contando os incontáveis carecas de luz, —

todos três quase gêmeos, da cena que abre o filme "Luzes da cidade", onde Chaplin nos apresenta um mendigo andrajoso aos pés da estátua da prosperidade, no momento em que festivamente se descerra o pano que a cobria.

E as longas vigílias em estudos acurados para aprender o pensamento, o talento, o gênio, a centelha divina, dos líderes espirituais do momento, espoucavam em girândolas oratórias e debates acirrados, nas sessões domingueiras do Centro Acadêmico de Direito, e das repúblicas estudantis. Nessas tertúlias acadêmicas tomavam parte estudantes, hoje conhecidos no cenário nacional: Gustavo Capanema, Mária Casassanta, Gabriel Passos, Negrão de Lima, (Francisco e Jair), Delfim Moreira Júnior, Martins de Almeida, Adauto Lúcio Cardoso, José Maria Alchimim, Abgar Renault, Dario de Almeida Magalhães, Dario Délio Cardoso, Plínio Lemos, Cristóvão Brayner, Maurício Benedito Otoni, Bilac Pinto, Vinicius Meyer, Javert de Souza Lima, e outros que se perderam na órbita do tempo.

A atração dos moços de então para as letras não era uma fuga à realidade política e social da época, não era, como se dizia então, uma *trahison des clerics*, ou como se diria hoje, uma alienação cultural. Vivíamos uma fase de transição, entre as duas guerras mundiais. As chamas do primeiro conflito não foram de todo apagadas pelo Tratado de Versalhes, que criando situações políticas artificiais, manteve a brasa da reação ou da revolta, crepitando sob as cinzas de uma aparente pacificação, posta sob a garantia da Liga das Nações, a quem caberia mantê-la com duchas de tratados e convênios, qual o bombeiro molha os focos de fogo em um incêndio mal extinto. Daí a inquietação reinante, a incerteza, a dúvida, perspectiva que se tornaria fatal realidade com o segundo grande conflito. Época de transição, cultura pois em função das ideologias do momento, sem segurança de princípios e certeza de objetivos.

Com efeito, olhando o panorama cultural da Europa, encontraríamos um Keyserling, simples, humaníssimo, agradável de leitura, mas que não servia senão de lastro para uma palestra brilhante e atraente. Spengler, tremendamente pessimista, desanimando a todos, proclamando a falência da civilização ocidental, a incapacidade de seus filhos para as grandes criações do espírito, e lançando o homem ao fatalismo de uma existência meramente pragmática. Marx ainda era objeto de

leitura e interpretação, face à política realista de Lenine, e o ativismo político de seus adeptos, longe estava de se concretizar. Bergson, encantador no estilo, sedutor em suas conclusões, permitindo flexibilizar o pensamento até o ponto de estabilizar em um conceito político o fenômeno fugidio, a hipótese refractária à classificação, não oferecia contudo sedimento para se fundamentar uma atuação concreta.

No campo político as tradições se repetiam ou faziam surgir novas fórmulas políticas de acentuada origem regional. O fascismo, na Itália, era o velho preconceito de primazia de uma cidade — Roma —, e a preponderância de um nome messiânico, chame-se êle — Júlio César ou Benito Mussolini. Na Alemanha, a ficção da raça ariana despontada desde a Idade Média, vestida de roupagens científicas por Gobineau e corporificada em ação política por Bismarck, atingiria seu climax político como o nazismo, consolidado no III Reich, sob os tacsões de Hitler. Na Rússia, concretizava-se com o comunismo a profecia de Rousseau, que já em 1789 o considerava objetivo fatal a que chegaria um país que nunca conheceu a democracia, e onde a população se dividia entre a opulência de alguns, e a extrema miséria de quase todos. Nada pois de construtivo, de universalmente aceitável por uma juventude ansiosa de soluções lógicas e pragmáticas, sem sacrifício do nacional e do ideal.

Por sua vez a política brasileira nada de atrativo poderia oferecer a um estudante. Rui Barbosa, o grande advogado, o filólogo eminente, o internacionalista notável, era um político inadequado, pregando idéias ultra-liberais aos sertanejos analfabetos da Bahia, como se falasse a cultas platéias de Trafalgar Square ou Picadilly City. Nilo Peçanha, simpático e popular, plasmava belas idéias com finalidades meramente eleitorais. Borges de Medeiros e Assis Brasil, retirados na província, demasiadamente platinos, se mostravam trepidantes quando o país estava calmo, e ficavam indiferentes quando o país se agitava. O partido democrático do conselheiro Antônio Prado não conseguira ir além da pregação do voto secreto. E, finalmente, outubro de 1930, sonho cívico de uma noite de verão, que, após a legislação trabalhista, a reforma eleitoral e a industrialização da siderurgia, se esvaecera na estagnação, até o deflagrar da nova guerra. O Brasil era bem, na frase de Osvaldo Aranha, um deserto de homens e de idéias.

A mocidade sentia, desejava, aspirava a um Brasil nôvo, traçando trilhas próprias na senda do progresso universal; um Brasil que não fôsse simples reprodução da civilização européia, mas que criasse nestas margens do Atlântico uma civilização inédita e original. Faltava-lhe, porém, organização, ação, ambiente, programa e liderança. O como e o porquê das suas atividades, só poderia decorrer dos livros, fonte perene em tôda história dos grandes movimentos cívicos.

E depois do lustro acadêmico a vida prática: advocacia, jornalismo, magistério. Três atividades das que João Ribeiro chamou de profissões aproximadas, exercidas pelos homens de letras. Nefastas para êstes, benévolas para o profissional. Tal aproximação se manifesta viva, através dos tempos, entre o direito e a literatura: Apolo, o deus dos versos, era legislador e suas leis eram publicadas ao som da lira. Dracon, Solon, Licurgo escreviam em versos e publicavam suas leis em cantos. Aristóteles dava o mesmo nome às leis e às árias, Cícero e Tito Lívio as denominavam de carne, isto é, poema. Juristas e poetas usam o símbolo, buscando despertar a atenção, excitar o entendimento, ajudar a memória. Nas letras clássicas encontra o jurista a lição para a linguagem da lei, severa, exata e correta. Daí Sthendal ler o Código Civil para aperfeiçoar o seu estilo. O jurista precisa das letras para justificação, fundamentação e apresentação de suas teses, onde a linguagem austera do direito sente a necessidade do viço e do perfume das flôres literárias, a fim de atingir a atenção e a compreensão do vulgo acessível às manifestações do belo, demasiado rude para entender o intrincado linguajar da ciência.

É na literatura que o homem da lei, na tribuna, no pretório ou na cátedra, vai buscar o tipo perfeito para exemplificar e esclarecer, certo que a vida imita a arte, e o gênio supre ou corrige a natureza; e aí temos Shakespeare com um desfile majestoso de tipos de modelos, Macbeth o louco, Otelo, o ciumento, Romeu, o apaixonado, Shiloch, o avaro; ou ainda, Dostoievsky com o jogador, Molière, com Tartufo, o simulado; ou o exemplo para confirmação de teses, como na investigação da paternidade, — o retrato falado —, que surge indiscutível, no "L'Aiglon", de Edmond Rostand, em "Os Maias", de Eça de Queiroz ou em "D. Casmurro", de Machado de Assis; ou ainda no enredo dos romances sociais, o conhecimento de tôda a organização de uma empresa, sejam as minas de Montessou, em Zola, ou o grande

hotel St. Gregory, em Artur Hailey, ou também presta atenção à crítica judiciária, que se mostra não raro injusta e candente, mas sempre, com perfeição descritiva, na "Vespas" de Aristófanes, os "Plaideurs" de Racine, o juiz Bridoie de Rabelais, no "Guliver" de Swift, bem como em passagens várias de "David Coperfield" e "Pichwich", de Dickens, ou e mmuitas no "Jerôme Coignard", "Rôtisserie de la reine Pedauque", e sobretudo, "Crainquebille", de Anatole France. Lêde as obras dos juristas da Escola do Recife, um Tobias, um Clóvis, um Virgílio Sá Pereira; em tôdas elas salpicam aqui e ali citações literárias amenizando o texto, suavizando a doutrina, clareando a exposição. Como dizia Graça Aranha, é o direito visto através das côres solares da poesia.

No Brasil não existe a profissão das letras, nem mesmo como segunda profissão, qual acontece na França. Os nossos escritores pertencem às profissões liberais ou ao funcionalismo público, que nos deu a maior expressão das letras pátrias, Machado de Assis. E em o ser mera diversão ou aderção, talvez- lhe vá bem, como nota Afrânio Peixoto, pois, só espontâneas lhes é possível a sinceridade, condição da excelência de tôda a arte. Como no jôgo de bilhar, dá-se a carambola por tabela, para melhor atingir a bola alvo, o profissional tangencia as letras para alcançar um triunfo mais compreensível, mais humano, mais perfeito.

Assim, inconscientemente talvez, o fizemos nós, como antes já o fizeram Ciro de Azevedo, o patrono, Prado Sampaio e Leite Neto, ocupantes dessa cadeira; assim o fizeram de certo, os ilustres membros dessa Academia, como sempre o fizeram os membros da Academia Brasileira de Letras, e já traçara o roteiro a própria academia modêlo, a Academia Francesa, sôbre a qual escreveu Voltaire: "um organismo onde se recebem gentes tituladas, homens de destaque, prelados, vultos da toga, médicos, geômetras, e até mesmo... homens de letras".

UM JURISTA DIPLOMATA

Ciro Franklin de Azevedo — nasceu em Aracaju, aos 16 de abril de 1858. Emigrando desde cedo para o sul do país, estudou na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde se diplomou em ciências jurídicas e

sociais a 24 de novembro de 1882. É portanto um dos muitos intelectuais sergipanos que se fez fora da terra berço, cuja literatura já a denominou Sílvio Romero uma literatura de emigrados, sendo que, na justa observação do mesmo crítico, os mais notados dêles influíram mais no Brasil em geral do que particularmente em Sergipe.

A pequenez e a pobreza da gleba natal não auspiciam a seus filhos a promessa de um risonho futuro; sobe-se talvez rapidamente; facilmente atinge-se a meta final da carreira; começa-se não raro, por onde nos grandes centros se termina, máxime se ventos favônios sopram tangidos pelo pistolão da política, dos conventículos de campanário ou de circunstâncias ocasionais. Atingido porém o ápice desejado na carreira, fica o sergipano sem mais horizontes a contemplar, esgotando-se num eterno serrar serragem, numa dança macabra de quem pisa areia gorda à beira mar, procurando um equilíbrio difícil, donde o dilema de recuar à terra ou perder-se nas correntezas do oceano. Província subdesenvolvida, econômica e intelectualmente, tem marginalizadas tôdas as profissões que direta ou indiretamente não levem ou não sirvam à política, em geral em sua expressão corrupta de politiquice, politicagem ou politicalha, abafando na indiferença ou no esquecimento, qualquer valor que a ela não se mostre afeito, ou a desdenhe de maneira sobranceira e repulsiva. Daí, a corrida dos moços que crêem no futuro, para as ricas regiões do Centro Sul, onde, já dizia Sílvio, se fabrica a fama, e donde, os poucos que voltam, o fazem nas asas do prestígio lá adquirido, como ocorreu a Ciro, limitando-se a maioria, na saudade da terra máter, em sentir ao vê-la de longe, como Hermes Fontes. “uma alegre vontade de chorar”.

Durante o Império, ou mais seguramente na segunda metade do século passado, as Faculdades de Direito de S. Paulo e Recife tiveram a liderança na luta pelos grandes problemas nacionais, fôssem êles cívicos, políticos, sociais, jurídicos, ou meramente culturais; S. Paulo era principalmente o centro das idéias políticas, Recife notadamente o núcleo das idéias científicas. Ainda estudante, incorporou-se Ciro de Azevedo ao movimento republicano, então incipiente, escrevendo na “República”, órgão do Clube Republicano Acadêmico, e em “O Americano”, respectivamente em 1880 e 1881, e da sua identificação com a causa de uma nova forma de govêrno no país, dão-nos notícias os seus livros “Conferências”, “Um ano de Imprensa” e “Propaganda Re-

públicana” em 1886, 1887 e 1889, respectivamente. Como estudante, publicou também trabalhos sôbre vários temas jurídico-sociais como a prostituição, o adultério, a liberdade e a autoridade, enfeixados depois no livro — “Estudos Sociais e Literários”, 1880.

Voltou às letras escrevendo um estudo de psicologia intitulado “Alma enferma”, e várias conferências sôbre literatura brasileira em Montevidéu e Buenos Ayres, publicados em 1918 e 1919, sob os títulos de “Conferências sôbre a literatura brasileira” e “Conferências em Buenos Ayres”. Escreveu também uma comédia “Hilanderas”, representada em 1918, no teatro Urquiza, de Montevidéu. “Assuntos Internacionais” é uma coletânea de artigos vários, onde com a sua longa experiência de diplomata focalizou diversos aspectos da realidade nacional, destacando-se dentre êles, o problema da imigração européia, combatendo, como o fizera Sílvio Romero, os chamados quistos raciais, e sugerindo processos racionais e científicos, que permitissem a gradual assimilação dos grupos de emigrantes estrangeiros no seio da população brasileira. A tônica observável nas obras do escritor sergipano, quer quando versa assuntos de sociologia ou de política, quer quando faz a crítica literária, é um acentuado senso de medida, uma segurança no domínio do assunto, aliados a um invulgar bom gosto; possuía o espírito de geometria, decorrente talvez do hábito de sistematização que hauriu como discípulo de Augusto Comte, e um espírito de finura, decorrente de certo do exercício da própria carreira diplomática.

Uma vez bacharel em direito, Ciro de Azevedo exerceu de início o cargo de Delegado de Polícia no Rio de Janeiro, e depois, promotor público na comarca do Rio Bonito, no Estado do Rio. Advogado no fóro criminal do Rio de Janeiro, de logo grangeou invulgar notoriedade; com efeito, escrevendo sôbre os grandes oradores do juri na antiga capital federal, o ministro Viveiros de Castro, menciona dois sergipanos, Ciro de Azevedo e Fausto Cardoso, ambos aliás de curta freqüência ao tribunal popular. Tinham falecido Sizenando Nabuco e Janssem Junior, e velho, cansado, estava Busch Varela, considerados os três mestres da eloquência forense. É quando, salienta Viveiros, a essa pléiade ilustre vieram se juntar prometedores de esperanças Ciro de Azevedo e Oscar Macedo Soares, mantendo as grandes tradições de cultura e eloquência da tribuna forense. É nesta ocasião que Ciro

faz a defesa do criminoso Albérico, defesa que lhe deu grande renome, pois, pela primeira vez no país, se applicava na apreciação do réu, as teses da antropologia criminal, pregadas em "O homem delinqüente", por César Lombroso. Hoje, sabe-se que a Escola Positiva de criminologia nada mais foi do que a repercussão no campo do direito, das ciências naturais, então em pleno apogeu, o que sempre ocorre quando uma ciência se avanta às outras, no domínio da pesquisa e das descobertas; assim também aconteceu com a matemática, a história e hoje acontece com a física nuclear, e a economia política nos países subdesenvolvidos.

Já em 1884 Ciro figurava entre os grandes advogados da Côrte, tendo como tal, em companhia de outro sergipano ilustre, Bittencourt Sampaio, assinado o Manifesto programa do Clube dos Advogados contra a escravidão, que abria com a assinatura de Saldanha Marinho e fechava com a de Joaquim Nabuco, nomes que bem exprimem o alto valor do documento, e da posição destacada do signatário; fiéis à sua tradição liberal, afirmam neste documento os advogados, que não aceitarão causa contra os escravos, nem a estes recusarão serviços profissionais.

Deixando a advocacia, Ciro de Azevedo ingressou na carreira diplomática como Ministro Plenipotenciário no Chile, em 1890, representando o Brasil, a seguir, em vários países como o Peru, a Argentina, o México, a Áustria, a Espanha, a Alemanha, e finalmente o Uruguai, onde se aposentou em 1914. Longe está a diplomacia moderna daqueles tempos de Talleyrand, em que o diplomata deveria ser o homem, para usar a palavra com o fim de esconder o pensamento. Hoje, a outrora poética *carrière* nada mais é que uma burocracia técnica, tudo resolvido nas chancelarias, que transmitem as instruções estudadas, completas, definitivas. Ao diplomata cabe apenas executá-las, o que tanto melhor fará, é certo, quando tiver cultura, finura de trato, respeitabilidade pessoal, e conhecimento seguro do meio e dos homens do país em que está. Possuidor de tais qualidades era Ciro de Azevedo, ao seu tempo, uma das figuras representativas do Itamarati, longe estando de figurar entre aquêles a que Oliveira Lima classificava, pela inépcia e despreparo, como bacharéis em belas roupas.

Terminando o govêrno de Graco Cardoso, achou o presidente Artur Bernardes de fazer uma composição entre as fôrças políticas do

Estado, para dar a Sergipe um presidente acima das facções partidárias, aceitável por todos por suas condições de respeitabilidade, cultura e competência. Nomes foram cotados para tal, como um Agenor de Roure ou um Edmundo Veiga, logo afastados por não serem sergipanos natos, condição então exigida pela Constituição do Estado; outros, como D. Antônio dos Santos Cabral, arcebispo de Belo Horizonte, não aceitou o convite por achar ser mais difícil governar o pequeno Sergipe que a grande Minas Gerais, conforme respondeu ao encarregado do convite, o secretário da Agricultura, Daniel de Carvalho. A escolha recaiu afinal em Ciro de Azevedo, diplomata aposentado, sergipano então cercado da auréola de alto valor moral e capacidade indiscutível para a missão a cumprir, escolha sobre que, segundo Graco Cardoso, previamente a opinião pública se manifestara com solenidade jamais presenciada. Assumindo o govêrno a 24 de outubro de 1926, nêle permaneceu menos de três meses, pois faleceu no Rio de Janeiro a 16 de janeiro de 1927.

Dois fatos ocorridos nesse período dão idéia do caráter inflexível de Ciro, e do que seria o seu govêrno: a Constituição Federal declarava separados a Igreja e o Estado; o presidente não tergiversou; cumprindo a lei, proibiu o culto religioso no quartel da Fôrça Pública, medida sob o ponto jurídico, rigorosamente certa, mas, politicamente, talvez não fôsse, pois grangeou para o Presidente a malquerença do homem da rua, pleno de religiosidade; desejando a valorização do secretariado, deixou aos secretários, por completo, a solução dos negócios afetos a suas pastas, cabendo-lhe tão só a supervisão da execução do programa do govêrno e o contrôle do funcionamento da máquina administrativa; notou-se então uma reação hostil dos coronéis políticos, acostumados a subirem as escadarias do Palácio da Paz e da Lei, para pedirem ao sempre compadre Presidente a retirada de um cabo de polícia, a remoção de uma professôra, ou o abatimento de um impôsto lançado pela exatoria.

Ciro de Azevedo participou ativamente de dois dos maiores acontecimentos de nossa História — a Abolição e a República; foi advogado de escol, diplomata acatado, homem de letras culto e esteta, orador fluente, homem digno por todos os títulos; honrou Sergipe, bem servindo ao Brasil.

UM JURISTA POETA

Joaquim do Prado de Sampaio Leite nasceu em Aracaju, a 3 de junho de 1865. Diplomou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Recife, a 8 de março de 1889. Filho espiritual da Escola do Recife, a sua obra não se enquadra bem em nenhuma das fases em que a dividem a poética, a crítica e a científica, pois versejou, criticou e filosofou. De resto, quase todos os filiados a essa Escola, ao culto do direito sempre uniram o gosto da poesia e acentuada tendência para os estudos filosóficos, o que levou Oliveira Viana, generalizando, e tendo em vista o grande número de sergipanos que a ela pertencia, dizer: — Todo intelectual sergipano é quase sempre filósofo —.

É espantosa a fecundidade intelectual de Prado Sampaio. Publicou somente em versos quatro livros, além de poesias e poemas esparsos por jornais e revistas. Sílvio Romero, no "Quadro Sintético da evolução dos gêneros na literatura brasileira", o classifica no primeiro período de Reação contra o romantismo, caracterizada pela manifestação de revolta, com o filosofismo poético de Sílvio Romero, Teixeira e Souza, Martins Júnior e Prado Sampaio, e iniciada com o manifesto doutrinário de Sílvio em 1870, se desenrola até 1880. Sílvio Romero classificou em quatro grupos os poetas sergipanos, exprimindo cada grupo uma coloração geral, filha do mesmo momento histórico, da mesma corrente preponderante da época, das mesmas influências estranhas. No terceiro grupo, liderado pelo próprio Sílvio, figuram Prado Sampaio, Joaquim Fontes, Lima Junior e Manoel dos Passos, e fixa a transição do romantismo para o parnasianismo. Diz Sílvio que Prado Sampaio poderia figurar na galeria dos melhores poetas nacionais, se as aspérrimas peripécias do viver provinciano não o houveram segregado das condições de luta, indispensáveis para firmar os grandes nomes, as largas e imorredouras famas. Aliás, Prado Sampaio é um discípulo entusiasta e disciplinado do autor da História de Literatura Brasileira; êle próprio escreve no prefácio do livro "Locubrações": "Compreendo a poesia como a síntese deslumbrante de todos os princípios que até aqui têm agitado o século", — e acrescenta: "os meus últimos versos são estudos do Dr. Sílvio Romero" —.

Não acredito que alguém hoje leia ou mesmo conheça os versos de Prado Sampaio; quais nuvens ao sol-pôsto, passa depressa o êxito

dos poetas, de prestígio transitório, como o viço das flôres, a beleza das mulheres, a fama dos artistas ou a técnica dos jogadores de futebol; mesmo os maiores, o máximo que conseguem, é serem arquivados no museu das antologias.

Sôbre filosofia, literatura e folclore, publicou os livros "Sergipe", "Ensaio de lógica", "A literatura em Sergipe", e grande número de artigos e ensaios nos jornais e revistas da época. Os seus trabalhos filosóficos, quicá os literários, sofrem a influência quase opressiva, talvez abusiva, do monismo darwiniano. Ainda despertam interêsse os seus trabalhos sôbre folclore sergipano, área que parece reservada pela cultura nacional aos escritores sergipanos, tal o número de patrícios nossos que se vêm destacando nesse setor. Prado Sampaio, como em geral aquêles que conviveram com Martins Júnior, da fase científica da segunda escola pernambucana, usa uma terminologia rebarbativa, ligada à biologia ou antropologia que soa mal fora dos laboratórios e gabinetes, pedregulho a enfeiar a expressão da frase e a leveza do estilo; assim é que chama de **protoplasma étnico-espiritual** do povo sergipano as manifestações da alma coletiva, — e tem uma poesia intitulada: **Phtysica**; isto só para exemplificar. Ainda em 1928 publicou uma memória: "Sergipe Artístico, Literário e Científico", boa síntese da contribuição sergipana para a cultura nacional, onde a par de um otimismo ingênuo a respeito de certos vultos da terra, há interpretações seguras, e classificações aceitáveis, quanto àquela contribuição.

Prado Sampaio iniciou sua carreira como promotor público de Japarutuba; foi juiz de direito em várias comarcas sergipanas; voltou a Pernambuco como juiz municipal de Vitória e foi secretário de polícia do mesmo Estado, passando, a seguir, a exercer ali a advocacia. Regressando a Sergipe, foi nomeado professor catedrático de Literatura e Lógica, tendo sido deputado estadual. Era ativo colaborador dos jornais sergipanos.

Escreve Armindo Guaraná: "Retraído por gênio, poupa-se ao bulício do meio em que vive, isolando-se em casa, onde deleita com uma palestra erudita os que consigo privam". Como os antigos Prudentes, da velha Roma, passou a ser consultor jovial, sábio e seguro para os amigos, discípulos e admiradores que o procuravam. Tornou-se um solitário. Não há confundir a solidão com a misantropia. Esta é a

aversão sistemática e inflexível aos homens e ao seu convívio. Aquela é o isolamento voluntário, racional, fugindo a acontecimentos ociosos, participações insignificantes, presenças condicionadas. É o ambiente sereno e límpido para estudar, para apreciar, para julgar; é a calma tranqüila para racionar, para pensar, para sonhar. “Nunca estou tão pouco só, do que quando estou só”, explicava Miguel Ângelo. Misanthropo, talvez fôsse Capistrano de Abreu, recusando fazer parte da Academia Brasileira, pois, a única sociedade de que fazia parte era a sociedade humana, onde só entrou porque não o consultaram antes.

Solitário é Machado de Assis retraído em Cosme Velho, ou Garcia Rosa, isolado na colina de Sto. Antônio. Não é qualquer que tem a coragem do isolamento social, regateando intimidades, ou receando abrir a alma a quem tanto não mereça, donde escrever Malarmé, que nem todo homem é digno da solidão. Ensinara Pitágoras a seus discípulos: evita a rua principal da tua cidade; é que, na frase de Leonardo da Vinci — quanto mais fôres só, mais serás tu mesmo — O isolamento edifica, avigora, fortalece. E, em sonoros versos canta a musa de Gonçalves Dias: “São torpes os anuns que em bandos folgam. | São maus os caítitus que em varas pascem, | Sòmente o sabiá geme sòzinho | e sòzinho o condor aos céus remonta”.

UM JURISTA POLÍTICO

Francisco Leite Neto é o segundo ocupante da cadeira n.º 23. Quer porque date de ontem o seu desaparecimento, quer porque unidos fomos por laços estreitos de consangüinidade, falta-nos de certo a necessária perspectiva para apreciar, com justiça, a obra e a vida do ilustre morto. Obediente contudo ao regimento da Casa, limitar-me-ei a apresentar um documentário, citando fatos e conclusões evidentes que dêles decorram, certo de que êstes jamais mentirão: *Facts cannot lie*.

Nasceu Leite Neto, na cidade de Riachuelo, a 14 de março de 1907; feitas as humanidades em Sergipe e Bahia, ingressou no curso de Odontologia, da Faculdade de Medicina de Salvador, onde pretendia, pela legislação de então, atingir a formatura nesta última carreira, que era a sua meta vocacional. Não o tendo podido fazer por circunstâncias do momento, achou-se diplomado em profissão a que não

aspirara, e que, não veio a exercer. Ingressou no comércio, no ramo de representações. No exercício dessa profissão, adveio-lhe um contacto mais direto e constante com o povo, melhor o conhecendo e mais penetrando no âmago dos problemas de sua terra. Por outro lado, a direção dos negócios da Firma, iria lhe exigir o conhecimento da contabilidade, e, um só passo daí, o levaria ao interêsse pela ciência das finanças. Traçadas estavam pois as coordenadas que fixariam de então por diante o seu destino: política e finanças. Fundou então com Manuel de Carvalho Barroso o diário "Fôlha da Manhã", agindo como livre atirador, nos quadros da política estadual. Após a revolução de 1930, juntos fundamos o diário "A República", batendo-nos pela volta do país ao regime constitucional, e a adoção de uma social democracia cristã. Seis meses após deixa-me só, embora continuando seu principal colaborador até o final do quinquênio em que circulou o referido jornal. É que voltara a Salvador para estudar direito, ciência na qual o atraía o setor do direito público e do direito financeiro. Ingressa no então Partido Republicano, chefiado pelo Coronel Augusto Maynard. Dirige o Reformatório Penal, entusiasma-se pela criminologia, e intruduz no velho casarão dos detentos algumas indispensáveis medidas de educação e assistência, preconizadas pela ciência penitenciária. É eleito para a Constituinte e figura como deputado da oposição no governo Eronides de Carvalho. A 10 de dezembro de 1935 diploma-se em Direito, na Faculdade da Bahia. Com a volta de Maynard Gomes ao Governo de Sergipe, ei-lo Secretário Geral do Estado, ingressando na nova agremiação política — Partido Social Democrático, partido que o levaria à Câmara Federal em várias legislaturas, e afinal o conduziria ao Senado da República, onde a morte viria atingí-lo a 10 de dezembro de 1964. Publicou, dentre outros, os seguintes trabalhos: "Política, doutrina e crítica"; "Sergipe e seus problemas"; "Orações provincianas"; "Estudos e afirmações".

De todos os seus trabalhos, os de mais profundeza técnica, e mais acentuada revelação cultural, são os que publicou na "Revista da Faculdade de Direito de Sergipe", sob os títulos de — Normas Gerais do Direito Financeiro, e — Orçamento da Receita. É que, como disse de início, tinha Leite Neto uma grande inclinação para o estudo da Ciência das Finanças, parecendo-lhe, na expressão de Georges Levy, que "o resultado de todos os esforços dirigidos para a produção dos

objetos necessários e úteis à existência, se traduz por expressões monetárias, e estas por sua vez simbolizam os capitais formados pelo trabalho; a ciência que ensina a governá-los, a arte que lhes dirige o emprêgo, merecem um lugar de honra na ordem das atividades humanas". Daí o seu meticuloso trabalho nas comissões de Finanças e do Orçamento, de que sempre fêz parte nas duas casas do Congresso, consultando livros e ensaios, buscando precedentes e indagando da legislação estrangeira, procurando precisar o cálculo das conseqüências. "O público — julga o congressista pelas aparências, pelo brilho de um discurso ou pelo clamor de um escândalo, desconhecendo o obscuro trabalho das comissões, onde se esforçam competências indiscutíveis e devotamentos que nada cansa. "(Louis Barthou: Le Politique).

Ingressando na política, Leite Neto não se afastou do culto à boa linguagem, e manteve gosto apurado na seleção de suas leituras, como se verifica dos trabalhos que publicou, em função dos diferentes cargos que veio a ocupar. Do seu amor às letras, bem se conclui do seguinte trecho: "O esplendor de um povo, as suas épocas de fastígio e de progresso, estão em função do grau de aperfeiçoamento de sua literatura, da ciência e das artes, que constituem manifestações diversas do pensamento humano. Um povo medíocre, que não possui para lhe cantar as glórias, as tradições e os costumes, a voz imortal de algum poeta de gênio, — voz que retumba para fora dos limites de seu país, e que faz vibrar, em todos os recantos do universo, numa isocronia admirável, os corações bem formados, — é um povo que tende a fenecer". E adiante: "Paralelamente ao evoluer dos povos, como marcos miliários das civilizações, fulgem nos seus esplendores as literaturas. É que, conforme doutrinou Carlyle, não há nada mais profundo que o canto... O canto, expressão máxima de um povo, dos anseios de uma época, do espírito das civilizações" (Política, Doutrina e Crítica ps. 61 a 64).

Mostrando a compatibilidade das funções do político e do literato, dissera Joaquim Nabuco, no discurso inaugural da Academia Brasileira de Letras: "Nós não pretendemos matar no literato, no artista, o patriota, porque sem a pátria, sem a nação, não há escritor, e com ela há forçosamente o político. Até hoje, apesar do cristianismo, que trouxe o sentimento de uma comunhão mais vasta, o gênio nada

fêz fora da pátria, ou pelo menos contra a pátria. A pátria e a religião são em certo sentido cativeiros irresgatáveis para a imaginação, condições do fiat intelectual”.

Leite Neto era um enamorado da política; dêle se poderia dizer como Seignobos de Richelieu ou de Choiseul: êle amava a sua função política. Apesar de pertencer a uma família secularmente política, êle a praticava menos por tradição familiar que por vocação pessoal. As decepções não o desiludiam, e, como aquêle ministro francês derrotado no parlamento, respondendo à espôsa que o aconselhava a demitir-se, poderia replicar: — não posso, a política é como uma namorada de que se tem a uma vez a paixão e o desgosto. — Ao que ela simplesmente disse: — *C'est le collage, il n'y a rien à faire* —. E não há mesmo, comenta Louis Barthou, porque “quando êste demônio vos possui, o exorcismo é sem efeito; excita mais que cura”. E o autor citado, com a experiência de quem foi primeiro ministro da França, escreveu que não há vocação mais forte do que a da política; aquêle que dela sentir a primeira picada, não mais resiste, é dela tomado para sempre; insaciável, o político pleiteia sempre algo; se está no parlamento, dêle não quer sair; se está fora, nêle quer entrar, e não se cansa, nunca encontra o momento propício para uma aposentadoria, uma retirada da vida pública: “*il n'y a pas de retraite pour le politique. Aucune limite d'age ne fixe de limites à son dévouement. Le “lasciate ogni speranza” n'existe pas pour lui; le politique espère toujours*”.

Há que distinguir o político e o politiquero, ou como dizem os franceses **le politique** e **le politicien**. O politiquero explora a política como profissão de que procura tirar a maior renda, pensando apenas em si, e nas vantagens que poderá auferir nas combinações em que entra; para êle, viver é sempre simular, seu clima habitual é o melhor expediente no momento, o jôgo de opiniões visando um êxito pessoal; ou na expressão de Rui, o jôgo da intriga, da inveja e da incapacidade; possui aquela tola vaidade, a que se referia Teofrasto, procurando se fazer valer pelas menores coisas e nos assuntos mais frívolos, nome e distinção. É o **habitué** da politicagem, palavra que segundo Rui, bem rima com criadagem, e parolagem, afilhadagem e ladroagem.

Bem diverso do politiquero é o político, eis que tem uma vocação, aspirações, planos, enfim um ideal. Na política “desenvolve a

atividade, a coragem, a nobreza, a previsão, a energia, cria apura e eleva o merecimento" (Rui Barbosa).

Leite Neto não foi um **politicien**, não foi um **politiqueiro**. Mal ingresso na vida partidária, como que se traçando um ideário a seguir, lá pelas idos de 1935, escrevia: "A arte política, já de si instável, tem que lutar contra dificuldades insuperáveis. O personalismo, a ambição de mando, a incultura enfim, fazem com que, em geral, os seus aplicadores descambem com facilidade para o terreno estéril do empirismo. O amolecimento da vontade, e a falta de valor bastante, para resistir, às investidas soezes dos amigos, é o fator etiológico, em virtude do qual podemos compreender porque, indivíduos cultos e inteligentes, uma vez colocados à frente dos destinos de um povo, fracassam lastimavelmente. O verdadeiro orientador de um povo, é aquele que lhe mergulha fundo no oceano sociológico, daí emergindo com uma noção segura das realidades, aspirações, tendências e necessidades do mesmo povo. Mas há mister que a estes conhecimentos se ajunte a indispensável energia de caráter, pois, do modo contrário, nenhuma obra meritória poderia ser realizada".

E, adiante: "O trabalho do legislador deve cingir-se em dar forma de lei aos costumes e tendências do nosso povo, facilitando-lhe a evolução sociológica, introduzindo reformas sociais que se coadunem com a índole dêle. Não devemos, porém, cultivar plantas exóticas que em nosso clima e na imensidade do nosso Território, acabariam por fene- cer, dando-nos como único resultado o enfraquecimento dos laços da nacionalidade". E, após afirmar que a nossa civilização deve ter um cunho original, em todos os ramos da nossa atividade, inclusive a política, conclui: "Construamos o nosso direito político com alicerces que repoisem nas pedras majestosas do costume, e tenhamos em mente a lição de Edmond Picard: "um direito fixado pelo costume é um murmúrio da raça, cristalizado através dos séculos". (Política, Doutrina e Crítica, palavras vestibulares, ps. VII e X).

Dêsse roteiro ideal que se traçou, dizem os fatos que Leite Neto não se afastou, nos dezoito anos de sua vida parlamentar. Certa vez, sendo relator de projeto de aumento dos vencimentos do funcionalismo público civil e militar, foi convocado pelo Presidente Eurico Dutra, que, em companhia dos ministros militares, lhe comunicou fazer suas, as reivindicações dos militares quanto ao aumento de seus vencimen-

tos. De imediato, Leite Neto respondeu que providenciasse o Presidente a designação de outro relator para o caso, pois com a sua responsabilidade, e o que sabia da situação financeira do país, não poderia atender tais reivindicações, e, em consciência, lhes daria parecer contrário. Surpreso, pediu-lhe o Presidente que justificasse a sua atitude, e Leite Neto demonstrou aos presentes a precária situação financeira da União, e a impossibilidade de atender aos desejos do funcionalismo militar. Presidente e Ministros, convencidos pela sua argumentação, desistiram de suas pretensões, e passaram a apoiar o parecer e o voto de relator.

De outra feita, presidente da Comissão de Reforma Agrária, expondo o seu ponto de vista sobre o assunto, o fêz baseado em estudos e observações próprias, no Brasil e no estrangeiro, e, apesar de membro de um partido acentuadamente conservador, sintetizou o seu pensamento em frase que fêz época: "Reforma ou Revolução".

Relator do orçamento do Ministério da Educação, nova facêta de sua cultura veio a revelar, mostrando-se conhecedor seguro dos problemas educacionais brasileiros; dêle disse João Agripino em discurso no Senado da República: "Tôdas as escolas superiores em Sergipe existem hoje, no porte em que figuram, no conceito dos Estados Federados, graças à atuação de Leite Neto".

Emitia os seus pareceres tendo em vista apenas as suas idéias, as suas observações, as suas convicções, e, chegando a uma conclusão, pouco se lhe dava que fôsse contrária ao modo de ver do govêrno. Daí não ter ocupado cargos no Executivo, sempre desconfiado ou hostil com os políticos independentes, os intelectuais de idéias próprias. Isso mesmo, êle o reconheceu, quando disse: "Se na oposição o preço da liberdade é a eterna vigilância, no govêrno a independência é o preço do desprestígio".

Pelo visto, Leite Neto foi, na sua mais exata expressão, um político, un *politique*; afastando de mim qualquer suposição de *parti-pris* sentimental ou emotivo, ratifico tal conceito com as seguintes palavras de Aurélio Viana, no Senado da República: "era político que amava o seu Estado como poucos, amava o Nordeste, mas, muito mais, amava o Brasil. Sempre levou muito a sério as funções que exercia, o mandato que lhe outorgara o seu povo, a sua gente, e, em nome desta terra, defendia os interêsses da pátria comum, que êle tanto amou, a

cujo progresso dedicou t \hat{o} da a sua vida, por cujo desenvolvimento lutou at \acute{e} o \acute{u} ltimo momento de sua exist \acute{e} ncia”.

CONCLUSAO

Ingressando no plen \acute{a} rio do mais alto cen \acute{a} culo das letras no Estado, n \acute{a} o sei, senhores acad \acute{e} micos, se foi acertada a vossa escolha, como tamb \acute{e} m n \acute{a} o sei se consegui fixar os pontos altos dos ilustres pat \acute{r} icios que me cabia biografar, ou se apenas fiz um discurso, dizendo o que todo mundo sabe, num estilo que todo mundo tem, para me servir da ir \hat{o} nica frase de Eça. Como defesa ou consola \acute{c} o, para n \acute{o} s ou para v \acute{o} s, valha o aforismo de La Bruy \grave{e} re: “ \acute{E} dif \acute{i} cil estar contente com algu \acute{e} m; o contr \acute{a} rio dos ruidos que correm a respeito das pessoas ou dos neg \acute{o} cios \acute{e} muitas v \acute{e} zes a verdade”. Bem sei que \grave{a} s academias n \acute{a} o mais cabe o simples papel origin \acute{a} rio de redigir uma gram \acute{a} tica ou escrever um dicion \acute{a} rio da l \acute{i} ngua. T \acute{a} o pouco se reduzem a estimular algumas ambi \acute{c} o \hat{e} s honrosas, como o queria Camilo Castelo Branco. N \acute{a} o menos ser \acute{a} apenas, como aquele rem \acute{e} dio antigo, a que se referia Carlos de Laet, em cuja composi \acute{c} o entravam as mais diversas subst \acute{a} ncias, cujos venenos desapareciam com a mistura, dando um resultado sempre ben \acute{e} fico. Ser \acute{a} talvez, como pensava M \acute{a} rio de Alencar, a composi \acute{c} o da eurritmia em que t \acute{o} das as modalidades do pensamento, t \acute{o} das as aspira \acute{c} o \hat{e} s do ideal, se conjugam para o g \hat{o} zo desinteressado e tranq \acute{u} ilo; seria a fun \c{c} o moral da intelig \acute{e} ncia, a arte da orquestra \acute{c} o espiritual, em que todos os instrumentos sonoros se combinam em plena harmonia, mantidas por \acute{e} m as diferen \c{c} as da gama humana.

Creio que as academias s \tilde{a} o composi \acute{c} o \hat{e} s humanas, onde em ambiente pl \acute{a} cido e sereno, qual nas antigas arc \acute{a} dias, se zela a pureza da l \acute{i} ngua, vedando que a enxovalhem, iconoclastas da vernaculidade, como queria Pedro Lessa; mas, n \acute{a} o s \acute{o} isto; onde se celebra qual pante \acute{a} o moderno, t \acute{o} das as manifesta \acute{c} o \hat{e} s excelsas da arte de pensar e escrever. \acute{E} , de certa forma, aqu \acute{e} le *otium cum dignitate*, a que se refere Cicero nas Tusculanas, nobre ociosidade, precursora e produtora de t \acute{o} da alta cultura.

— Terminada a festa das letras, cumprido o dever social, regresso ao lar, a viver naquela *aurea mediocritas*, que o velho Hor \acute{a} cio consi-

derava a mais sábia forma de existência, e que o talento de Gilberto Amado, sintetizou, em versos de rara beleza:

— Quero silêncio, quero norma / Deixai-me construir a minha casa / À beira do Rio Regular, / Na Rua do Relativo, / Na vizinhança do Conforme, / Sobretudo à sombra da árvore plausível “do que se espera”/.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO DR. GONÇALO ROLLEMBERG LEITE

Dr. JOSÉ DA SILVA RIBEIRO FILHO

Senhores acadêmicos :

Parabéns à Academia, por abrir as suas portas a Gonçalo Rollemberg Leite!

Jurista, professor, jornalista, historiador, vai êle ocupar a cadeira de que foi titular o seu eminente e saudoso irmão, Francisco Leite Neto. Cadeira cujo fundador, Joaquim do Prado Sampaio Leite, se destacou como crítico literário e estudioso da filosofia, e cujo patrono, Ciro Franklin de Azevedo, além de brilhar na advocacia e no jornalismo, galgou altos postos na carreira diplomática, tendo sido, inclusive, nosso ministro plenipotenciário em países da América do Sul e da Europa.

As nossas boas-vindas ao nôvo confrade são mais efusivas e comovidas, porque a solenidade desta noite marca, por assim dizer, um reencontro espiritual de irmãos que intimamente se identificaram um com o outro pela convergência de idéias e pela comunhão de sentimentos.

Francisco Leite Neto e Gonçalo Rollemberg Leite, honrando ambos as tradições de uma família que tem dado a Sergipe intelectuais e homens públicos, aqui vieram encontrar o tio Augusto César Leite, a quem é sempre oportuno rendermos o tributo da nossa admiração e da nossa simpatia.

Não houvera êle, Augusto Leite, recebido a láurea acadêmica como intelectual de méritos indiscutíveis, poderia, sem dúvida, rece-

bê-la por seus inapreciáveis serviços à terra natal no campo espinhoso e largo da ciência de que se fez apóstolo e luminar.

Vida edificante a dêsse varão impoluto, que, ultrapassando os oitenta anos, continua a distribuir gratuitamente o ouro de lei de uma bondade sem afetação e de uma sapiência sem pedantaria.

* * *

As Academias não decairiam de sua importância e de seu prestígio se tomassem a iniciativa de ir ao encontro de grandes figuras humanas que, por modéstia ou timidez, não se animassem ou tardassem demasiadamente em bater-lhes às portas.

Se assim acontecesse, poderíamos ver nesta Casa, ao lado de Augusto Leite, outro abnegado cientista e apaixonado cultor das boas letras, Francisco Fonseca, cuja reputação de clínico abalizado de há muito transpôs as lindes da agridoce província; êsse outro octagenário, que na plenitude de sua lucidez mental e de sua indiscutida capacidade profissional, continua a subir todo santo dia, se não também todo dia santificado, as escadas que o levam ao consultório, como se o levassem a um santuário. Lá — todos o sabem — o que menos importa é o metal sonante.

Se assim acontecesse, teríamos como um dos nossos, na sua risonha ancianidade, êsse humanista emérito, mestre de tantas gerações, autêntica flor de cultura, que é Manuel Cândido dos Santos Pereira.

E, então, poder-se-ia dizer que os anciãos da Academia, entre êles o pequenino-grande Epifânio Dória, nada teriam a invejar de nós outros, cinquentões ou sessentões, em dinamismo, entusiasmo, devotamento às coisas do espírito.

Todos êles envelheceram gloriosamente, como os cedros da mata, nos versos de Garcia Rosa: "cobrindo-se de flôres"; ou como aquelas árvores acolhedoras e dadivosas, do soneto magistral de Bilac.

* * *

Que dizer, porém, dos moços? Para êles, quase sempre, as Aca-
demais são como "jardins fechados, apenas entrevistos". Por que

mantê-los à distância? Será, então, preciso aproximarem-se da idade do “livro de memórias”, ou das “obras completas”, para que se lhes reconheça o valor?

Daí, certamente, serem jovens em sua grande maioria os que as satirizam em prosa e verso, muitos dêles tisanando a água com que mais tarde se dessedentam...

Até quando êsse injustificável preconceito contra os moços, se a maturidade intelectual não é coisa que só se possa alcançar com as rugas e os cabelos brancos?

* * *

Nos idos de 1930, ainda na flor dos anos, Gonçalo e Leite Neto eram redatores de um jornal combativo — “A República”, e sustentavam idéias e princípios que, ontem como hoje, consubstanciam as aspirações democráticas do cidadão brasileiro de tôdas as classes e de tôdas as camadas sociais.

Faziam os irmãos Leite a análise e a crítica dos acontecimentos políticos nacionais e locais com o máximo de isenção possível em moços que pretenderiam um lugar ao sol no cenário político-partidário de sua terra. E, nesse particular, seria Leite Neto quem perseguia objetivos mais ousados e concretos, tanto assim que dali partiu para posições de relêvo na vida pública, enquanto Gonçalo, com a extinção dos partidos políticos em 1937, abandonava definitivamente a política para se dedicar à advocacia e ao magistério.

Desambicioso, não teria deplorado aquêlo pretexto que o Estado Nôvo lhe oferecia para recolher-se ao seu gabinete e menos conviver com os homens do que com os livros.

Leite Neto, ao contrário, sentiu que horizontes mais largos se descortinavam às suas ambições políticas. Paciente e tenaz, confiando antes e acima de tudo em si mesmo, não acreditava em barreiras intransponíveis na sua arrancada para o futuro.

Eis porque, bem cedo, assumiria a liderança de um partido em que militavam homens experimentados e não menos ilustres, para com êles arregimentar um eleitorado dos mais compactos e coesos na história política de Sergipe.

Como chefe de partido, deu sobejas provas do seu desassombro pessoal, a despeito daquela compleição franzina que poderia deixá-lo

em palpos de aranha, se porventura ingratas circunstâncias o compelissem a uma réplica física.

Mas, o que conta é a coragem moral. A coragem com que se colocava lado a lado de amigos e correligionários, em situações por vezes perigosas, sobranceiramente indiferente a ameaças, partissem de onde partissem.

Não seria inintimidável, porque em cavaleiros "sem mácula e sem medo" nem os mais bravos acreditam. Haja vista, por exemplo, o espanto do marechal Ney, herói de tantas batalhas, ao ouvir falar das incríveis proezas de um certo Jean Foutre: "Je voudrais bien savoir quel est ce Jean Foutre, qui n'a jamais eu peur".

Enfrentava, porém, o perigo com admirável sangue frio, como uma contingência de suas responsabilidades de chefe e de seus compromissos de ordem moral para com aquêles cuja fidelidade partidária não podia pôr em dúvida.

Fôra temerário afirmarmos que, como político, nunca cedeu a injunções partidárias, nem assumiu atitudes que não fôssem invariavelmente inspiradas pelo desprendimento pessoal. Todavia, pode afirmar-se, a bem da verdade, que, na política e fora da política, era capaz de gestos cavalheirescos e de atos de inegável nobreza.

Fui seu amigo desde os bancos acadêmicos, na Faculdade de Direito da Bahia.

Amizade, a nossa, que os anos não arrefeceram. Amizade só de sua parte dadivosa, porquanto finezas e atenções de que me cumulava em diferentes ocasiões nunca foram, malgrado meu, retribuídas.

Leite Neto nem sempre se mostrava afável e comunicativo. Algumas vezes desencorajava o interlocutor mais loquaz com respostas vagas e monossilábicas. Outras vezes, talvez inadvertidamente, feria melindres e suscetibilidades de amigos mais sensíveis com a inesperada frieza no trato.

Quantos, porém, humildes ou poderosos, lhe terão sentido em horas difíceis o calor humano do coração!

Possivelmente, nem os que de mais perto o conhecessem, lograriam incursionar pelo seu mundo interior. A alma não lhe boiava nos lábios. As emoções e os sentimentos não se lhe estampavam na face. Quem, portanto, o julgasse tão somente pelo que aparentava ser, cor-

reria o risco de, infielmente, lhe fixar os traços marcantes da personalidade.

Não esqueçamos, entretanto, que “o homem é sempre uma surpresa para o homem”. Para si próprio e para os outros homens.

As autobiografias não nos oferecem, via de regra, fiéis retratos psicológicos. O que se nos depara em quase tôdas elas é uma total ausência de autocritica, ou uma excessiva e carinhosa complacência do autobiografado para consigo mesmo.

Enquanto isso, as biografias se apresentam freqüentemente passíveis de censura, por uma parcialidade que tanto pode conduzir ao elogio incondicional como à intencional e impiedosa deformação da imagem do biografado.

Nem os historiadores deixam de cometer equívocos e de praticar graves injustiças no julgamento dos homens e na apreciação dos fatos. Por isso mesmo, sábios, heróis, estadistas, não estarão inteiramente tranqüilos nos seus pedestais.

* * *

Longe de nós a pretensão de tentarmos “interpretar” ou retratar psicologicamente o homem de certo modo singular que foi Francisco Leite Neto.

Aqui o estamos focalizando objetivamente, ou seja, à luz do seu comportamento social, da sua conduta como homem público e cidadão particular.

Compostura, probidade, respeitabilidade, não lhe eram negadas nem mesmo por desafetos pessoais e adversários políticos. Assim, dizendo alto e bom som que as qualidades lhe superaram em muito os defeitos, não estaremos destoando da opinião comum.

Com o seu comprovado talento e a sua boa cultura geral, Leite Neto poderia ter deixado obra mais volumosa. Escasseava-lhe, porém, o tempo. Ademais, foi-lhe breve a existência e êle a consumiu a serviço da Pátria, em suas vigílias de parlamentar sôbre cujos ombros pesavam tarefas da mais alta responsabilidade.

Recusou-se a interrompê-las, com a saúde já combalida, como se o trabalho exaustivo, desgastando-lhe o físico, ainda assim lhe tonificasse o espírito.

Infatigável trabalhador intelectual, diria com Otávio Mangabeira que “o homem tem a eternidade para descansar”.

A sua bagagem literária é, qualitativamente, de incontestável valor. “Política”, “Doutrina e Crítica”, “Orações Provincianas”, “Estudos e Afirmções”, “Normas Gerais de Direito Financeiro”, são livros que, insofismavelmente, atestam as suas qualidades de escritor.

Leite Neto não foi um beneficiário da política, um desfrutador da República, um colecionador de subsídios, pelo fato de ter sido uma espécie de parlamentar vitalício.

Viveu modestamente, sem a preocupação de acumular bens materiais e, ao cerrar os olhos, o que legou à família foi, principalmente, um precioso patrimônio moral.

Os votos que o elegeram deputado federal em sucessivas legislaturas e, posteriormente, senador, não foram apenas os votos dos seus colégios eleitorais, mas também aqueles outros, mais expressivos, de apolíticos, de apartidários, de gente que nem sempre lhe tinha simpatia pessoal, porém nêle via um sergipano ilustre, capaz de se servir do mandato, como realmente acontecia, para honrar e prestar assinalados serviços ao seu Estado.

Alguns dos seus discursos na Câmara e no Senado são peças maças da melhor oratória parlamentar, sem os “slogans”, os lugares-comuns, as tiradas demagógicas, que, lamentavelmente, passaram da praça pública para as duas Casas do Congresso.

Estudioso das ciências econômicas, talentoso e culto, não seria sem razão que os seus pares o fizeram presidente da Comissão de Orçamento da Receita e Presidente da Comissão Mista do Estatuto da Terra, além de outras distinções lhe conferirem.

Consciencioso financista, em mais de uma oportunidade denunciou as causas — nem tôdas elas confessáveis — do desequilíbrio orçamentário que se tornara crônico no país e reclamou do Governo medidas severas e imediatas para saneamento das finanças e revitalização da nossa depauperada economia.

A linguagem que então usava, por sua franqueza e veemência, era menos a de um deputado situacionista, de um disciplinado homem de partido, que a de um brasileiro gravemente preocupado com os destinos da Pátria.

A política prodigalizou-lhe merecidas honrarias, mas, em contrapartida, não lhe deixou de causar decepções amargas.

Dissera-me êle, certa vez, que, não sendo político profissional, a qualquer momento poderia voltar às suas atividades particulares. Ao seu Banco. À sua modesta propriedade rural.

Nunca terá sido tão insincero para consigo próprio. Houvesse o que houvesse, não abandonaria a política, como não abandona a companheira infiel o amante enrabichado...

As homenagens que as duas Casas do Congresso lhe prestaram por ocasião do seu falecimento foram realmente consagradoras.

Representante de um Estado pequenino, e então dos mais pobres, não se projetaria como se projetou no cenário político nacional, senão por seu valor pessoal.

Enobreceu-lhe a vida o amor ao trabalho, o empenho sempre constante em ser útil à terra que lhe serviu de berço.

Missão cumprida! — poderia dizer o senador da República, ao sentir próximo o termo dos seus dias.

Honra, pois, à sua memória!

* * *

Gonçalo Rollemberg Leite bem cedo abandonou a política, não por frustração, mas certamente porque não lhe pôde sentir o fascínio. Foi como se lhe desse as costas, a indagar de si mesmo porque se deixou um momento embevecido pelo seu canto de sereia.

As horas mais saudáveis de sua vida, tem-nas vivido à sombra dos livros. Grande estudioso, figura, sem dúvida, entre aquêles dos nossos intelectuais indígenas que mais se distinguem pela extensão e variedade dos conhecimentos.

O espírito tanto ou quanto versátil não o impede de especializar-se em matérias e assuntos de sua preferência.

O professor de História, por exemplo, colocou-se ao nível dos mais ilustrados mestres dessa disciplina que têm passado pelo Colégio Estadual de Sergipe.

Sem a eloquência de um Arthur Fortes (o saudoso “poeta da rosa vermelha”) ou de um Costa Filho, consagrados tribunos cujos arroubos oratórios não empalideciam na cátedra, preferindo a “pureza

e a sobriedade das palavras”, nem por isso falta às suas aulas um colorido que as torna amenas e atraentes.

O magistério é, sempre foi a sua autêntica vocação. Na Faculdade de Filosofia, também lecionando História, não tem brilhado menos do que brilhou durante tantos anos no Colégio Estadual.

Tema de sua predileção é a Revolução Francesa. Sôbre ela dissertando — dizem-no alunos seus —, faz com que se sinta ao vivo a dramaticidade daquêle período decisivo da história do mundo civilizado. Revolução em cujos bastidores duelaram o idealismo e a cupidéz dos homens e que ainda tem apologistas fanáticos a lhe badalarem a grandeza e a lhe escurecerem os vícios.

Enquanto isso, o professor de Direito Civil, graças à clareza da exposição, à precisão dos conceitos, à riqueza das citações, consegue despertar o interêsse sempre crescente dos estudantes para uma matéria que êles, em geral, consideram árida, antes de lhe desvendarem a belaza e de se familiarizarem com as suas sutilezas.

Ê, sem favor, um civilista. Está a comprová-lo uma vasta bibliografia, na qual abundam trabalhos que têm merecido de doutos e entendidos francos aplausos. Os seus inumeráveis artigos no jornal de que foi redator com Leite Neto — “A República”, sôbre questões de Direito, Política, Sociologia, Literatura, etc., em sua grande maioria são substanciosos e brilhantes, podendo dizer-se o mesmo de trabalhos outros publicados na “Revista Forense”, em jornais do Rio e de Belo Horizonte e na Revista da nossa Faculdade de Direito.

O conferencista nada fica a dever ao jornalista. Na tribuna, sem gesticulação abundante ou prèviamente ensaiada, sem melodiosas inflexões na voz, prende de comêço a fim a atenção dos auditórios mais seletos, como acaba de acontecer ao proferir o seu belo e erudito discurso de posse.

Contrariando, em parte, o “fit orator, nascitur poeta”, de Quintiliano, digamos que os oradores, como os poetas, nascem.

Ai daqueles, se o quiserem ser por artes de livretos que ensinam a falar em público! Ai dêstes, se andarem às voltas com tratados de versificação!

Agora, minhas senhoras e meus senhores, como num furo de reportagem, seja-nos permitido dar-vos ciência de que o ilustre recipiendário está trabalhando ativamente na sua “História de Sergipe”.

Não nos quis confiar originais, privando-vos assim do deleite espiritual que vos proporcionaria a revelação de alguns segredos ou de algumas verdades indiscretas do nosso passado histórico.

Gonçalo Rollemberg Leite, com o sólido lastro cultural que possui, conhecendo Direito, História, Sociologia, Literatura, é intelectual dos mais autênticos.

Lê, estuda, escreve, quase ininterruptamente. Em suas estantes, ao que se nos afigura, não há volumes virgens. E... (dito seja de passagem), vê-lo estudando, lendo, escrevendo, presidindo reuniões, ministrando aulas, é vê-lo, também, fumando...

Perguntando-se-lhe, certa vez, se nunca pensara em deixar o fumo, sabendo-o perigoso agente cancerígeno, replicou fleumáticamente, acendendo com a ponta de um outro "Minister", que as fábricas, nos Estados Unidos, custeavam pesquisas que poderiam chegar a conclusão contrária...

Acreditamos que o cigarro tenha muito a ver com a sua atividade intelectual. Como não, se escritores, artistas, poetas, cientistas, nêle encontram inigualável fonte de inspiração?

* * *

Gonçalo Rollemberg Leite, apesar de arredio, desconfiado, longe está de ser um misantropo.

De bom humor, é um "causeur" amável, guardando, embora, mesmo entre conspícuos contadores de anedotas apimentadas, uma linha de austeridade que diríamos pundonorosa.

Não sabemos se essa conduta irrepreensível vem dos anos de sua juventude. Provavelmente, não. Com tôda a sua atual sisudez de professor universitário e de diretor de Faculdade, pode ter sido um estudante irreverente e meio turbulento, como alguns dêsses a quem hoje, paternalmente, aconselha moderação e prudência...

* * *

Como advogado, aliando a cultura ao senso jurídico, pôde seguir de perto as pegadas de um Carvalho Neto, de um João Ferreira, de um Leonardo Leite, discípulos, dos melhores, daquele outro advogado

provinciano, Gumercindo Bessa, que airoosamente se conduzira em memorável polêmica com Rui Barbosa.

Gumercindo, a quem posteriormente Rui testemunharia a sua admiração e o seu aprêço, num caloroso apêto de mão.

A respeito dessa polêmica, Gonçalo Rollemberg Leite escreveu magnífico estudo, do qual transcrevemos breves tópicos:

“Vai para mais de cinqüenta anos, pelas colunas do “Jornal do Comércio”, do Rio de Janeiro, discutiram Rui Barbosa e Gumercindo Bessa sôbre o contrato de transação, apreciando-o em relação às diferentes normas que o regulam. Constitui esta polêmica o que de melhor e mais autorizado se tem escrito entre nós sôbre tal contrato, continuando, a despeito do passar dos anos, atualizada quanto aos princípios e conceitos que sôbre a matéria emitiram os dois renomados juristas.

A polêmica foi tôda travada em plano elevado, de mútua cortesia, o que não lhe tira, aqui e ali, de ambas as partes, uma certa ironia, algo de mordacidade, uma delicadeza maliciosa para com o adversário, que suavizam e dão vida ao árido do assunto discutido.

Dêste ligeiro humor, ceticismo ameno que domina a controvérsia, aqui vai uma amostra de Gumercindo: — dizem que a águia não apanha môscas. Engano. Em lhe faltando prêsa de maior vulto, nelas faz chacina a valer. Assim o mestre. Não tendo apanhado no meu escrito uma asneira de marca maior, não se dedignou de apurar uma nuga.

E esta de Rui: Deve ser um paraíso judiciário o fôro de Aracaju. Ali não há senão litígios de boa fé, pleiteantes sinceros, questões razoáveis. Não se conhece, naquela região bem-aventurada, a chicana, o dolo, a cobiça, a espoliação. Se a obrigação fôr certa, ninguém a renega; se o título de aquisição fôr legítimo, ninguém o debate; se a posse fôr jurídica, ninguém a turba; se a lei fôr óbvia, ninguém a embrulha; se a virtude fôr manifesta, ninguém a calunia.

Dêste feitio, ingênuo e puro Sergipe, não admirará que as almas dos teus juristas, respirando na salubridade e transparência desse ambiente inverossímil, não concebiam de manda sôbre direito certo, contestação de direito incontestável.

Rui se apresenta numa torrencial exibição de cultura, em dia com tôda a literatura jurídica, pródigo por demais em citações, o que

levaria o seu antagonista a observar que, 'sem elas, o seu talento despediria maiores resplendores, como uma árvore bem medrada muito mais frondece, enflora e se desentranha em frutos, quanto menos parasitas lhe roubam a seiva'.

Rui é antes de tudo o grande advogado, dos maiores que já tivemos; antes que um causídico, Gumercindo Bessa era um jurista-filósofo".

Ainda bem (diremos nós), que Sergipe, cultuando-lhe a memória, em futuro próximo, por iniciativa do nosso Instituto Histórico e Geográfico, perpetuará no bronze, em sua cidade natal, a gratidão que deve ao jurista insígne.

Não nos aventuraremos a apreciar, ainda que a vôo de pássaro, a copiosa mas esparsa produção literária de Gonçalo Rollemberg Leite.

Quando, porém, reunida em livro, não faltará quem credenciado esteja a criticá-la conscienciosamente, fazendo justiça ao operoso e fecundo homem de letras, que se deixou ficar na província, tudo dando de si para o seu engrandecimento cultural.

Ficou na província, mas levou-a além fronteiras, juntamente com outro sergipano, Alberto Deodato, como dois dos vinte brasileiros membros da Sociedade Henry Capitan, com sede na Sorbonne.

A sua pátria espiritual, como a de tantos intelectuais brasileiros de todos os tempos, é, sem sombra de dúvida, a França, cuja esplendorosa cultura êle não crê venha a ser ultrapassada por nenhuma outra.

Contudo, a sua França não é apenas a dos pensadores sutis, dos estilistas impecáveis, dos estadistas de gênio, dos poetas iluminados. É também a eterna e sempre jovem França, que, por sua vocação democrática e sua autenticidade cristã, sobreviverá indivisível e una, a tôdas as comoções políticas e a tôdas as convulsões sociais. E essa França, obviamente, não será a do liberalismo econômico e do individualismo político exacerbados, nem a das conquistas napoleônicas.

Senhoras e senhores:

Tudo quanto houvermos dito a respeito de Gonçalo Rollemberg Leite estará aquém dos merecimentos que lhe abriram de par em par as portas da imortalidade acadêmica.

Nem obrigado nos sentiríamos a enveredar pelo elogio descomedido, se porventura em sua oração estivesse contida qualquer referência encomiástica a quem prazerosamente aceitou a incumbência de lhe dar as boas-vindas.

A nossa modesta Academia evidentemente não se ajusta aquilo que a irreverência de Voltaire dizia da Academia Francesa, descrevendo-lhe o cerimonial:

“Ce que j’entrevois dans ces beaux discours, c’est que le recipiendaire, ayant ausuré que son prédécesseur était un grand homme, que le Cardinal de Richelieu était un grand homme, le chancelier Séguier (deuxième protecteur de l’Academie), un assez grand homme, le directeur lui répond la même chose et ajoute que le recipiendaire pourrait bien être une espèce de grand homme”.

Eminente confrade:

Rogamos a Deus possais dar por dilatados anos a êste Sodalício o que todos esperamos da vossa cultura e do vosso amor às letras!

JOÃO RIBEIRO — PACIÊNCIA E SABEDORIA

Dr. J. PIRES WYNNE

Aqui, borboleteando, voejando, de leve, apreciaremos a figura de um homem, interpretando as suas atitudes e o segrêdo de sua paciência, os vários passos de sua vida, longa e serena caminhada, feliz a seu modo, e bem sábia na opinião de muitos, pois soube dar forma aos ideais, e assim viver intensamente o mundo vivo e assombroso do seu espírito.

Não é nossa intenção proferir um discurso, senão estudar calmamente os caminhos percorridos pelo escritor, fugindo assim ao gênero das hipérboles, espantalho que martirizava o fino prosador e esteta, mais amigo dos sumarentos frutos que das mastigações palavrosas.

Que dirão de mim? Aqui estou. E aqui me encontro agora comovido, sob êste céu, olhando o velho casario branco destas ruas de vetustos sobrados à moda antiga.

Ali o rio de águas doces. Ali a fonte, recordação de velhos tempos, previdente zêlo de atilado espírito desejoso de servir. E vejo, nos longes do passado, carros de bois, chiando pelas estradas lamacentas, e já entrando pelas ruas, umas alvas mostrando nas pedras sem ajustamento a ausência da simetria, outras, ruas de casebres pitorescos, continuação das senzalas dos engenhos.

Cavalos ajaezados e ágeis cavaleiros, despertando a atenção das gentes, cortavam a pequenina cidade, e eram os jovens fidalgos, homens de prol da redondeza, de gente fina e abastada tôda ela a se expandir na morna e austera paz das casas grandes.

Mas o que diz a história é que aqui um povo se afirmava pelo trabalho, e, se os engenhos floresciaam, também se revelava o gosto pela cultura.

* * *

Cabe-me, como representante escolhido pela Academia Sergipana de Letras, entidade cultural do meu Estado, e que reúne em seu seio grande número de figuras ilustres e prestigiosas, militantes no mundo do espírito, prosadores e poetas, jornalistas, eruditos, inteligências ativas e vigilantes, iniciar com esta oração a série de palestras programadas, recordando a vida do grande homem e do eminente escritor — poeta, gramático, filólogo, historiador, ensaísta, crítico e estilista que foi JOÃO RIBEIRO, nosso conterrâneo, nascido aqui na amorável, placida e histórica cidade de Laranjeiras, berço de gente boa e que tanto nos fala do Passado.

Sinto-me, neste momento, confortado, e mesmo feliz, pois, nesta oportunidade, o que faço é dar expansão a um profundo sentimento de justiça, rendendo homenagem a um sergipano de notável saber e que foi durante os 74 anos de sua proveitosa vida, vivo exemplo de trabalho, na cátedra e na imprensa, professor dos mais conspícuos do seu país.

Filólogo, gramático, historiador, crítico, folclorista, ensaísta, erudito, poeta, tradutor e analista exímio de obras alheias, JOÃO RIBEIRO foi, sobretudo, um humanista, uma profunda sabedoria e uma modéstia feliz no exercício das nobres atividades intelectuais.

Concorreu com os seus constantes estudos e pesquisas para o aprimoramento da língua, e já num artigo de 1906, logo após enfeitado no O FABORDÃO, apreciando a algaravia que se difundia sem vexame dentro na irresponsabilidade do tempo, comentava:

“É algo extravagante que seja profissional de literatura da nossa língua quem quer que falta ao seu primeiro dever que é o da simpatia por ela”.

* * *

Os desengonços na linguagem ferem o pudor do artista, e artista que é, João Ribeiro, não louva os apegos à gramatiquice, e nem a sisudez dos que, emparedados e presos às formas antigas, arcaicas, não se renovam.

“Não podemos conceber a existência de um bom escritor ou mesmo de escritor aceitável se não se justifica pela urbanidade da linguagem.

O conceito, porém, dessa urbanidade é algo variável. Escrever bem não é escrever como o fazem os portugueses de hoje, pois confessam que às vezes escrevem mal, e até acrescentam que, de modo gentil, já se escreve melhor no Brasil que na antiga metrópole”.

O poeta, aos poucos, deixando de abeberar-se na Castália das rimas, se voltava para os estudos lingüísticos. Primeiro a Gramática, inovação, então, pela singeleza e clareza das regras, e logo após com os Estudos Filológicos se definia, abrindo caminhos, caminhos que percorreria durante toda a sua vida.

O poeta, não desaparecia de todo, e ao lado do erudito apareceria, vez por outra, traduzindo com segurança as melodias de autores preferidos.

Nietzche, trocando os sérios estudos filológicos pela poesia, e Goethe, unindo a ciência aos doces cantos de sua Musa, também aqui se mostravam na fácil mudança do poeta, agora seguro mentor, exemplo de vernaculismo, mestre de filologia.

E por aí vai João Ribeiro galgando a montanha da sabedoria, atacando os vários gêneros, firmando-se em todos o risonho e profundo sabedor das coisas, de espírito sutil e encantadora argúcia.

Discípulo atento, sempre de olhos voltados para o mestre, desde os verdes anos, acompanhando-lhe o passo, na sementeira dos seus ensinamentos, saboreando os frutos e encantado pela graça e magia do seu espírito, foi a sua leitura para mim o despertar de um mundo novo, e com êle convivi passeando pelos caminhos infinitos da cultura, sófrego lhe ouvindo a doce, sussurrante voz de mestre amigo, despretensioso a mostrar o mistério das coisas, o segrêdo dos intrincados problemas da filosofia, a graça da linguagem clássica e singela,

ou a origem remota dos contraditórios acontecimentos, principalmente em relação à evolução histórica do Brasil.

Falando de JOÃO RIBEIRO, e com amor tracejando a biografia do imortal sergipano, seu mestre e amigo, Múcio Leão em 1934 assim definia :

“Ele sente um sagrado horror pelos eloqüentes. Foge de todos os que fazem discursos. Tem uma ojerisa figadal contra os oradores. Onde houver o perigo de ouvir um orador é certo que ai não põe os pés. Seu pavor de ouvir discursos só é comparável ao pavor de fazê-los”.

Realmente, João Ribeiro, jamais revelando interêsse pelas posições, e sempre entre os livros, filósofo em sistema e só sistemático na constância de sua risonha ironia, nota perene em face da vida efêmera das coisas e dos homens, sorrindo se deliciava a ouvir o verbalismo alheio, tão alheio e distante das preocupações de sua filosofia de sábio, despretensioso e ameno.

Nas *Cartas Devolvidas*, conversando acêrca das vantagens da brevíloquência, êle mesmo assim nos fala :

“Tenho lido nos livros impressos e ainda mais no livro da vida, que o Brasil é a terra dos oradores. Tôda a gente, neste fecundo torrão, nasce com terribilíssimas comichões na garganta. A qualquer pretexto, em qualquer companhia, onde há ouvidos a explorar ou a entupir, levanta-se um sujeito qualquer e grita:

— Meus senhores !”

Não era uma atitude estudada, mas a versão natural, oriunda do seu temperamento avêssos aos debates do imediatismo, mania de muitos de então, e ainda de hoje, palradores inconsistentes, sem profundidade e sem lógica.

Militante ativo das letras, tendo iniciado os seus passos de estudioso no campo do ensino, buscando nas glórias do mundo pedagógico, fonte das alegrias mais puras, o seu consôlo, sem a visão mercantilista dos que buscam apenas um atalho, João Ribeiro, passando pela imprensa, mas nunca jornalista político, dela, da agitada imprensa, assim se recordava:

“Se eu tivesse de escrever a minha vida literária na imprensa, rápida e precária como foi, não sei de que modo haveria de travar as linhas dessa perspectiva que já se vai esmorecendo no passado. De longe, os pormenores se apagam, e necessito ainda envelhecer (porque a velhice é uma espécie de ausência) para que tenha a perfeita compreensão das coisas.

E, contudo, a minha passagem pelo tumulto dos jornais foi apenas um breve momento, sem brilho.

Passei num trecho de planície sem quedas nem elevações, mas levemente arrugada de pequenos arripios.”

“Corrê-la, agora, a pospelo, dar-me-ia a idéia de um romance ou de um livro de memórias. Mas, na imprensa, para que é um livro? Só as mulheres, creio, sabem o segredo de ler um romance no jornal; só elas sabem intercalar um dia entre dois capítulos e marcar com a fita áurea e diurna do sol a leitura interrompida.

Falar da vida de imprensa uma pessoa que não sentiu quase nunca a paixão política e nem se interessou pelos vaivéns das questões sociais, é verdadeiramente um excesso que faz sorrir.”

Assim, como se vê, política e tribuna, uma tão irmã da outra, jamais foram preocupações do seu espírito, desatento e desinteressado no tumulto das agitações, e sorrindo sempre, sem azedume e sem mágoa, pois sabe que sòmente na humildade filosófica existem as verdadeiras delícias do espírito.

Busca uma explicação para essas aversões desnorteantes, e voltando ao passado já distante, surgem reminiscências, pitorescas passagens da vida provinciana, fatos que sobem à tona da memória:

“O primeiro jornal que conheci foi o da minha terra natal. Era uma fôlha pequena, mal impressa, de caracteres ilegíveis; aparecia, às vêzes, em papel pautado. O redator passava por desequilibrado e quase doido; sem embargo desta circunstância (que era verdadeira) a fôlha intitulava-se A VOZ DA RAZÃO”, e foi longamente escutada.

Assim, a observação e a censura, traduzidas nas reminiscências, que lembram os primeiros e já sérios passos do jovem estudante,

observador e crítico desde então das modas e viço da vida provinciana, bem guardadas, nunca esquecidas, guiariam a trajetória do intelectual.

Não! A política e a tribuna, sempre fascinadoras, irmãs gêmeas, e, às vezes, de vida efêmera, jamais prenderiam com os seus encantos e com os seus engodos a inteligência de pioneiro das idéias novas no mundo amplo do pensamento.

O que importa ver na vida e obra do escritor, pena amestrada e segura, e de tão ricas facêtas, é a penetrante argúcia do trabalhador assíduo, as suas incursões pelos domínios da literatura, renovando os métodos, desvendando belezas, apontando roteiros, desbravando caminhos ignarados, humilde e feliz na glória do constante labor, aprendendo e ensinando, sem aspereza e sem fel, construindo cada dia um mundo nôvo e vivo.

“E não sei mais; as minhas reminiscências perdem-se no tom atmosférico e longínquo daqueles tempos. De todos os jornalistas, porém, da minha província o tipo mais curioso e bem acabado que jamais houve, foi o do Padre Félix. Era um abolicionista e talvez por essa causa, de cá o conhecia o Imperador, como vim a saber mais tarde. Era porém jornalista venal, corruptíssimo e perverso; o seu jornal, talvez útil, era como órgão fecenino da cidade por onde se dessoravam e escoavam as podidões morais. A sua especialidade era o doesto e a descompostura por dinheiro. Tinha o vocabulário completo de tôdas as regateirices, ferramenta afiada do ofício. Sabia escangalhar um sujeito. Contudo, afetava grande seriedade. (Eu que sou um homem sério... era a expressão predileta) e dava-se como regenerador dos costumes.”

Guardando dos tempos da primeira mocidade impressões tão rebarbativas e comprometedoras do papel da imprensa e da conduta dos que por ela passavam, e dela se serviam para a chicanice dos fáceis ataques e fonte de recompensas inglórias, João Ribeiro, mesmo na grande metrópole, e à sombra de Rui Barbosa, no tempo de Patrocínio, de Guanabara e tantos outros arautos e pelejadores, jamais se deixou torcer.

Figura realmente notável, e singular, João Ribeiro, começando môço a sua carreira de professor de línguas, dedicando-se, sobretudo, ao estudo do vernáculo, logo no início soube abrir um caminho nôvo, dentro do gênero das primícias intelectuais.

Ninguém pode negar a atração que sôbre todos exerce a sua didática.

Abordando graves problemas de sintaxe João Ribeiro transforma o árido aprendizado da gramática num torneio simples, fácil, de regras rapidamente assimiláveis.

Quando estudante (deixemos aqui nossa confissão), sempre tivemos uma profunda ojerisa pelos estudos simplesmente gramaticais, e, ainda hoje, muito embora reconhecendo a sua capacidade pedagógica, o seu esforço nobre e louvável, não sabemos ter simpatia de discípulo pelo ilustre autor da Gramática Expositiva, Eduardo Carlos Pereira, cujos livros sôbre o assunto, oficialmente aceitos, são principalmente indicados pelos que fazem da cátedra uma fonte de preceitos dogmáticos.

Começamos a compreender a lógica da linguagem, bem como as delicadas controvérsias, não quando leitor de Eduardo, mas depois, quando tivemos em mãos, acidentalmente, e já militante da imprensa, o volumezinho de João Ribeiro, a sua gramática, simples, clara, sem rigorismos, retrato perfeito e admirável do que seria, e em tôda a vida foi, o seu autor.

Não afirmando nunca, mas fazendo sempre supor, e sempre suspenso no seu ceticismo profundo, mesmo nos momentos mais decisivos de sua crítica de filólogo diletante, espírito a vagar pelos caminhos das mais complexas teorias, João Ribeiro mesmo conversando jamais dava às suas palavras a intenção de uma resposta última.

O que importa, entretanto, é ver que a sabedoria posta na delicada e displicente lição, satisfazendo plenamente o ansioso interlocutor, fechando o assunto, abria para a inteligência um outro cenário, surgindo de cada dúvida um encanto nôvo e surpreendente.

Foi justamente a elegante simplicidade do professor, amigo sobretudo da estética, mais que da rigidez das formas, que deu lugar à aceitação franca do seu professorado.

Cada vez menos categórico, abrindo sempre caminho, nôvo capítulo, transforma-se o mestre num clássico de estilo moderno, ao mesmo tempo que correto, em tudo fazendo ver que a lógica do gramático se ajusta perfeitamente aos sonhos do prosador.

Tamanha a facilidade de síntese e exposição clara que possui, que, saindo da gramática, e entrando pelos caminhos sempre confusos da história, faz com esta o que já houvera feito com aquela.

Num e noutro campo, como todos sabem, viveu tôda a vida, ora ensinando da cátedra, aos moços, ora das colunas do JORNAL DO BRASIL, cuja secção **Dia Sim, Dia Não** jamais deixamos de ler.

Complexo, vário, o encanto da sua cultura, profunda e forrada da erudição mais pura.

Nunca se derrama em léguas, e sempre claro e sintético.

Comprime-se satisfeito dentro num quarto de coluna, e tão naturalmente nêle se ajusta o assunto, abordando o crítico o problema mais sutil, que não há ninguém sem delícia ao sair, deixando o proveitoso e deleitante convívio, e às vêzes um simples conceito paga um dia de estudo.

Conhecemos de perto o Mestre. Na intimidade do lar.

Metido em modesto pijama, de boné à cabeça, escondendo a calva, tendo a espôsa ao lado.

Bela figura simples e respeitável de senhora, serzindo meias, ora levantando a voz para colaborar com uma informação sempre aceita, recebida carinhosamente.

João Ribeiro, assim, o mesmo de sempre, e o mesmo que lá fora, simples de uma gravidade risonha, inspiradora de alegre e respeitosa confiança, dentro no seu gabinete de estudo, conversando com serenidade de estudante despretensioso.

Vê-lo era um verdadeiro encanto.

Era a inteligência a passear pelos países mais ignotos da cultura, um viajante sempre encantado e sempre sereno, nunca apressado nas comparações, mostrando à flor dos lábios um sorriso leve e irônico, feito de bondade, e por isso consolador, e de sabedoria, e por isso profundo.

Grande era a notoriedade do seu nome.

Corriam por tôdas as escolas os seus livros, professôres de muita gente, já crescida, e ainda manuseados pelos mais curiosos, mestres depois, e estudiosos da língua.

A Gramática, geralmente conhecida, vencedora de muitas edições, numa repetição da vitória dos livros Macaúbas, o velho Abílio César Borges, Fausto Barreto, e poucos outros, raros e nobres espíritos zelosos da graças da linguagem.

Lia-se Oriente e Grécia, História da Civilização, Páginas de Estética, Autores Contemporâneos.

Considerado já era no seu Estado natal como um dos filhos mais notáveis pelo saber, conceito justo que faziam todos os patrícios, apreciando-lhe a constante produção livresca, sempre valiosa, e a ininterrupta colaboração nos jornais, leitura certa dos leitores mais atentos.

Louvavam-lhe os críticos a originalidade, as novas diretrizes que imprimia aos estudos lingüísticos, no desenvolvimento de velhos temas, e a graça nova de um estilo elegante pela singeleza e nobre pelo primor de um vernáculo bem cuidado, renovado, a cada passo pelas criações do escritor.

Já era assim o historiador, o filólogo consagrado, o ensaísta divulgador e analista de teorias, e a bagagem, aumentando cada vez mais, expandia-se por todos os domínios das letras, numa amplitude e prova de trabalho verdadeiramente exemplar, prova que soube dar o ilustre sergipano até os últimos dias.

Não nos recordamos bem.

Foi em 1912 ou em 1916?

Mas o fato é verídico.

Para confirmar é bastante uma consulta aos jornais da época, curiosidade que já tivemos.

Obra de alguém talvez algum estudante brincalhão, ou colega despeitado, ou apenas qualquer confusão, o certo, não se sabe como, chegou ao Estado de João Ribeiro um telegrama dando notícia da sua morte.

Num momento correu a notícia, fazendo o seu natural percurso, e enchendo de tristeza todos os patrícios.

Começou, então, a aparecer o necrológio na imprensa em notas que se alongavam enchendo colunas e colunas, derramando-se num

pranto comovido de saudade, e em lamentações profundas mostrando a gratidão de todos e o muito que se devia ao grande morto.

Manuseando velhos jornais daquele tempo encontramos mesmo um longo artigo de Jackson de Figueiredo, longo trabalho de quase duas colunas, versando sôbre o passamento do eminente conterrâneo.

Jackson ainda andava por êsse tempo distante fazendo os seus estudos superiores, e a escrever notas de um sabor bem diferente, muito distanciado daquele outro que seria mais tarde, até o fim, a sua paixão mais viva, permanente atitude da sua inteligência, já apaixonada, voltada definitivamente para a Igreja, reacendendo a chama de um catolicismo meio dúbio e que com êle se fêz legião e fôrça realmente viva e prestigiosa.

João Ribeiro, no Rio, ao tomar conhecimento de tantas lamentações e carinhos, palavras que já ecoavam bem longe, imediatamente procurou consolar os seus patrícios e amigos, e resolveu assim passar um telegrama, desmentindo os pregões da sua morte.

Ainda está bem vivo, e como se aproximam as eleições aproveita-se da oportunidade para indicar o seu nome desejoso de merecer os votos dos conterrâneos.

Ingenuidade de sábio ou sagacidade de político?

Não sabemos de nenhuma outra atitude do mestre reveladora de desejos de mando, e só aquêle telegrama, parece-nos, continua sendo a única nota em tôda vida, e atrás dela o sorriso de João Ribeiro, que assim pagou, com ironia, as tantas flôres e palmas do seu primeiro enterramento.

João Ribeiro, ou João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes, que era assim no comêço o seu nome, depois muito menor, e também maior, cético, só se interessava realmente pela cátedra — não a de jurista, que não quis ser, abandonando cedo as coisas do Direito, mas a de professor de línguas, e, com esta, a de História.

Nenhum voto teve nas eleições, nem naquelas nem em outras quaisquer, a não ser na Academia, e nunca viu o seu nome lembrado, e não era má vontade de ninguém, pois, o voto, então, como ainda hoje, apenas indicava a aceitação por parte do eleitorado de um nome, e o de João Ribeiro, como o de tantos outros, também era de valia e respeitosa estima.

O menos orador que é possível, no seu próprio juízo, nem mesmo em se tratando de temas do seu agrado, mostrava-se desejoso de aparecer na tribuna, dela fugindo sempre, nunca, entretanto, deixando de louvar, reconhecendo noutros a coragem que lhe faltava, o que se observava na justiça de juízos sôbre muitas figuras.

Talvez por isso, não passasse de pilhéria aquela atitude, assumida no telegrama de agradecimento e de candidato a uma cadeira no Congresso.

Nem era tão ingênuo e não amava a tribuna.

Não era de largos gestos, nem de derrames verbais.

Sabia esquecer, como poucos, certos ressentimentos, e a si mesmo perdoando, renovava constantemente a alma, contradizendo-se e corrigindo.

Depois da fuga, aliás esperada, dos eleitores, todos os amigos e admiradores tão pesarosos da véspera, não da parte do candidato, que tudo esqueceu, mas dos próprios conterrâneos, começou a nascer no seu Estado uma prevenção contra a sua ternura filial, à tona em vários momentos, e até certa vez o próprio Instituto Histórico o considerou inimigo da sua terra.

João Ribeiro que continuava nas letras a elevar o berço natal, enchendo de pensamentos bons e produtivos o cenário da Pátria, vítima de uma acusação sem fundos de verdade, e talvez política e interesseira.

Mas a verdade é que nunca deixou de querer bem à sua terra de origem.

Conversando, ali, num canto da salinha, acolhido pelo mestre numa tarde friorenta e enevoadada, êle, carinhosamente, mostrando ao conterrâneo, através de perguntas, o seu interêsse por Sergipe, muitas vezes repetindo o nome desta cidade, recordava trechos da sua infância, e assim me falava daquele seu constante amigo — Antônio, Dr. Antônio Bragança, tecendo amáveis conceitos a respeito dessa figura de clínico ilustre, cuja amizade para o seu coração refletia tôda a beleza e emoção do poeta adolescente, enamorado e perdido no amplo cenário verde e risonho destas paisagens.

Os olhos umedecidos, agora distantes, abriam-se num sorriso amigo, e eu vi tôda a sua alma agradecida e feliz, sabendo que aqui também se lhe fazia justiça, e todos louvavam a bondade do seu coração e a grandeza do seu trabalho.

DOM MÁRIO DE MIRANDA VILAS-BOAS

(Falecido a 23 de fevereiro de 1968)

O "ADEUS" DA ACADEMIA

Palavras do Acadêmico J. FREIRE
RIBEIRO, no cemitério Santa Isabel

VENERÁVEL PRÍNCIPE, LUMINOSO COMPANHEIRO E
AMIGO :

Ao saber, logo cedo, que o Senhor te chamou, o Livro Sagrado, na sapiência eterna das suas letras, pôs aos meus ouvidos estas palavras: **Mane semina semen tuum — Pela manhã semeia a tua semente.**

Partindo dêste para o outro lado da vida, na ascensão solar do dia mal nascido, o teu espírito continuou, no espaço e no tempo, a sementeação do Evangelho a que seguiste, no apostolado da tua vida sacerdotal edificante, ilustríssima, consoladora!

Fôste, realmente, uma figura transbordante de claridade... Sofreste as experimentações de Jó, os sofrimentos de Jó, as torturas de Jó; mas, nesses crepúsculos de agonia, jamais deixaste de louvar o Senhor que te colocou aos ombros a púrpura dos Seus príncipes, e na tua cabeça veneranda e sagrada a coroa que fere, e alumia o caminho à procura da Terra Santa — a Canaã —, prometida aos Justos e Santos de DEUS.

Viste silenciar nos teus lábios, nos tremores da matéria contingente, a palavra encantada com que traduzias, nos grandes dias da Igreja, as grandezas da Fé e o esplendor da cana que se fêz cetro

nas mãos do Mestre Incomparável, do Senhor dos Senhores, do Rei da Misericórdia e da Paz!...

Árvore ferida na tempestade, os teus braços e as tuas mãos sagradas, paralizados não mais compassaram o teu pensamento em fúlgida eloquência, quando esplendias nas tribunas cristãs nos dias pentecostais!...

A dor te fez maior, porque a dor santifica o homem que a recebe e sabe curvar-se ante os altos e misteriosos desígnios da Providência!...

Hoje, DEUS, chamando-te, auferiu as tuas renúncias, os teus sofrimentos, dando ao teu espírito a libertação desejada.

Bispo de Garanhuns, Arcebispo do Grão-Pará, da Paraíba, o teu nome ficará por onde passaste, como a estrêla anunciadora, na noite santa! A estrêla dos magos, conduzindo-nos ao Senhor Jesus Cristo.

Traduzem estas palavras, Dom Mário Vilas-Boas, dos teus companheiros da Academia Sergipana Letras adeus profundo e imperecível saudade, na saudade imperecível do teu vulto estelar!...

Dom Mário de Miranda Vilas-Boas:

Nesta hora solene e na tristeza e na mágoa que nos abrumam; neste instante em que no Grão-Pará o rio Amazonas, num **Requiem** de profundos clamores, chora nas pororocas bravias, enaltecendo o teu pontificado, a terra de Sergipe del-Rei é mais santa no guardar o teu corpo até o novíssimo dia em que ressurgirás, vencendo o tempo e a morte, ao som da trombeta angélica, na aurora eterna do Paraíso.

POESIA MODERNISTA

Dr. JOSÉ OLINO

Ainda não consegui gostar da poesia modernista. Até gostaria de gostar dela. É muito mais fácil. É muito menos trabalhosa, porque não é nada exigente. É muito mais acessível, do que resulta ser muito mais barata, chegando para todos. Não vão os seus adeptos fazer beicinho por isso. Quem dera ter outras oportunidades de empregar o adjetivo barato, para mim, que só tenho o que comprar e nada que vender! Mas vejamos como cheguei a tal conclusão. Há leis que não passam na Assembléia, não sofrem veto do govêrno, não dependem da interpretação do consultor jurídico nem precisam da reforma da Constituição. São as leis naturais, que para a gente saber não precisa ser bacharel nem advogado. Há uma delas que diz: "O valor de uma cousa está na razão inversa da facilidade de sua obtenção." Vejamos agora o trabalho que teria um poeta modernista se fôsse encarregado de pôr em versos uma historieta bem curtinha, para poupar espaço. Tomemos uma fabulazinha de Esopo, a mais curta dentre as mais conhecidas: **A Rapôsa e a máscara**. Fedro adaptou-a ao latim com quatro versos apenas. La Fontaine, o mais famoso dos fabulistas estrangeiros, dilatou-a para dez ou doze, substituindo a **máscara pelo busto**. Contemos o caso em prosa, resumidamente, conservando só o sentido do original, substituamos também a **máscara, não pelo busto**, que ainda é mais difícil de encontrar, a não ser que viesse ao Instituto Histórico, mas por uma simples boneca de pano. Quanto à rapôsa, conservemo-la, como fizeram os outros. Também aqui as há. Azar das nossas galinhas:

Mas olhando do outro lado,
Viu ser cheia de capim!

Igualzinha a tal boneca
Sei de gente por aí
Que tem palha em vez de "telha"
Por detrás da platibanda.

Está aí já uma poesia metrificada, como as regras exigem. A rima não é obrigatória. Dos mais antigos clássicos aos mais modernos, é o que não falta. Mas com rima ganhará muito, mas já se torna mais difícil ainda, pois diversas palavras terão de ser mudadas, até achar umas para as últimas de cada linha que consõem entre si. E, como as novas palavras o mais das vezes não têm o mesmo número de sílabas das substituídas, terão de ser trocadas também muitas do interior do verso por outras maiores ou menores, para que se dê a necessária compensação. Esse aumento da dificuldade, pela lei natural citada, só poderá redundar no aumento do valor do trabalho.

Vamos tentar?

Ia passando a Rapôsa,
Quando viu ali no chão
Uma bela e estranha cousa
Que lhe chamou a atenção.

Uma boneca! De rosto
Era ver um querubim;
Mas, olhando o lado oposto,
Viu ser cheia de capim!

Esta boneca é da igualha
De alguém que por aí anda
Que, em vez de "telha", tem palha
Por detrás da platibanda.

E agora?

Eu poderia parar aqui, pois já mostrei o que queria, mas estou a adivinhar que muita gente está querendo dizer que, isso de versos

todos iguaizinhos, com o mesmo número de sílabas, também as leis métricas não exigem. E que tem visto poesias não modernistas, ou pelo menos, de poetas não modernistas, com versos de todos os tamanhos, misturados sem a menor disciplina possível. Eu sei. Nas poesias chamadas de forma livre os metros (chamo metro ao tipo do verso, quanto ao número de suas sílabas) podem misturar-se, independentemente de qualquer lei ou simples recomendação. Mas não prescindem das obrigações do ritmo nem do limite máximo das doze sílabas. Mesmo assim não devem ser feitos soltos, isto é, sem rima, aliás, sendo recitados, dariam a impressão de simples trechos de prosa poética, como algumas páginas da *Iracema*.

Vamos tentar o mesmo assunto nesse gênero:

Um dia em que a Rapôsa
voltava de um passeio matinal
nos fundos de um quintal,
avistou qualquer cousa
perdida ali no chão,
que logo despertou sua atenção.

E, como estava tudo ali deserto,
sem cheiro, ao menos, de algum cão por perto,
aproximou-se mais e examinou
primeiro, com o olfato,
depois com o tato,
que os outros dois sentidos confirmou.

Era uma linda boneca
que ali fôra perdida ou abandonada
depois de ter servido de peteca
de alguma dona rica e desalmada.

Caindo além da cerca,
Se perdera.
Que importa que se perca,
disse a dona,

eu tenho outra grandona
de cêra.
Também aquela estava já rasgada
por trás.

E não servia mais
para nada.

E foi assim
que, por êsse rasgão
que na queda aumentou,
a Rapôsa que a viu ali no chão.
notou
que era por dentro tôda de capim.

A Rapôsa, filósofa olhou
e deixou-a ficar onde a encontrara
enquanto assim monologou:

—“ Conheço muita gente que, de cara
é tão bonita assim,
porém, cuja cabeça,
julgada pelo que lhe sai da bôca,
ou deve ser inteiramente ôca,
ou, no máximo, como essa
cheinha de capim.”

Já o sonêto, a mais difícil e exigente composição poética, nada
dispensa do ritmo, da métrica nem da rima:

A Rapôsa e a Máscara

Eis comparação que calha
A alguns tipos destas bandas:
São como casas de palha
Com frentes de platibanda.

Alguns dias depois do carnaval
Uma Rapôsa, que com fome vinha,
Achou lá pelos fundos de um quintal
Linda máscara, em vez de uma galinha.

A beleza da máscara era tal,
Que, se seu molde vivo fôsse, tinha
Arrebatado em votação total
O título de miss ou de rainha.

Mas quando olhou pela entreaberta bôca,
Foi que notou ser ela por detrás
Tôda vazia, inteiramente ôca!

Há gente — diz — que as faces em leilão
Vendendo, ganharia cabedais;
O cérebro, porém, nem um tostão!

NÃO SE HUMILHE A BARROSO ...

PROF. SEBRAO, SOBRINHO

"Camarado, this is no book
Who touches this, thouches a man.
Walt Whitman — SO LONG.

Personifica o Almirante Barroso a todos os marinheiros heróicos do Brasil, de Tamandaré, de Garcindo ao mais simples grumete pátrio. Não é uma divisa, é um Homem, o mais ágil manejador de velas de nossa Marinha. Rude lobo-do-mar, simbolizará, como Nelson na Inglaterra, a Marinha Brasileira. Daí, andar muito bem o Governador Sebastião Celso de Carvalho em dotar a Capital sergipense com o busto do notável herói de Riachuelo, a maior batalha naval travada em águas da América do Sul.

Infelizmente, no zóccolo, no bronze, está gravada a frase inverídica, registrada em nossa História como típica do notável Almirante, na epopéia da Batalha de 11 de julho de 1865, em águas do Riachuelo: "O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA SEU DEVER".

Ora, tal frase não poderia ser dita por um marinheiro de um País, cuja fôrça maior seja o Exército, a arma de terra!...

No Universo, só a Inglaterra, a rainha dos mares, poderia proferi-la. Aos demais, seria paradoxal. No entanto, ela fulge na História do Brasil, como "frase típica" de Barroso, o rude marinheiro, bravo, leonino, mas iletrado, incapaz de tais arroubos, escravo da dura disciplina e de tal sorte que levava a Conselho de Guerra seus comandados mais heróicos, como o fez com o valente Garcindo, o sergipano Capitão-Tenente Aurélio G. Fernandes de Sá, o invicto Comandante

da PARNAÍBA! Marinheiro ríspido, taciturno, hábil manobrista, quando ordenava o arriar as velas para rijar, se havia demora, gritava: "O que é que pega? Areia, arreia essa gaiva!" Quando visitava um navio e, ao invés de um cabo para ajudar o escaler, lhe mandavam uma banda de música, queixava-se raivoso: "A gaita, que eu não preciso, essa vem logo; mas o cabo, que eu preciso, êsse não no tenho!"

Rasgue-se esta lauda mentirosa, êste desacêrto da História do Brasil, esta pseudofrase de um homem inculto como o Barão do Amazonas! Rasgue-se mais esta fantasia ingênua, atribuída a Barroso, a 11 de junho de 1865, criada por um ignorante e copiada, às-cegas, pelas ovelhas de Panurgo, incapazes de raciocinar, vítimas da pressa, da síntese nauseabunda de preguiçosos e de iletrados bocórios.

Tal frase foi cópia servil da Inglaterra, de seu célebre sinal náutico, a par do outro: "Combater a pequena distância".

"A INGLATERRA ESPERA QUE CADA UM CUMPRA SEU DEVER", o velho sinal de abordar da marinhagem britânica, êle e o outro conhecidos geralmente na História Universal como dos corsários britânicos e nunca dos nuncas, nunca jamais, jamais nunca "frase típica" de Barroso, referente ao Brasil em 1865, na Batalha de Riachuelo...

Tão bela frase, só adaptável a Inglaterra, que, na endecha mimosa de Castro Alves, "é um navio, que Deus na Mancha ancorou". Era já conhecida e admirada das gerações anteriores à daquele tempo do sanguinário déspota paraguaio. Coincidentemente, três dias antes de Solano Lopes atirar-nos a luva, ameaçando-nos, um periódico de nossa Província insinuava: "... dirá como Nelson em Trafalgar e Wellington em Waterloo; a Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever". Vide o *Correio Sergipense* de 27 de agosto de 1864 (*).

Retire-se, pois, da herma de Barroso no jardim Olímpio Campos essa frase, pertencente à náutica inglesa, que Nelson e outros marinheiros britânicos usaram, porque era um sinal, nunca por um

(*) A 30-IX-1864, o Marechal Ditador Solano Lopes, atirando-nos a luva, dirigiu extensa nota diplomática a nosso Ministro César Sauvã, em Assunção, ameaçando-nos de hostilidades, de guerra franca, isto é, muito antes da Batalha de Riachuelo, e já o *CORREIO SERGIPENSE*, — fonte de nossos bisonhos cronistas, três dias antes, fazia Wellington, em batalha campal, repetir Nelson, o Almirante que usara do antigo sinal náutico inglês, como o fizeram nossos Historiadores ao nosso Barroso da "frase típica", dêle, nada retórico, inimigo de toda ênfase, ensimesmado, rígido lôbo-do-mar.

Wellington usada, por um Comandante do Exército inglês, vitorioso em Waterloo, prova provada de que tal sinal se tem prestado para a ficção dos que falam verdade a mentir.

Pobre História do Brasil... Como se vê, trata-se de ficcionismo clássico. Se Nelson em Trafalgar, como Marinheiro, usou o velho sinal náutico britânico, não é verdade que o usasse um Comandante de Tropa pedestre, como Wellington! Barroso também não, pois não era senha de nossa Marinha.

O que é que se ensina mesmo em nossas lamentáveis Escolas?!

Não é divisa brasileira nem de nenhuma outra Nação, mas sinal náutico do RULE BRITANNIA do Leopardo da bandeira das navas da Grã-Bretanha, a secular pirata Rainha dos Mares.

Não se assassina a Verdade; é imortal.

Quem concebe, observa; quem associa, compara; quem julga, exprime e, desta operação, ser impossível postular-se o erro, informal à lógica. Estruturar é a obrigação de quem narra e a prova provada exclui toda ficção. Corolário da exegese é a realidade.

Em nome da Verdade, tornemos confete a "frase típica", atribuída a nosso venerável Almirante Barroso.

PÁGINAS INESQUECÍVEIS

Excerto da "Saudação" ao então Cônego Mário Vilas-Boas, quando da sua posse na célebre "Hora Literária", berço da Academia S. de Letras, no dia 16-10-1928, pelo Acadêmico Prof. JOAQUIM MAURÍCIO CARDOSO.

Senhor Presidente,
Meus senhores,
Minhas senhoras :

Desta tribuna augusta e respeitável, ainda uma vez a vossa paciência venho aborrecer.

Discurso hoje não faço; pequena saudação àquele que agora mesmo vem de se empossar.

Impele-me a êste feito impulso veemente que me vem do coração.

Dispor quisera eu, neste momento, das flôres da eloquência, dos recursos da oratória para vos dizer quanto nos merece o nosso companheiro; mas Deus onisciente favores desta sorte não concede a tôda gente. Privilegiados são sòmente os que a isto têm direito. Êstes, vós bem vistes, como se saíram de emprêsa tão pequena, enquanto que, para mim, tão dificultosa.

Ante festa tão simpática que vos poderá dizer quem em lastro vem de tudo, exceto de desejos grandiosos?

Tentemos um esforço.

O nosso companheiro, bem menino, vivia em S. Cristóvão, como Nureddin na cidade de Damasco, lá na Síria, estudando, indagando, perquirindo.

Jovem, rico inteligente, segundo Malba Tahan, Nureddin ouviu falar que em Laristan, lá na Pérsia, vivia um grande ulemá, o mais sábio talvez de todos os doutôres mais famosos do Islam. Nureddin, na primeira caravana que partiu, foi-se em busca da cidade onde vivia sábio tão famoso. Lá chegando, encontrou-o trabalhando humildemente no ofício de ferreiro.

Ao avistá-lo, o sábio perguntou:

— Que queres tu de mim, ó jovem forasteiro?

— Senhor, responde Nureddin, o meu atrevimento perdoai. Muito desejaria, se pudesse ser um dos vossos discípulos mais humildes.

— Que queres aprender?

— Da vida apenas a ciência verdadeira.

O sábio ferreiro, como única resposta, entre as mãos do jovem damasceno colocou de um fole a corda, e então lhe disse:

— Puxa esta corda! Conserva ativo o fogo nesta forja e depois ficarás sabendo para sempre qual será a verdadeira ciência desta vida.

Nureddin assim fêz durante um ano, sem do sábio ouvir mais outra palavra. Um dia dirigiu-se ao grande ulemá e disse:

— Mestre, eu queria saber em que consiste a verdadeira ciência desta vida.

— Espera, ó jovem impaciente, responde o velho sábio. Como queres conhecer esta ciência, se nem ao menos sabes esperar?

E Nureddin voltou de nôvo a trabalhar humildemente, continuamente, puxando a pesada corda do fole e conservando da fornalha o fogo sempre ativo.

Mais um ano ainda se passou. O sábio foi de nôvo consultado e Nureddin obteve igual resposta:

— Espera, ó jovem impaciente, espera ainda.

E assim dez anos se passaram.

Um dia afinal, quase vencido de fadiga, ao entardecer de um dia muito longo, magoado e muito triste, revolvía da fornalha as grandes brasas, quando o sábio se aproximou e ao de leve, batendo-lhe no ombro, disse assim:

— Podes voltar, meu filho, à tua terra, ao teu país natal, pois já levas no coração a verdadeira ciência desta vida”

E carinhoso concluiu: — Durante o longo tempo que aqui estiveste, duas grandes virtudes adquiriste: o amor ao trabalho e a paciência. Nisto apenas, ó jovem, se resume a grande e verdadeira ciência que aqui vieste aprender.

* * *

Pois bem, meus senhores, como Nureddin, o nosso Mário partiu de S. Cristóvão onde vivia e aqui veio estudar esta ciência. Levou também dez anos ao pé de muitos mestres.

Um dêles, o mais velho e respeitável, de nome D. José, ao vê-lo entrar, também lhe disse:

— Puxa, meu filho, com coragem, a corda da tua vocação sacerdotal e conserva sempre ativo o fogo da tua inteligência, que por fim acabarás sabendo o que tanto ambicionas.

E, de fato, o nosso Nureddin, dentro de dez anos, naquele areópago conviveu, num constante e assíduo labutar, até que um dia aquêle mesmo ulemá, sagrando-lhe as mãos e a cabeça, disse satisfeito:

— Podes voltar, meu filho, ao mundo donde vieste; vai tranquilo, que a grande e verdadeira ciência que aqui adquiriste, não te deixará cair em tentação, porque ela te apontará sempre a glória que é o sonho dos predestinados.

E foi com esta ciência que êle então pode conhecer o valor moral dos homens e das cousas, maxime da bela instituição a que se filiou, e aqui o temos dela enamorado, vivendo por ela e para ela, sem um instante descurar os deveres sacrossantos do seu alto ministério. Sem ela, sem essa ciência que lhe aclarou a luz do entendimento, a nós nunca chegaria, e com a paciência dos santos com que mais êle convive, vai-se aparelhando para as lutas do saber.

Desta escola de sargentos, onde se vem exercitando, com a auréola dos heróis um dia há de chegar, pela fôrça do talento, aos altos postos da sua santa Igreja. E nem êle nem ninguém contestará que aqui tudo se subordina a um princípio muito útil, agradável e harmonioso.

Embora o espírito de incredulidade, no trabalho inglório de tudo demolir, não descansa um momento dêsse seu labor funesto, a “Hora

Literária” há de ser sempre a casa onde se estuda, se pensa e se medita, onde o espírito se concentra para depois explodir viridente e florejante, afrontando resoluto a ousada ignorância, inimiga poderosa e traiçoeira que não dorme nem descansa, tentando com esforço a verdade apoiar do seu triunfo, mas Deus que é sempre Deus vela pela “Hora” nos seus dignos ministros que são tantos, quanto ela aqui queira dar ingresso.

A sua convivência em nosso meio, desde o dia em que aqui se apresentou, tem sido só de honra e glória para Sergipe, de valor para esta “Hora” e de orgulho muito justo para o clero brasileiro.

Aceitai, ó digno consócio, esta saudação que é sincera como as intenções com que ora vos saúdo.

PALAVRAS DE SAUDAÇÃO (*)

Designou-me o Excelentíssimo Senhor Presidente da Associação dos Magistrados e dos Membros do Ministério, para, nesta noite de excepcional magnitude, fazer a apresentação do Desembargador e Professor LUIZ PEREIRA DE MELO às autoridades judiciárias, aos representantes dos órgãos auxiliares da Administração da Justiça e à Sociedade de nossa Capital.

Reveste-se, para mim, de tão alto sentido a incumbência que me foi confiada, em face da projeção social e da envergadura cultural da personalidade que devo apresentar-vos, que, sob o impacto da comunicação, senti que não estava, de modo algum, em condições de cumpri-la a contento.

Entendo, porém, que a disciplina, não a subserviência, é preciso que se ressalte, deve ser o apanágio do autêntico cultor do Direito; sempre um "idealista", porque o Direito leva à virtude e à perfeição.

Acreditando nesse princípio, talvez em razão das crebas leituras das magníficas obras de INGENIEROS, não pude, conseqüentemente, deixar de acolher a determinação do nosso ilustre Presidente, Desembargador OLAVO CAHET.

A incumbência é-me deveras honrosa, se bem que se me afigure grave e difícil. Grave, porque terei de dirigir-me a um auditório composto de homens de imaginação. Difícil, porque não se trata de proceder à apresentação de uma pessoa desprovida de merecimento excepcional.

O Desembargador LUIZ PEREIRA DE MELO fazia jus, nesta ocasião, a um trabalho que focalizasse, com riqueza de linguagem,

(*) Saudação do Des. ANTERO MONTENEGRO MEDEIROS, como orador oficial, em nome da Associação dos Magistrados e dos Membros do Ministério Público de Alagoas, na noite de 7 de novembro de 1964, recepcionando o Desembargador Prof. Luiz Pereira de Melo.

todos os ângulos, todos os aspectos de sua personalidade e de sua agitada vida intelectual.

A um de sua estirpe é que deveria ter sido conferida esta missão. E por que? Porque só os doutos possuem condições próprias para opinar sobre os grandes iniciados da cultura. Eles surgem como exceções no seio da humanidade. São quase sempre os Arautos do futuro, na feliz expressão de INGENIEROS, o sábio argentino.

O Desembargador LUIZ PEREIRA DE MELO, meus senhores, é, indubitavelmente, um erudito. Nêle não se agita apenas o jurista emérito, o cultor extraordinário do Direito: a ciência que versa sobre as formas de manutenção do equilíbrio social.

Na realidade, foram os seus profundos conhecimentos dessa complexa ciência, que estuda e analisa o fenômeno da composição das **normas de conduta** e indica a oportunidade em que as mesmas devem ser aplicadas, que conduziram o jurista LUIZ PEREIRA DE MELO ao Egrégio Tribunal de Justiça de seu Estado — o Estado de SERGIPE — berço de outros expoentes da cultura brasileira.

Sua cultura jurídica não se acha espelhada tão só nas decisões que tem prolatado. Ela está contida em outros relicários, em uma série de estudos, já divulgados. Alguns dêles figuram nas páginas da modesta revista que é mantida pela nossa Associação.

Mais ainda. Não se restringiu, não se circunscreveu ao árduo ofício de distribuir JUSTIÇA, que, no dizer do inesquecível RUI “é a mais eminente das profissões a que o homem se pode entregar neste mundo”.

Seu indescritível apêgo ao Direito legou-o ao magistério superior no Estado a que serve com denôdo e verdadeiro amor filial. É professor na Faculdade de Direito e na Faculdade de Ciências Econômicas.

Nesses núcleos de aprimoramento cultural, podemos compará-lo aos filósofos de antigamente, que, trasbordantes de entusiasmo, arrostando a indiferença dos tempos, procuravam esclarecer a mocidade, que, enlevada, seguia os seus passos. Faminta de saber. Ansiosa por compreender os mistérios da vida.

Sua inclinação para os estudos de caráter científico não fêz desaparecer nêle o interêsse, a atração pelo lado espiritual ou artístico da existência. A sublimidade lhe é inerente. Dedicou-se, também, à

literatura, e com tanto brilhantismo a ela se entregou, que foi eleito para a Academia de Letras de seu Estado.

São êstes informes que colhi às pressas, acêrca desta criatura admirável, que atravessou o caudaloso São Francisco para vir até aqui em cumprimento da sublime missão de divulgador da cultura, impulsor espontâneo de um processo de estimulação ou excitação intelectual entre comunidades irmãs, imbuído, ao que parece, daquela opinião proclamada pelo insigne Professor PINTO FERREIRA, na aula que nos ministrou, dias atrás, na Faculdade de Direito, de que “só a cultura torna os povos gloriosos”.

Professor LUIZ PEREIRA DE MELO! Silêncio, para que o mestre discorra, com sua larga experiência social e profundidade de conhecimentos jurídicos, sôbre o tema que escolheu: “A FUNÇÃO SOCIAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO”.

MESTRE: A cátedra é sua.

HOMENAGEM E AGRADECIMENTO

Ao editorar-se este número da *Revista da Academia*, vêm-nos à balha as convincentes palavras do inesquecível Dr. Carvalho Neto: "... depois das festas da inteligência sergipana, num ambiente sadio de alegrias, de espiritualidade, de idealismo, em que tem hoje, primado indisputável a Academia Sergipana de Letras, estava-lhe naturalmente indicado o novo passo a dar. A *Revista da Academia Sergipana de Letras* vem, pois, firmá-lo, a despeito da insegurança do terreno a palmilhar."

A nossa *Revista*, já no seu vigésimo terceiro número, tem levado a todos os Estados e Territórios do Brasil e até fora do país a cultura sergipana através das brilhantes páginas dos seus lídimos expoentes.

Esta edição da *Revista* devemos-la ao auxílio federal alcançado por intermédio de alguns dos nossos representantes no Congresso Nacional.

A partir de 1966, passou a Academia a ter, no orçamento da União a subvenção ordinária de NCr\$ 300,00. graças ao gesto louvável do então Deputado Federal Walter Baptista. Atendendo a um apêlo do Presidente da Academia, o Senador Júlio Leite destacou da sua cota a subvenção ordinária de NCr\$ 1.000,00 no orçamento para 1968, e o Deputado Federal Luiz Garcia, também a de NCr\$ 1.000,00 no orçamento para 1969. Ao Senador Leandro Maciel, a quem o Presidente endereçou idêntico apêlo, atribuímos a subvenção extraordinária de NCr\$ 2.000,00 no orçamento para 1968.

A todos êles a homenagem e o sincero agradecimento da Diretoria e de toda a Academia.

Homenagem e agradecimento também ao Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura Deputado Tarso Dutra, pela providencial autorização do saldo disponível da dotação orçamentária do exercício

de 1968, na importância de NCr\$ 1.617,72, conforme a comunicação telegráfica do ilustre Inspetor Geral de Finanças do MEC, Dr. Vicente Rodrigues, por intermédio de quem fazemos ao eminente Sr. Ministro veemente apêlo para que seja mantida e aumentada essa subvenção no orçamento federal dêste ano.

Não podemos deixar de mencionar o Dr. Rui de Lima Nascimento, pelo interêsse, presteza e lisura com que se tem ocupado das suas incumbências como procurador desta Academia em Brasília e no Rio de Janeiro.

Queremos agradecer também ao Estado e à Prefeitura de Aracaju as subvenções anuais de NCr\$ 48,00 e NCr\$ 100,00 respectivamente, destinadas à Academia Sergipana de Letras.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, particularmente às suas sucessivas Diretorias, o nosso profundo reconhecimento, pelo prestimoso abrigo que vem dando na sua sede à Academia.



Academia Sergipana de Letras

DIPLOMA DE ACADÊMICO

O Presidente da Academia Sergipana de Letras, tendo em vista os termos da ata da eleição realizada no dia _____ de 19____, confere a _____ este DIPLOMA DE ACADÊMICO _____, a fim de que possa gozar dos direitos e prerrogativas concedidos pelos Estatutos desta Academia.

Aracaju, _____ de _____ de 19____

Presidente

1.º Secretário

2.º Secretário

Auditor

Chichê do nôvo diploma de Acadêmico, com a redação e o modêlo que lhe deu o atual Presidente da Academia. O emblema acima, de um desenho do Acadêmico João E. Cajueiro, traz ainda, como se vê na capa da Revista, por divisa, então apresentada pelo falecido Prof. José Augusto da Rocha Lima e aprovada pela Diretoria, nessa época sob a presidência do Dr. Carvalho Neto, estas palavras de Horácio: Dare lumina terris.